

Diário de Lisboa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA-TELEX 1363REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICAEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

AVISO AOS ESTADOS UNIDOS

A U. R. S. S. não permitirá que o Vietnam do Norte sofra uma derrota militar

NOVA YORK, 29 — (R.) — O primeiro-ministro soviético, Alexei Kossyguine, avisou hoje os Estados Unidos de que a U. R. S. S. não permitiria que o Vietnam do Norte sofresse uma derrota militar.

«A agressão norte-americana deparará com uma reacção cada vez maior» — declarou Kossyguine numa entrevista publicada na revista «Life». «Existem forças suficientes no Mundo que continuarão a opor-se à agressão americana».

A entrevista privada, concedida em Moscovo, há 10 dias, foi a primeira concedida por Kossyguine, há mais de dois anos, a jornalistas ocidentais.

Interrogado acerca do seu papel como possível intermediário de Washington e Hanói, Kossyguine respondeu «Não possuo autoridade

de para efectuar conversações com alguém acerca do fim da guerra no Vietnam».

O chefe do Governo soviético acusou os Estados Unidos de não responderem, por duas vezes, às propostas norte-vietnamitas de conversações; durante a sua visita à Grã-Bretanha, em Fevereiro de

1967, e a seguir a uma declaração feita pelo ministro dos Negócios Estrangeiros norte-vietnamiano, Nguyen Duy Trinh, no dia 1 do corrente.

Afirmou que os Estados Unidos estavam menos interessados em conversações do que em ditar condições a um inimigo vencido.

Violentos maremotos — possível causa da perda dos submarinos francês e israelita

TOULON, 29 — (R.) — Técnicos navais sugeriram hoje que violentos maremotos poderiam ter causado a perda dos submarinos francês e israelita, dados como desaparecidos no Mediterrâneo.

Os técnicos frisaram que o desaparecimento do submarino israelita «Iqar» (Tubarão), com 69 tripu-

lantes a bordo, coincidia com um violento abalo telúrico que matara, na quinta-feira passada, cinco pessoas na Sicília.

O submarino francês «Minerve», com 52 homens a bordo, não regressou no sábado à base, de uma viagem ao Mediterrâneo Ocidental.

Vastas pesquisas aéreas e marítimas começaram ao alvorecer de hoje, mas não foram encontrados.

(Continua na última página)

Outro navio «espião» substitui o «Pueblo»

(Ler na página 13)

Nota do dia

ATAR E PÔR AO FUMEIRO

Nem toda a gente terá feito reparo numa pequena notícia que ontem publicámos, vinda de Celorico da Beira e referente ao seu último mercado semanal, onde, segundo se referia, haviam sido vendidas cinco mil arrobas de queijo da serra a um preço médio que se pode calcular em oitocentos escudos por arroba. Qualquer pessoa faz as contas: para a totalidade do produto vendido obtém-se o valor de quatro mil contos, o que não deixa de ser impressionante em relação apenas a um produto e para um mercado quinzenal; no outro extremo, o do valor por quilo, obtém-se um número ilgeramente superior a cinquenta escudos, o que evidentemente não é menos impressionante para as contas do consumidor. Perdida a sua origem no tempo, simultaneamente alimento rústico de pastores e sobremesa requintada de quem tem várias por onde escolher, o queijo é um produto de grande significação na economia dos povos, apurando-se a técnica e a fantasia na elaboração de uma grande va-

riedade de tipos e paladares, alguns dos quais de universal nomeada. Dos que se produzem entre nós, o tipo chamado «Serra» (de que Celorico é um dos principais mercados e para o respectivo Município a sua principal fonte de rendimentos) é um dos mais saboreados pelos apreciadores. Mas a cinquenta escudos na origem como o teremos nós ao alcance do consumidor? Nos últimos anos, o preço do queijo, como o do leite e de todos os seus derivados, tem conhecido uma curva de crescimento que, todavia, não é acompanhada por um esforço técnico de qualidade no sentido da fixação dos tipos regionais, pois essa característica é que faz o prestígio de um produto, seja ele qual for. Este esforço de qualidade temos de o ver presente em toda a espécie de trabalho, que sempre será duro e esforçado, por muita electrónica que se introduza na vida. E bem enganado andar quem julgue que lhe basta abanar o coqueiro para viver feliz — como o rato no queijo...

«A VOZ»

Há 41 anos que foi fundado o nosso prezado colega «A Voz», hoje dirigido pelo distinto jornalista que é o sr. Pedro Correia Marques. A todos quantos trabalham em «A Voz» enviamos felicitações pelo aniversário.

«GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE»

Uma bela iniciativa — opinião geral

Não está nas tradições do «Diário de Lisboa» enaltecer as suas próprias iniciativas. A realidade é a nossa melhor colaboradora — e a ela deixamos sempre a última palavra...

Foi o que aconteceu, uma vez mais, com o «Grande Prémio de Publicidade». O acolhimento que lhe foi reservado des-

dobrou-se poderosamente nas «frentes» onde o «Grande Prémio» reper-

cute: os publicitários, os artistas, o público.

(Continua na última página)

Esperemos que a Banca colabore na batalha para conquistar o pão de todos os Portugueses — afirmou o conde da Covilhã numa exposição sobre a nossa conjuntura económico-social

Efectuou-se hoje no Porto, onde aquela prestigiosa instituição de crédito tem a sua sede, a assembleia geral do Banco Borges & Irmão para apreciação do relatório e contas relativas ao exercício de

1967 bem como de outros assuntos incluídos na ordem do dia. O prof. dr. Soares Martinez, presidente da assembleia geral, abriu

(Continua na página seguinte)

HOJE—28 PAGINAS
VISADO PELA CENSURA

De ontem para hoje

A MORTE SOBRE RODAS

Era um esqueleto de olheiras negras e fundas, a dentuça cerrada e insensível, como de trituração, o todo envolto num albornoz gasto e sujo das caminhadas levas e, ao ombro, uma gadanha. Assim se figurava a morte, nos tempos em que ela surgia á maneira clássica. Mas hoje em dia, se a quiséssemos figurar apropriadamente seria talvez uma roda de automóvel, uma bicicleta ou moto. É que está a ser enorme a contribuição das estradas para os cemitérios. Morre-se nas estradas mais do que nos campos de batalha. Ainda ontem, no Pinhal da Torre, perto de Alpiarça, um automóvel foi embater num sobreiro, morrendo o condutor e proprietário do carro, sr. Francisco de Brito, de 69 anos, morador em Lisboa, na Av. da República, 48-B, 2.ª, esq. Na recta do Mindelo, perto do Porto, seguia na sua mão, o trolha sr. Alexandrino de Azevedo Ramos, de 35 anos, morador em Modivas; veio um automóvel conduzido pelo sr. Francisco Gomes, de Matosinhos, que o colheu e matou. Perto de Oliveira do Hospital foi o sr. José Maria Duarte, de 63 anos, morador em Chamusca da Beira, que foi colhido por um automóvel e morto. A entrada de Almeirim, despiu-se um carro conduzido pelo sr. Fernando Veissimo Faustino, de 25 anos, de Porto de Mós; morreu o passageiro sr. Miguel Ferro Marques, carpinteiro, de Vale de Cavalos, tendo ficado feridas mais quatro pessoas. Perto da Vila da Feira, um automóvel que ia para o Porto, conduzido pela dr.ª D. Judite dos Santos Nunes Baptista, moradora naquela cidade, foi embater violentamente num camião. Morreram a condutora e seu marido, o sr. Alfredo Martins Vieira Baptista, de 51 anos. Feridas ficaram uma filha do casal, de 3 anos, e uma servente, de 16. Perto de Barcelos, em Manhente, um carro despiu-se, conduzido que era pelo seu proprietário sr. Agostinho da Silva Marques, de 33 anos, que viera de França para casar. Com ele seguia a noiva, que iria ser sua esposa já no próximo domingo. O desastre foi devido a grande velocidade e uma travagem brusca. Feridos ficaram ainda dois menores que estavam no local.

Nada menos de seis mortos, no dia de ontem, e muitos feridos e sangue a correr nas estradas.

A BOTIJA DE GAS

Na Trav. da Quinta do Pau, á Amadora, moravam o electricista sr. João dos Santos Borges, de 65 anos, natural da Figueira da Foz, e sua companheira a sr.ª D. Ilda Lopes, de 50

anos. Os vizinhos notaram a falta do casal e ontem, depois de arrombada a porta, verificou-se que o casal estava morto, na cama, devido ás emanações de uma botija de gás.

FÁBRICA DE SERRAÇÃO

No lugar do Cruzeiro, perto de Oliveira de Azeméis, declarou-se um incêndio na fábrica de serração pertencente á firma Pálva, Alves & Tavares. Compareceram logo os bombeiros, que conseguiram fixar o fogo no pavilhão em que ele deflagrara, impedindo que as chamas se propagassem ao resto da fábrica. Ainda se impediu que ardessem muitas madeiras armazenadas. Os prejuizos são calculados em 400 contos.

O FREIO NOS DENTES

Estava uma praça da G. N. R. no serviço de vigilância no campo de futebol do Sacavenense. Espantou-se o cavalo que ele montava, derrubou o cavaleiro e atirou-se por ali fora. Pela Azinhaga da Noira Alta meteu á estrada de Sacavém. Ali passava um carro guiado pelo sr. João Luís Russo. Não conseguiu este evitar o choque. O animal morreu e os três ocupantes do carro ficaram feridos sem gravidade. O carro ficou muito danificado.

FÁBRICA EM CHAMAS

Esta madrugada, na Avenida Infante D. Henrique, perto dos Olivais, rebentou incêndio numa fábrica de lavagem, penteação e fição de lãs, pertencente ao Consórcio Lameiro de Portugal. Compareceram os bombeiros, quando o seu trabalho até ás 2 e 30, em que começou o rescaldo. Não se pode ainda prever quais tenham sido os prejuizos, mas segundo informaram os bombeiros a fábrica oferece boas condições de segurança.

A competente gestão do Banco Borges & Irmão e a personalidade do conde da Covilhã

postas em relevo na assembleia geral daquela instituição de crédito

(Continuação da página anterior)

a sessão e, depois de apresentar cumprimentos aos accionistas, proferiu algumas considerações no decurso das quais prestou particular homenagem á figura e notável personalidade do presidente do conselho de administração, sr. Conde da Covilhã, e enalteceu a acção do conselho de administração do Banco, salientando o novo ritmo de progresso imprimido á instituição no decurso do ano findo, na continuidade da extraordinária expansão operada nos últimos anos. O presidente da assembleia referiu-se ainda ao recente falecimento do sr. Carlos Guimarães Lello, membro do conselho de administração, cujo desaparecimento constituiu perda de vulto para a instituição. No decurso dos trabalhos usou também da palavra o accionista sr. dr. Antão Santos da Cunha que, em breve apreciação do relatório e contas apresentados, sublinhou com regozijo o desenvolvimento financeiro registado pelo Banco Borges & Irmão em 1967 e elogiou a orientação seguida pelo conselho de administração que se concretizou por notável consolidação da instituição a par de um dinâmico progresso que confirmaram a posição de relevo do Banco no esquema de organizações creditícias nacionais e bem dizem da inteligência e equilíbrio da acção levada a cabo por aquele conselho de administração.

Na sequência da ordem do dia, a assembleia geral apreciou e aprovou por unanimidade o Relatório e Contas do exercício de 1967 e o parecer elaborado pelo conselho fiscal, depois de ter ouvido a exposição do presidente do conselho de administração do Banco, sr. Conde da Covilhã, que a seguir publicamos e que constitui notável análise das condições, internas e externas, em que a gerência em causa se processou, assim como criterioso estudo dos principais elementos que influenciaram a evolução das actividades económicas nacionais.

«Continuidade da acção, na fidelidade ás normas e princípios que sempre dominaram esta antiga mas constantemente rejuvenescida instituição de crédito»

No uso da palavra, o sr. conde da Covilhã leu o seguinte discurso:

«A V. Ex.ª, Senhor Presidente, e a V. Ex.ª, Senhores Accionistas, tenho o prazer de renovar os protestos da minha muito elevada consideração, congratulando-me por, mais uma vez, vir desempenhar-me do honroso encargo de representar o Conselho de Administração do Banco Borges & Irmão nesta Assembleia Geral da illustre presidência de V. Ex.ª».

«Ao illustre Professor, ao esclarecido economista, ao eminente homem de Estado, Sr. Prof. Soares Martinez, dirijo, em meu nome e em nome do Conselho a que presido, respeitosa saudação. Aos demais membros da distinta Mesa desta Assembleia Geral igualmente dirigimos os nossos melhores cumprimentos».

«Julgo, meus Senhores, julga o Conselho de Administração, que os elementos oportunamente publicados e de que V. Ex.ª dispõe relativos ao exercício de 1967 tornam desnecessárias amplas considerações que se fizessem agora sobre as actividades do Banco naquele mesmo período e sobre a forma por que este Conselho procurou cumprir o mandato recebido de V. Ex.ª e mostrar-se digno da confiança nele depositada pela Assem-

bleia Geral. Reunidos e expostos com a clareza habitual, tradicional, nesta Sociedade, aqueles elementos reflectem o progresso obtido, as dificuldades atravessadas, aliás de ordem geral e externas, resultantes do condicionalismo económico do período, e a sua ampla superação, mercê de muitos esforços, de tenacidade, de inteligência e de equilíbrio, sobre os quais me permito insistir, apenas por entender que todos os méritos desses mesmos esforços cabem aos meus colegas da Administração. Por mim, somente reivindicarei para esta Instituição a utilidade extraída de uma longa permanência no sector do Crédito, o que lhe permite contribuir em termos válidos para uma definição do sentido da continuidade da sua acção na fidelidade ás normas e princípios que sempre dominaram esta antiga mas constantemente rejuvenescida instituição de Crédito, mortinha por origem e enraizamento, nacional pela extraordinária expansão operada nos últimos anos, através do espaço económico português».

Consequentemente, por julgar desnecessária agora uma mais ampla exposição, limitar-me-ei a palavras muito breves».

É de presumir que as dificuldades externas se mantenham impondo ás instituições bancárias a maior prudência mas maior abertura no apoio ás actividades fundamentais para a elevação do bem-estar material colectivo

«É de presumir que as dificuldades externas ás quais já aludi e ás quais aludi, com maior desenvolvimento e autoridade, o Conselho de Administração no seu relatório, se mantenham, obrigando as instituições de crédito a maior prudência, mas impondo-lhes, ao mesmo tempo, e na medida do possível, maior abertura ainda no apoio a actividades fundamentais para a sustentação e a elevação dos níveis de bem-estar material colectivo já atingidos e que constituem elementos do tipo de civilização da nossa época, fortemente influenciada por padrões económicos. Mesmo visando fins superiores, no plano nacional como no aperfeiçoamento do homem, não devemos nem por um momento esquecer as exigências de natureza económica que se nos deparam, sem a satisfação das quais a prossecução daqueles mesmos fins superiores pode ser afectada desfavoravelmente».

«Em face das tarefas que se impõem, perante as dificuldades previsíveis, tem a maior importância o papel a desempenhar pela Banca privada, pelo menos em sociedades estruturadas como a nossa, na base da liberdade e da iniciativa dos particulares. Têm de obter-se capitais em volume de tal modo elevado que os grandes patrimónios individuais, até porque são em número reduzido, não estão em condições de reuni-los, por muito grande que seja a contribuição individual de cada um para o progresso económico nacional. Os grandes capitais a reunir não de resultam, como acontece em todas as sociedades evoluídas, duma concentração de pequenos aforros, de economias médias. E estas não de ser orientadas pelos bancos de depósito, sobretudo por aqueles, como o vosso, que desde há muito merecem a confiança de numerosíssimos pequenos e grandes depositantes, industriais, artifices, a cujo trabalho, a cuja compreensão, a cujo espírito de economia, se deve, em larga medida, a grande obra de desenvolvimento económico do

país. Esperemos que a Banca, fiel ás suas tradições prestigiantes, consciente das suas responsabilidades, saiba abstrair de pequenos interesses particularistas, afinal de bem minguido relevo, para se situar ao nível que lhe cabe na cefesa das posições económicas da Nação, na batalha para a conquista do pão quotidiano de todos os portugueses».

Impõe-se um apelo ás possibilidades internas de capitais, evitando consumos superfluos, sem deixar de estimular os que concorram para o estabelecimento de indústrias competitivas nos mercados exteriores

«Nas grandes praças estrangeiras vão escasseando os capitais, porque os consumos têm aumentado em proporção superior á dos acréscimos de rendimentos. E porque esses capitais são solicitados com avidez por inúmeros países pobres que querem vencer rapidamente o seu atraso, as taxas de juro tendem a absorver a rentabilidade dos investimentos mais promissores».

«É perante tal conjuntura que se impõe um apelo ás possibilidades internas de obtenção de capitais, evitando consumos superfluos sem no entanto deixar de estimular aqueles que confirmam ao mercado interno a dimensão indispensável á criação de condições adequadas ao desenvolvimento do processo produtivo nacional, e ao estabelecimento em bases saudáveis de indústrias competitivas nos mercados exteriores».

«Nesse sentido há que procurar a criação de incentivos em sacrifício da satisfação de certas necessidades imediatas, para o que é necessário oferecer áqueles capitais a expectativa de remunerações futuras suficientes. Entre esses incentivos não se conhece nenhum mais poderoso do que a estabilidade, pelo que o desenvolvimento económico nacional reclama um clima de confiança nas instituições sociais e no poder de compra da moeda».

«Nunca se revelou entre nós uma tão nítida consciência dos nossos próprios problemas económicos»

«As dificuldades a que aludi não hão-de ser, de modo algum, irremovíveis. E, afinal, são tais dificuldades, ou outras semelhantes, que justificam a posição da Banca e dos banqueiros e reflectem a função social das suas actividades, as quais, graças ao trabalho persistente e digno de quem se tem situado neste sector, foram envoltas pela opinião pública num ambiente de consolador prestígio. Desejaria, meus Senhores, manifestar sentimentos de optimismo, de confiança. Apesar dos atrasos relativos, apesar dos factores externos desfavoráveis, verifico que nunca se revelou entre nós uma tão nítida consciência dos nossos próprios problemas económicos. E ter consciência deles constitui a condição fundamental para os equacionar e resolver».

Evocação da memória do administrador Carlos Lello, «exemplar homem de negócios»

«Meus Senhores: Por imperativos irremovíveis da própria natureza, não há agrupamentos de homens que não tenham de assinalar, através da sua vida, factos particularmente dolorosos. Agora mesmo, há poucos dias, lá após a publicação do Relatório e Contas respeitantes ao exercício de 1967, fomos privados, nesta nossa comunidade empresarial, da presença, do convívio, do nosso querido companheiro de Administração Carlos de Guimarães Lello, quando tanto havia a esperar ainda da sua experiência, da sua ponderação, do seu apurado trato, das suas múltiplas qualidades, enfim, que ficaram bem assinaladas através de uma vida exemplar de homem de negócios, situado no plano do alto comércio desta cidade. Carlos Lello deixa um sulco de funda saudade no coração de todos os que tivemos o privilégio de conhecê-lo, em longos anos de estreita ligação com este Banco, que nele perdeu um grande Amigo».

No final a assembleia sublinhou com calorosa ovação a exposição do sr. Conde da Covilhã.



AGENTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL:

J. CÂNDIDO DA SILVA

LISBOA — Avenida de Berna, 42-A — Telefones 760194 e 776340
PORTO — Rua de S. Luís, 12/22 — Telef. PPC 28251/4 e 37045
COIMBRA — Rua Dr. António José de Almeida 273/277 — Telef. 27417

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça Matosinhos Foz Avenida da Boavista Carvalho Rotundo, do Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República Bonfim, Antas, a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras e a partir das 19 horas.

GRIPE

Na profilaxia das epidemias gripais use

ARGOTONE

- À venda em todas as Farmácias -

Ora, diga-nos...

— Tem discos de música clássica?

É sabido que o mercado português do disco não é dos mais vantajosos, no confronto com os de outros países. O que é natural, na medida em que tal factor depende directamente do número de habitantes das cidades e do poder de compra que esses mesmos indivíduos, ao lado dos que povoam os centros rurais, possuem.

Compram-se discos quando se possui já outras coisas mais necessárias... e está tudo dito!!



● Quisemos no entanto inter-rogar três tran-seuntes, não já para saber se tinham, ou não, discos mas para determinar para que género iam as suas preferências.

— Tenho o hábito de ouvir música, em especial antes de me deitar — disse-nos o sr. António Ramos, empregado bancário. Mas optei

por ter um gravador, em vez de comprar discos e me sujeitar só à música que a rádio emite. Não tenho discos porque, vivendo sozinho, não posso as condições, digamos, de casa e tempo, para possuir objectos com os quais se devem ter certos cuidados. Gravo, no entanto, música de ambos os géneros.

● Falou-nos depois o sr. José Alberto Gaspar Antunes, aluno do Instituto Industrial do Porto, agora em Lisboa a cumprir serviço militar.

— Não aprecio música clássica, talvez porque não tenho bases para a compreender. Mas possuo um gravador, que me serve para fazer umas brincadelas com os amigos e, ao mesmo tempo, ter sempre a música «pop» de que gosto e «jazz» moderno. Optei por esta solução, em vez dos discos, porque a acho mais económica. Na verdade, com o gravador estou sempre actualizado por pouco dinheiro, porque posso sempre captar as últimas novidades.



VÃO SER EMPEDRADAS ALGUMAS ARTÉRIAS DE CELORICO DA BEIRA

Por decisão do Município local, vão ser empedradas alguns largos e ruas desta vila que se encontram em estado lastimoso.

Há, no entanto, que pensar no problema dos esgotos, o qual tem obstado a que Celorico tenha melhor aspecto, no que se refere a asseio. Consta, entretanto, que o problema está a ser encarado.

VIDA SOCIAL

CASAMENTO

Na residência dos pais da noiva, realizou-se o casamento da sr.^a D. Ana Maria Sá Pita com o sr. dr. Aziz Merali. O encarregado de Negócios do Paquistão, H. R. Choudhouri, oficializou o acto.

Os noivos seguem, dentro de dias, para a ilha de Moçambique.



● Finalmente, disse-nos o sr. Luís Fernandes Neves, jovem guarda-livros, de palavra clara e fácil:

— Não tenho discos porque os acho pouco práticos, pois se partem, deterioram ou simplesmente desactualizam.

Há seis meses, no entanto, que comprei um gravador, que me serve para me entreter com os amigos, quando posso fazê-lo. Um deles toca viola e eu gosto de cantar. Mas isso só acontece aos sábados e domingos, e nem sempre, porque tenho muito que fazer. Até agora ainda não gravei praticamente música nenhuma, embora alguns amigos me convidem para lá ir a casa explorar a discoteca deles.

— Quanto a género de música prefiro a clássica, sobretudo de compositores alemães, e, em especial, Wagner. Mas também gosto de «yé-yé», quando é bem feito e não constitui uma dessas mixórdias que para aí abundam tantas vezes.

A VELHA CIGANA

SALA rodada até aos pés, rosto seco e tizado do sol, riscado por rugas fundas, a velha cigana andava de mesa em mesa a oferecer um corte de pano cor de lagosta desbotada. Toda de negro, oferecia o trapo em voz mansa mas espinha direita, com seu quê de desafio.

A cigana era sistemática-mente sacudida. A clientela estava preocupada com o bife ou o bacalhau com grão.

Alguns nem olhavam. Com um simples gesto despediam a velha bruxa e continuavam a mastigação. Esses não podiam ver o ricto de desprezo que se desenhava naquele rosto enegrecido pelo sol de uma vida nómada.

(A velha cigana não estava preocupada com a comida alheia. Andava no negócio, a vender o corte de pano. Quantas fomes, quantas noites ao relento naquela pele! Quantos quilómetros, através dos caminhos, tangendo burros pra feira, lendo a sina, pedindo umas batatas pra coia, armando a tenda, endurecendo e ensinando os filhos pra vida dura de sobreviver sem coleiras.

sem patrões, mas segundo as regras da raça altiva, segregada, mas não dominada. Quantos quilómetros naquelas pernas!).

A cigana chegara à mesa vizinha, onde um casal já estava no café.

— Custa só duzentos escudos.

— Não queremos.

— Quanto oferece?

— Não queremos, já disse!

— Berrou o marido, mal disposto.

A velha cigana percebeu logo que eu não a tratava mal. Leu-me nos olhos. Defendi-me. Não precisava, não queria, não estava interessado. Por isso nem cinquenta escudos oferecia.

Sorriu a cigana e acabou a volta das mesas. Eis que investe sobre mim, coloca o pano desbotado cor de tijolo ou de lagosta sobre a mesa e explica o sorriso de há pouco.

— Ninguém dá mais. Por cinquenta escudos é para o freguês.

— Mas eu...

A velha elevou a voz e endureceu o rosto.

— O freguês ofereceu. Não me diga que não é homem, que não tem palavra.

(Era o escândalo. A velha pressentiu que simpatia era fraqueza. Ela queria era vender o trapo. Ganhar para o jantar, para o vinho, para remédios prós filhos, fosse para que fosse. O que ela queria era os 50 escudos. Tinha de garantir o negócio. Se não fosse o «olho vê, mão pilla», onde estava já a tribo, a raça? Sentimentalismo é de barriga cheia).

Sai do restaurante, apesar de todos os raciocínios, um pouco vexado, sem uma nota de cinquenta que não contava gastar e com um trapo cor de lagosta cuja utilidade não descontinua.

Talvez por ter ficado um pouco fúrio me apercebi de que a conta do almoço era o dobro do que costumava pagar não há muitos meses. Mas a verdade é que não fui educado a vender burros roubados nas feiras, nem a dormir ao relento. Fui educado a usar gravata e a engravar os sapatos, todos os dias. Embora ande dias e dias sem dar lustro aos botins, o certo é que não vou longe.

Falta-me aquela dureza que faz da velha cigana uma estátua de aço, capaz de sobreviver a todas as hostilidades — do tempo e dos homens.

MANUEL DE AZEVEDO

ENCONTRAM-SE JÁ INSTALADOS EM EDIFÍCIO PRÓPRIO (na Avenida da Liberdade)

TODOS OS SERVIÇOS DA COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE

A partir de hoje, encontram-se, na sua totalidade, instalados em edifício próprio, na Avenida da Liberdade, 242, os serviços da Companhia de Seguros Tranquilidade. Esta manhã mesmo, foi para ali transferido o ramo de acidentes pessoais, o último que faltava, além do hospital e do posto médico que, desde hoje também, passam a funcionar naquele edifício, mas com entradas pela Rua Rodrigues Sampaio, 93 e 95, respectivamente. A centralização dos serviços num único local — encontravam-se, até aqui, dispersos por cinco imóveis — vem, sem dúvida, facilitar os trabalhos e beneficiar todos os clientes.

O imóvel, que é composto de oito andares, acima do nível da Avenida, dispõe ainda de três andares subterrâneos, estes com entrada privativa pela Rua Rodrigues Sampaio, pois o edifício torneja para aquela artéria, ocupando todo um quarteirão da Rua Alexandre Herculano.

No rés-do-chão, á entrada, funcionam os serviços de tesouraria e de pagadoria para sinistrados; as secções de automóveis, acidentes pessoais e riscos diversos, no 1.º andar; os ramos de incêndio, vida e actuariado situam-se no segundo. No andar imediato, é a sala dos administradores e do conselho de administração, dispo de luxuosos gabinetes para visitas. Anexos, funcionam os serviços de contencioso, delegações e agências e de prevenção, aqueles que mais

directamente contactam com a administração. Os serviços de secretaria e arquivo de impressos localizam-se no andar imediato, e as secções de contabilidade e centro mecanográfico, com computador electrónico, estão instalados no 5.º andar.

● Serviços médicos de assistência a sinistrados

Nos últimos três andares, localizam-se os serviços médicos de assistência a sinistrados, os quais dispõem de 3 blocos operatórios: para pequena, média e grande cirurgia; salas de recuperação, gabinetes médicos e enfermarias para homens e mulheres. A secretaria médica é dirigida pelo sr. dr. Mário Roque, director clínico da companhia. As enfermarias, que compõem o hospital, dispõem de 80 camas e estão divididas em compartimentos de 6, 4 e 3 leitos, podendo os internados receber as suas visitas em salas especiais para o efeito.

Nos andares subterrâneos, situam-se na sobreloja, os ramos marítimo e transportes e acidentes de trabalho, existindo no piso intermédio, situado entre aquela e a cave, a central telefónica e um arquivo de processos. Na cave, por onde é a entrada do pessoal, portanto com acesso pela Rua Rodrigues Sampaio, estão instalados os serviços de recepção a sinistrados, com salas de espera separadas, para doentes e sinistrados dos dois



O novo edifício

sexos; serviços de ortopedia e traumatologia; oftalmologia e revisões clínicas; audiografia e agentes físicos, gessos e Raios X. Por último, na subcave, situam-se os gabinetes para primeiros socorros e uma garagem, e ainda a central de ar condicionado quente e frio, e a central eléctrica com gerador próprio.

Os clientes, além de poderem

dispor de lugar para arrumação dos seus carros, são servidos por dois elevadores e os serviços clínicos contam com um elevador e um monta-camas que transporta os sinistrados. Simultaneamente com os serviços de produção ficam instalados os de sinistros. Prevê-se que a inauguração oficial, com a presença de várias individualidades, se efectue em Março.

TAUROMAQUIA

Trofeus da Imprensa

Os Trofeus da Imprensa, tauromaquia, foram este ano conferidos ao cavaleiro Luís Miguel da Veiga: ao «espada» Amadeu dos Anjos, e ao cabo do grupo de forçados amadores de Montemor-o-Novo, Joaquim José Capoulas.

Começaram as novilhadas

MADRID, 29 — (A. N. I.). — Novilhadas ontem realizadas na Espanha:

Em Gandia — Novilhos de Sanchez Arjona, que cumpriram, saíram para Florentino Casado «El Hencho» (orelhas e rabo). Curito Alcaide «El Tiburon de Malaga» (orelhas) e Juan José (orelhas e rabo nos dois).

— Em Valencia de Alcantara — Apresentaram-se num festival tauromáquico, para a lide de gado de Samuel Flores, os novilheiros «El Piero» (orelhas), José Fuentes, San-

chez Belarano (orelha) Angel Teruel (orelhas) e «El Bormujano», e o rojoneador Moreno (orelhas e rabo).

— Em Almeria — Curro de Francisca Marin, bem apresentado, saiu para os novilheiros António Garcia «Utrerrita», Manuel Maldonado (orelha e petição de outra) e Vicente Linares (orelhas).

O 11.º ANIVERSÁRIO do Futebol Clube do Prior Velho

O Futebol Clube do Prior Velho, de Sacavém, que ontem festejou o seu 11.º aniversário, foi visitado pelo presidente da Camara de Loures, sr. Joaquim Dias de Sousa Ribeiro, a quem os dirigentes expuseram os diversos problemas da colectividade e as necessidades mais prementes, entre as quais a do alargamento da sede.

SUPERPRAÇA REGEDOR

Rua Jardim do Regedor, 34 a 46 (Junto à Praça dos Restauradores)

INAUGURAÇÃO: 1 DE FEVEREIRO

Em ambiente requintado e acolhedor, as donas de casa podem adquirir neste moderno SUPERMERCADO tudo o que necessitam para a manutenção do lar, nas melhores condições de

HIGIENE, QUALIDADE E PREÇO

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- Fala-se na possibilidade de vir a ser o artista António Mourão a atracção da revista «Esta nossa Lisboa» a apresentar em breve no Teatro Monumental.
- O escritor Luís Francisco Rebelo escreveu uma peça para ser representada pela actriz Eunice Muñoz.
- Está prevista, para o Carnaval, a apresentação da revista «Arroz de miúdas» no Teatro ABC.
- O escritor Vasco Mendonça Alves foi convidado a escrever uma peça para a companhia de Amélia Rey Colaço.
- A companhia que está a apresentar no Porto a revista «Mulheres á vela» deve manter-se naquele teatro até ao primeiro domingo de Fevereiro.
- Só no final do ano deve ser inaugurado o novo teatro Maria Matos.
- A peça «A flor do cacto» mantém-se também em cena num teatro de Madrid.

TEATRO VILLARET

Depois de amanhã, Henrique Santana à frente de um grande elenco em «Um anjo de chapéu de palha»

O publico de Lisboa vai ter depois de amanhã no Teatro Villaret uma comédia cheia de graça e originalidade, que marca o reaparecimento na capital da Companhia de Teatro Alegre, depois da sua longa tournée por terras do Ultramar. Trata-se de «Um anjo de chapéu de palha», original de Janos Vancsar, na tradução de Jorge de Sousa, interpretada por Henrique Santana, no protagonista, Irene Isidro, Henrique Santos, Maria Helena, Rodolfo Neves, Anabela Rolando Alves, Benjamin Falcão, Luís Pinhão, Alice Carla, Luís Alcará e Vítor Hugo.

«Um anjo de chapéu de palha» conta-nos uma história do mundo de hoje com as «artimanhas» do mundo de sempre — a história duma grande empresa que contratou 999 homens. Mas entre esses 999 empregados havia um que não se distinguia em nada dos outros. Trabalhava dia e noite, respeitava os seus superiores e amava os seus semelhantes. Mas um dia... o espectador no teatro saberá o que aconteceu.

Trata-se de mais um espectáculo de Vasco Morgado e Raul Solnado.

MONUMENTAL

Há mais de sete meses no cartaz o êxito de «A Flor do Cacto»

Há mais de sete meses no cartaz, totalizando 260 representações, «A Flor do Cacto» continua a ser o espectáculo preferido pelo público, pois que mesmo os que lá viram tão magnífico espectáculo procuram tornar a vê-lo, motivo por que todos os dias às bilheteiras do Monumental aconce em elevado número. Agora que começaram a ser anunciadas as últimas representações naquele teatro, muito cedo ainda lá a lotação está esgotada.

Na verdade, «A Flor do Cacto» é uma comédia fora de série, com uma história fresca e alegre, interpretada por um elenco á frente do qual está Laura Alves com mais um desempenho ao nível dos seus melhores. Também Paulo Renato, na figura principal masculina, tem magnífica interpretação, no que é muito bem coadjuvado por Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Angela Ribeiro, Alexandre Vieira, Alda Pinto e Norberto de Sousa. Esta divertida comédia é original de Benjett G. Gredy e foi traduzida por Jerónimo Bragança. Encenação de Manuel Santos Carvalho, cenas de Pinto de Campos.

MARIA VITÓRIA

No teatro mais popular, a mais popular revista

No Teatro Maria Vitória (incontestavelmente o mais popular da capital)

continua o triunfo da excelente revista «Pão, pão... queijo, queijo», produzida por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, com texto de Anibal Nazaré, Eugénio Salvador e José Viana, música de João Nobre e Carlos Dias, montagem de Hernán e Ru Martins, figurinos de Mário Alberto, guarda-roupa dos Ateliers Paiva, coreografia de Mariano Franco, direcção musical de Carlos Dias, encenação de Salvador e interpretada por Eugénio Salvador, José Viana, a vedeta internacional África Prats, Mariema, Max, Aníta Guerreiro, a jovem e talentosa revelação Dora Leal, Vítor Mendes, Júlia Alves, Tânia Mota e Maria Antónia, bailarinos e bailarinas portuguesas e, também, a notável atracção mundial «Speed Crazy» (o carro-voador que consome gargalhadas devorando quilómetros de empolgante torrente de riso).

Todas as noites (às 20 e 45 e às 23 horas) o êxito chama-se «Pão, pão... queijo, queijo»: cinco meses em cena no cartaz do Teatro Maria Vitória.

VARIEDADES

Continua o triunfo de Solnado na super-revista «Pois, Pois...»

Na revista preferida pelo público entendido, Raul Solnado (o fabuloso do riso) marca encontro com o espectador no Teatro Variedades para lhe proporcionar duas horas de riso franco e pleno. Produzida por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, com música de João Nobre e Carlos Dias, montagem de Hernán e Ru Martins, figurinos de Mário Alberto,

guarda-roupa dos Ateliers Paiva, coreografia de Paulo José, direcção musical de Carlos Dias e encenação de Cortez, o maravilhosa super-revista «Pois, Pois...» patenteia a graça e o poder de impacto de Raul Solnado, Ivone Silva, Barroso Lopes, Armando Cortez, Francisco Nicholson, Carisse Belo, a voz diferente de Maria Teresa Quinto, a plástica da atracção brasileira Wanda Moreno, o azougue e ritmo do ballet inglês The Savoyage Dancers e, também, a presença correcta de Dina Maria, Simone Maria, Jodete Antunes, Sara Rafael, Fernanda Franco, Marília Gama, Nela Duarte, Sabine Cardoso, Gilberto Gonçalves e de bailarinos e bailarinas portuguesas.

Todas as noites em duas sessões (às 20 e 45 e às 23 horas) prossegue a coreografia brilhante de «Pois, Pois...», a super-revista que marca o retorno de Solnado aos grandes auditórios.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Mundial

Título: «A Viagem»
Produção: francesa
Realização: Denys de la Patellière
Interpretes: Fernandel, Lili Palmer, Lauren Terzieff, Madeleine Robinson, Philippe Noiret e Michel Auclair
Genero: comédia
Distribuição: Mundial Filmes
Processo: «Franscope» e «Eastmancolor»
Classificação: 17 anos

COLISEU

HOJE
às 21.30

(Maiores de 12 anos)

«NOITE DA MODA»

GRANDE COMPANHIA
INTERNACIONAL DE
CIRCO

ATRAÇÕES MUNDIAIS
ÚLTIMA SEMANA

Cápida
CASA PIRES D'ALMEIDA, LDA
TELEF. 32 07 00

Iniciou hoje, dia 29, os seus já famosos saldos de Algodões, Sedas, Linhos, Rendas, Bordados e outros

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES NO

MONUMENTAL

TEATRO

Telef. 55 51 33

As 21,45 h.

Domingo à tarde

às 16 horas

(ADULTOS)

7. MÊS

LAURA ALVES em

A FLOR DO CACTO

com PAULO RENATO • CARLOS J. TEIXEIRA

ALINA VAZ • ANGELA RIBEIRO • ALEXANDRE

VIEIRA • ALDA PINTO • NORBERTO DE SOUSA

encenação de SANTOS CARVALHO

Um espectáculo de VASCO MORGADO

DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ

Um filme de DENYS DE LA PATELLIÈRE

COM UM ELENCO EXCEPCIONAL

FERNANDEL

LILI PALMER • LAURENT TERZIEFF

PHILIPPE NOIRET • MICHEL AUCLAIR

MADELEINE ROBINSON

A VIAGEM

NOTÁVEL COMÉDIA SENTIMENTAL SEGUNDO O ROMANCE

FAMOSO DE **BERNARD CLAVEL!**

HUMANÍSSIMA NARRATIVA DE UM PAI QUE NÃO ACEITA A VERDADE DAS COISAS ...

FRANSOPE — EASTMANCOLOR

Adultos • Excl. MUNDIAL FILMES

AVISO

A EMPRESA DESTA CINEMA TEM O PRAZER DE COMUNICAR QUE É INAUGURADO, NA SOIRÉE DE HOJE, UM ESPAÇOSO E LUXUOSO «FOYER» PARA MAIOR COMODIDADE DO PÚBLICO



ESTA NOITE NO

MUNDIAL

O que vimos e ouvimos

HORIZONTE — Quando cheguei ao país do «Horizonte» transplanta-se o olho de vidro para o corpo de um cão. Não percebi muito bem do que se tratava, mas gostei. Dar a ver, mesmo que seja a um brinquedo, é obra de misericórdia.

O apontamento a seguir esteve tranqüilozinho. Madame Robinson e o sr. Jean Marais falaram alguma coisa para não dizerem nada. O sr. Jean Marais teve a melhor tirada da conversa quando disse: «Se gosto de fazer teatro ou cinema? Bem, isso depende da qualidade da peça ou da fita». Marque dois tentos, sr. Jean Marais.

Avizinha-se o mais valioso capítulo da rubrica. Mas antes tivemos uma calmanse sessão de «ballet». Ensaio. Todas as dificuldades devem ser vencidas com facilidade. Esta regra, boa para «ballet», serve para a vida prática.

Dizia eu que se avizinhava o mais importante capítulo de «Ho-

izonte». Queria referir-me á entrevista com o dr. Décio Ferreira.

Os nossos leitores poderão ler em pormenor um extracto das afirmações produzidas pelo ilustre cirurgião. Para já, a nossa convicção de que essa entrevista constituiu uma excelente ajuda para o esclarecimento da espinhosa questão do Barnard e seu Blalberg. Bastaria tal iniciativa para impor «Horizon-

HOJE PODE VER...

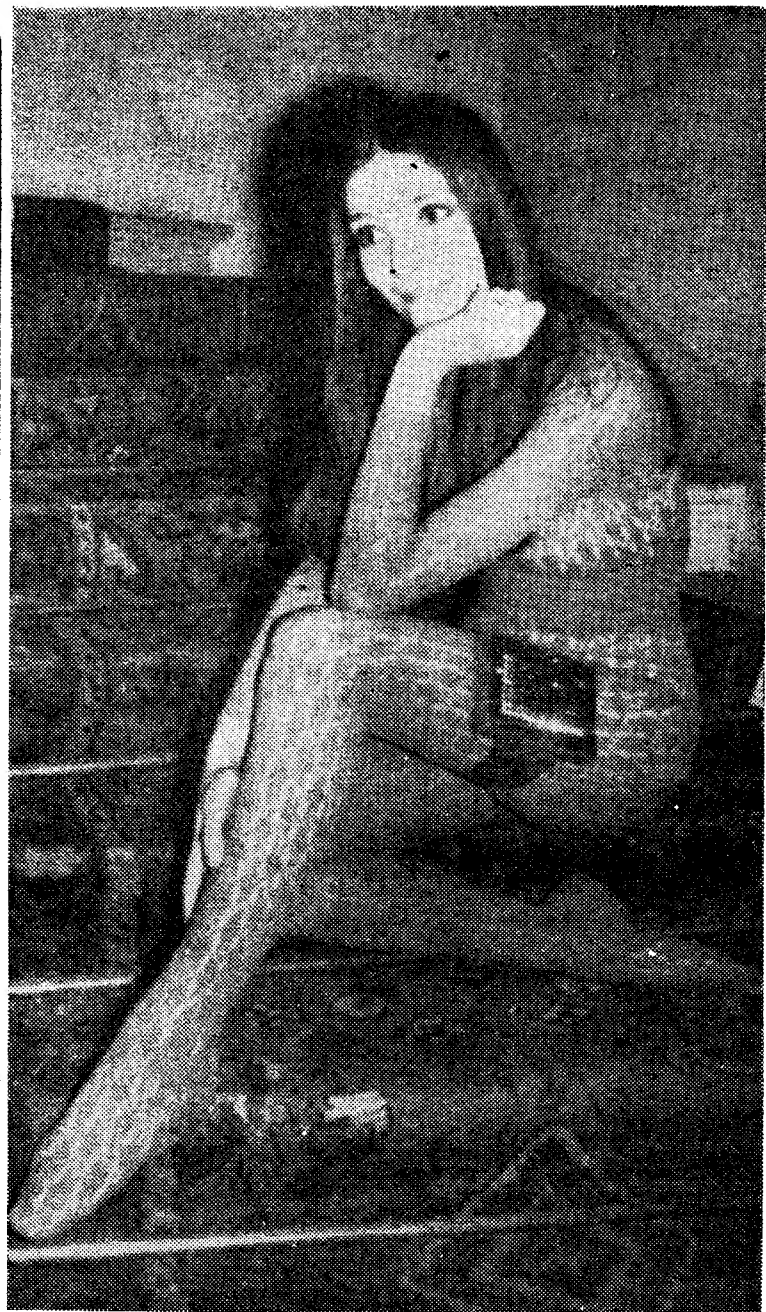
● As 21 e 55: Noite de Teatro

Na rubrica «Noite de Teatro», representa-se, hoje, na R. T. P., a peça de Gil Vicente, intitulada «D. Duardos», numa versão de Leopoldo de Araújo, que será interpretada pelos artistas, Mário Pereira, Lourdes Norberto, Alves da Costa, Mirta Casimiro, Helena Félix, Fernanda Montemor, Zita Duarte, Santos Manuel, António Marques, João Vasco, Benjamin Falcão, Rui de Matos, Nicolau Paíagua, Nuno Fernandes e Adelina Campos.

A música é de Hermínio do Nascimento, executada por Duarte Costa, os cenários e figurinos são de Lagoa Henriques, a encenação de Carlos Avelaz e a realização está a cargo de Félix Ferreira.

te» ao respeito do público. O depoimento do dr. Décio Ferreira repre-

(Continua na 19.ª página)



O modelo francês Thalie apresentou-se, há dias, na embaixada da Checoslováquia em Paris, vestida como mostra a figura. Numa das pernas levava um emblema da Boémia todo feito de pedras preciosas. Será preciso dizer que causou sensação?

TEATRO Telef. 32 60 37

VARIEDADES

HOJE: AS 20.45 e 23 HORAS

O IMPAGÁVEL SOLNADO
COMANDA A RISOTA NA
SUPER-REVISTA DO ANO!

POIS, POIS...

com um elenco famoso:

O FABULOSO
RAUL SOLNADO

A actriz do ano
IVONE SILVA

BARROSO • CORTEZ
NICHOLSON • CLARISSE

a voz de
MARIA TERESA QUINTA

o «ballet» inglês
The Santiago Dancer's

a atracção brasileira
WANDA MORENO



Não perca de ver
IVONE SILVA
em «varia Lisboa»

DISSE O DR. DÉCIO

A minha, ou qualquer outra equipa está apta a fazer essa transplantação. Nunca a fiz em pessoas porque há um certo número de factores que tornam essa operação prematura.

A técnica cirúrgica é uma técnica conhecida há muitos anos. Não tem quaisquer segredos. Barnard mostra ser um excelente cirurgião que tem excelentes meios hospitalares e para-médicos para conseguir manter aqueles doentes vivos durante o tempo que estiverem, e um ainda está. Para isso são necessários meios de que nós não dispomos.

O mérito não pertence ao cirurgião, mas ao biólogo, ao bioquímico. O mérito desta cirurgia, quando ela puder ser feita com segurança, não é uma vitória da cirurgia, é uma vitória da biologia, é uma vitória da medicina.

Quando se introduz no corpo um órgão qualquer, aquele tende logo a rejeitá-lo. O nosso corpo tem defesas contra invasões. O que nós fazemos para evitar a rejeição do órgão é aquilo que se chama imuno-supressão, quer dizer, com substâncias, com Raios X, ou vários outros meios, vamos diminuir as defesas do organismo a tal ponto que elas não rejeitem o coração que se transplantou. Mas, por outro lado, diminuindo essas defesas, o indivíduo está sujeito a mais pequena infecção. Essa infecção, que para nós não teria a menor importância, para aqueles doentes, uma importância capital. Por isso, este doente do Cabo está numa atmosfera estéril. O que sucede a tais doentes quando saírem dessa posição? Se saírem do meio estéril em que estão e readquirirem as defesas, contraem

uma infecção. Se antecipadamente as tiverem readquirido, rejeitam o órgão.

Uma questão que tem sido debatida é a experimentação humana. Ora a experimentação humana faz-se mais em Medicina do que na Cirurgia. Ao ensaiarmos um medicamento, estamos a fazer experimentação humana.

Simplesmente, essa experimentação humana é feita depois de um trabalho de laboratório exaustivo. É uma experimentação em que não se correm riscos. Limitam-se todas as aristas para que tudo quanto deu bem no animal, dê bem no homem.

Aqui, a coisa não é bem a mesma. As experiências que se tem feito em animais em adiantados centros de cirurgia, mostram a possibilidade de manter vivos animais durante um ano, ano e meio, em média — mas animais que são gémeos. Ora isso não se dá entre os homens. Feitas essas experiências em animais sem quaisquer parentescos uns com os outros, verifica-se que, nos melhores resultados, a sobrevivência foi de 23 dias!

A cirurgia tem de esperar muito calmamente que a medicina, mais especificamente a biologia, atinja o nível em que possamos fazer transplantações com segurança.

A solução ideal será o coração artificial, mecânico, de plástico. Desde 1964 que trabalho em experiências nesse sentido, e tive já ocasião de apresentar uma comunicação. Mas há outros cientistas que trabalham há sete ou oito anos em idêntica experiência. Esses é que devem resolver o problema.

TEATRO Tel. 361740

MARIA VITÓRIA

HOJE: às 20.45 e 23 h.

A MAGNIFICA
REVISTA POPULAR

PÃO, PÃO...
QUEIJO, QUEIJO

com os queridos artistas

★ SALVADOR • VIANA

a vedeta internacional

AFRICA PRATS

MARIEMA

MAX ★ ANITA

DORA LEAL

VICTOR MENDES

O SENSACIONAL
AUTOMÓVEL-VOADOR



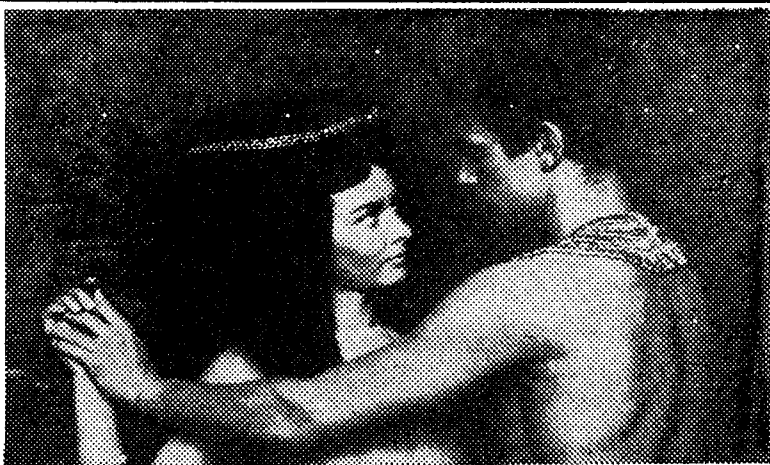
SALVADOR:
o melhor «compere» dos palcos
de revista!

BREVEMENTE: O espectáculo
de revista de ETHEL ROJO!

ESTREIA

AMANHÃ

ROMA



com GEORGE ZELNIK • BARBARA BRYL
KRYSTINA MIKOLAJEWSKA • PIOTR PAWLOSKY

Realização de JERZY KAWALEROWICZ

DIALSCOPE
EASTMANCOLOR

Exclusivo TALMA FILMES — ADULTOS

MILHARES DE FIGURANTES
NUMA GRANDIOSA EPOPEIA
QUE REVELA TODA A
MAGNIFICÊNCIA E
ESPLendor DO ANTIGO
EGIPTO!

(VERSÃO INGLESA)



Batismo por imersão

Vestidos de suas túnicas brancas, mãe e filhos entram no tanque cheio de água (quente). O pastor, envergando um fato escuro espera por eles. Dentro do tanque também. Depois faz a apresentação dos candidatos à assembleia dos fieis.

— É caso pouco frequente, este a que estamos a assistir — diz. E explica: — Três adolescentes, rodeando sua mãe, apresentam-se aqui para receber o batismo. Oxalá que cada um deles seja para o Mundo uma autêntica luz de Cristo.

— Crês que Jesus é o teu salvador? — pergunta depois, o pastor a cada um dos neófitos.

— Acredito — respondem.

— Em obediência ao mandamento de Jesus Cristo eu te baptizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo — proclama o pastor, em voz forte e solene.

E segurando o neófito pelas costas e mãos imerge-o na água. Este retira-se. Todo molhado. Da cabeça aos pés. Tinha sido baptizado. A co-

munidade canta. Um novo membro tinha ingressado na sua Igreja. Alegria.

LOCAL

Foi ontem, às 21 e 30, na Igreja Baptista da Rua Pau de Bandeira, 22-A, em Lisboa.

Templo sem imagens. Sem santos. Paredes nuas. Bancos no centro. Um estrado, á frente. Sobre ele um púlpito, de onde o pastor preside às cerimónias e fala aos fieis. Do lado esquerdo, um tanque rectangular com cerca de um metro de altura e dois de comprimento. Está cheio de água. A uma temperatura agradável. Uma porta dá saída para as traseiras.

Cerca de duas centenas de pessoas espalham-se pelo interior da igreja. Reunidas ali para o culto de Baptismos. Oito pessoas

iriam sumeter-se ao rito que simboliza o ressurgimento para uma nova vida: o baptismo.

A cerimónia começa com o cântico Salmo «Os filhos de Sião». Seguem-se leituras de extractos da Bíblia. E outros cânticos. E outras leituras.

Realiza-se uma colecta entre os presentes. O diácono faz oferta dela ao Senhor Jesus.

O pastor, entretanto, abandona o lugar da presidência, no púlpito, e surge no tanque. A água cobre-o até á cintura. Lê a passagem dos Actos dos Apóstolos relacionado com o baptismo do Eunuco.

Aparecem, depois, no tanque quatro pessoas: a sr.^a D. Maria Alice Amaral Protásio, de 37 anos, e seus três filhos António Jorge, de 12, Humberto de 13, e Francisco, de 15. Todos envergando túnicas brancas.

O pastor faz uma prelecção. «Estes encontraram o Senhor Jesus», afirma. «Uma nova vida vai principiar para eles».

Cada um dos neófitos proclama a sua fé em Jesus.

O pastor «mergulha» então o novo cristão na água, submergindo-o completamente.

— É o baptismo de imersão — disse-nos o pastor, dr. João António Marques. E explica: «Era este género de baptismo que os primeiros cristãos usavam. E nós conservamo-lo ainda hoje. Há comunidades cujos membros se deslocam a um rio para ali serem baptizados. Tal como no tempo de Cristo. Nós aqui não temos rio... Em sua substituição existe o baptistério (tanque).

OS OUTROS BAPTIZADOS

Além da mãe e três filhos, receberam também o baptismo,



Já baptizada, a sr.^a D. Maria do Carmo Caldeira Flores deixa o tanque, ajudada pelo pastor

ontem á noite, na mesma igreja as sr.^{as} D. Maria do Carmo Caldeira Flores, de 24 anos. D. Maria Luisa Marvão, de 21 anos, e os soldados Francisco Mourão Guerra, de 22, e Amílcar Manuel dos Santos, de 21.

PREPARAÇÃO DOS CANDIDATOS

É longa a preparação do candidato ao baptismo na Igreja Baptista.

Nunca é admitido ao rito uma pessoa que não tenha consciência do que vai praticar.

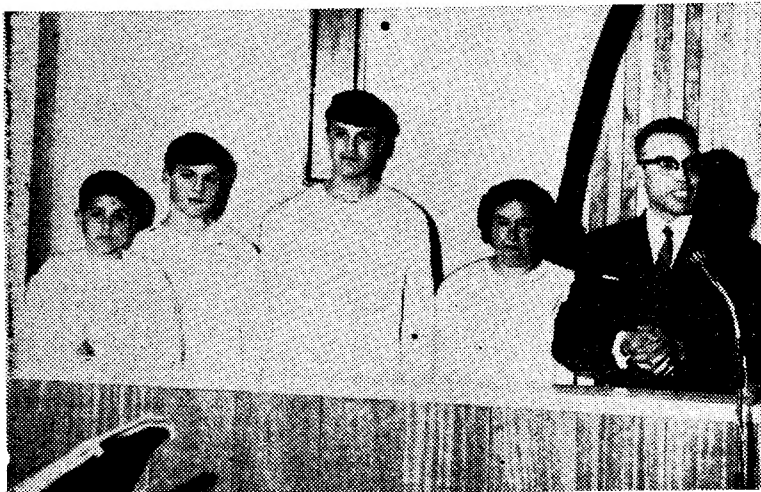
— É por isso — diz o dr. João António Marques — que nós não baptizamos crianças.

A preparação pode levar anos. Foi o caso de António Jorge Amaral Protásio. Desde os dois anos de idade que frequenta a igreja e a catequese nela ministrada. Só agora, porém, com 12 anos, foi aceite o seu pedido de admissão.

Este pedido pode ser rejeitado pela Comunidade que horas antes do baptismo, se reúne e discute a integração do candidato na Igreja.

Se algum membro apresentar qualquer obstáculo contra o neófito, este terá de aguardar.

Só quando houver unanimidade de opiniões, se verificará o seu ingresso.



A sr.^a D. Maria Alice Protásio e seus três filhos preparam-se para receber o baptismo, ministrado pelo dr. João António Marques

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

DIRECÇÃO-GERAL DA FAZENDA PÚBLICA

EMPRÉSTIMO INTERNO AMORTIZÁVEL

«Obrigações do Tesouro 5 por cento, 1967, Fomento Económico»
1 milhão de contos

(Decreto-Lei n.º 47 566, de 27 de Fevereiro de 1967)

EMIÇÃO DE 250 000 OBRIGAÇÕES CORRESPONDENTES AS 6.^{as} A 10.^{as} SÉRIES

III PLANO DE FOMENTO

Estas obrigações são do valor nominal de 1000\$00 cada, e serão representadas em títulos de cupão de 1, 5 e 10 obrigações.

O empréstimo visa estimular a formação do aforro particular e promover a sua orientação para investimentos de superior interesse nacional destinando-se o produto desta emissão a dar início á execução do III Plano de Fomento.

O juro de 5 por cento ao ano e o capital das obrigações estão isentos de todos e quaisquer impostos, incluindo o Imposto sobre Sucessões e Doações. O pagamento dos juros será feito aos trimestres em 15 de Janeiro, 15 de Abril, 15 de Julho e 15 de Outubro de cada ano, vencendo-se o primeiro em 15 de Abril de 1968.

Os juros do 2.º trimestre de 1968 serão devidos a partir do dia imediato ao do encerramento da subscrição.

A amortização far-se-á obrigatoriamente ao par, em 10 anuidades iguais, em 15 de Janeiro de cada ano, a partir de 15 de Janeiro de 1973.

A representação das obrigações será inicialmente feita em títulos provisórios a substituir por definitivos no prazo máximo de dois anos. Estes títulos podem ser invertidos em dívida inscrita a pedido dos seus portadores e a sua reversão (troca por títulos de cupão) goza da isenção do pagamento de emolumentos e da taxa habitualmente devida por estas operações.

A entrega dos títulos provisórios far-se-á a partir de 15 de Abril próximo, contra recibo, por intermédio das instituições onde tenha sido efectuada a subscrição.

Os títulos serão admitidos á cotação nas Bolsas nacionais na data da sua emissão.

SUBSCRIÇÃO PÚBLICA CONDIÇÕES

- 1.º As obrigações subscritas são oferecidas ao par e integralmente pagas no acto da subscrição;
- 2.º As subscrições podem ser sujeitas a rateio na proporção das respectivas quantidades de obrigações depois de atendidos os pequenos subscritores;
- 3.º A subscrição estará aberta de 1 a 8 de Fevereiro próximo, na Junta de Crédito Público e nas instituições de crédito abaixo indicadas que tomaram firme a emissão:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO e PREVIDÊNCIA
BANCO DA AGRICULTURA
BANCO DO ALENTEJO
BANCO DE ANGOLA
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FERNANDES MAGALHÃES
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO LISBOA & AÇORES
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA-ALIANÇA
CREDIT FRANCO-PORTUGAIS
COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
MONTEPIO GERAL
ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.^{as}
AUGUSTINE, REIS & C.^{as}
PANCADA, MORAES & C.^{as}
PINTO DE MAGALHÃES, LTD.^{as}
SOUSA, CRUZ & C.^{as}, LTD.^{as}

Lisboa 28 (29 e 31) de Janeiro de 1968.

O DIRECTOR-GERAL DA FAZENDA PÚBLICA

Vestidos de noite de inspiração latina

(Portugal incluído)

nas colecções francesas

PARIS, 29 — (A. N. I.) — Estes maravilhosos vestidos de noite, de nítida inspiração portuguesa, mexicana e espanhola, exigem que se invente uma nova dança, que substitua as contorsões individuais em voga por aquelas formas latinas de dançar que levam os homens a suplicar que «a próxima dança lhes seja concedida» — escreve a enviada da U. P. I. às passagens de modelos de Paris, Joan Deppa, na sua crónica de comentário e balanço aos desfiles da semana passada.

A «Bossa Nova» — acrescenta — tem de inventar um movimento completamente novo, se quiser acompanhar o brando movimento destas saias rodadas e leves, que emprestam aos vestidos de noite uma graça e um encanto imensos, perante os quais nenhum homem se contentará continuar a «dançar perante» em vez de «dançar com» a moça que os veste e anima.

Os jovens manequins não se esqueceram, aliás, de rodopiar (mais do que lhes é habitual) justamente para realçar o gracioso efeito das pregas, dos enviesados e dos franzidos, que darão à moda estival deste ano, um encanto novo.

No exagero próprio da passagem de modelos, essas voltas graciosas revelavam a assistência as pernas dos manequins — até às calcinhas a condizer aos vestidos até à cintura fina.

Além destas saias «que dançam», os vestidos de cerimónia primam também por decotes profundos — profundíssimos — à frente e deixam muitas vezes as costas completamente nuas.

As plumas de avestruz, que res-

surgiram este Inverno, vão aparecer agora, pela primeira vez, em pleno Verão: Dior apresentou vestidinhos exíguos completamente cobertos de avestruz, Castillo enfeitou de plumas os «agudos» decotes em «V», e as bainhas de vestidos de jantar, e Madeleine Rauch acompanhou os seus vestidos de noite com casaquinhos de penas brancas.

Os vestidos de tarde desenhados por Marc Bohan para a casa Dior são tão lindos, que são um convite para dançar — também à tarde. Ninguém duvida em Paris que vão regressar os «chás dançantes» de há 30 anos.

É para esse regresso que as raparigas vão preparar-se, encomendando estes vestidos muito leves, sem decotes, de românticas mangas compridas e saias ondeantes, e que marcam bem o género de cinturas que atrai o abraço do par.

Um cronista de modas perguntava há dias em que parte do mundo pensava Bohan que as mulheres iriam usar semelhantes vestidos. Para Joan Deppa, a resposta é simples: dêem a uma mulher um vestido que a torne mais bonita, e ela se encarrega de encontrar por si própria o momento de o vestir.

E sugere algumas ocasiões: as corridas de cavalos de Ascott, desde que sejam acompanhados por graciosos chapéus de flores, as bodas e os baptizados tanto usados pelas bonitas anfitriãs como pelas bonitas convidadas, toda a reunião elegante em que as mulheres queiram ter a certeza de que «estão bem».

Logo que o verificarem, esses vestidos não-de aparecer por toda a



Regina, um modelo russo muito conhecido na capital soviética, exhibe, perante multidão curiosa, um vestido de «soirée». Desenhado por costureiros russos, o vestido destina-se à companhia americana Solionia

parte, durante a tarde, à hora do chá.

E desta série de factores há-de decorrer a tal revolução na dança: vai dançar-se muito mais este ano,

porque captivados com o novo encanto das raparigas, os homens não-de ficar morrendo por dançar — mas por «dançar com» as donas desses vestidos.

QUARENTA MORTOS NUM CHOQUE DE COMBOIOS

RIO DE JANEIRO, 29 — (F. P.) — Morreram 40 passageiros e 60 estão mais ou menos gravemente feridos, devido a um choque de comboios, registado na estação de Fanfa, localidade dependente da comuna de General Câmara, no Estado do Rio Grande do Sul.

O acidente registou-se na via de manobra: um comboio de passageiros chocou com outro de mercadorias, que pretendia mudar de linha.

É esperado no Tejo o maior navio até hoje entrado no porto de Lisboa

É esperado no Tejo hoje ao fim da tarde o petroleiro «Esso Mercia», de 178 mil toneladas, que nos estaleiros da Lisnave, na Margueira, vem receber pintura de casco e fundo, reparar o seu complicado sistema de tubos e outros trabalhos de acabamento. Trata-se do maior navio entrado até hoje no porto de Lisboa.

SUBMARINOS HOLANDESES

Deixaram hoje o Tejo, onde se encontravam há dias em visita de rotina, os submarinos «Potvis» e «Dolfijn» da Armada dos Países Baixos.

Em ALVERCA, o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TABACARIA CAMPINAS Rua Joaquim Sabino Faria 18-A

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

ESTABELECIMENTO AUTÓNOMO DO ESTADO

NOVAS CONDIÇÕES PARA OS DEPÓSITOS A PRAZO E À ORDEM:

DEPÓSITOS A PRAZO (entidades privadas):

Importâncias mínimas de 30 000\$00

6 meses, renovável 3,5 % ao ano

1 ano, renovável 4 % ao ano

DEPÓSITOS À ORDEM:

Saldos até 30 000\$00 2 % ao ano

Saldos de 30 000\$01 a 100 000\$00 1 % ao ano

Saldos de 100 000\$01 a 500 000\$00 0,5 % ao ano

Saldos superiores a 500 000\$00 0,25 % ao ano

ISENÇÕES FISCAIS: — Os juros dos depósitos estão isentos de imposto de capitais e de imposto complementar.

Todos os depósitos constituídos na Caixa têm a garantia do Estado

O TEMPO QUE FAZ

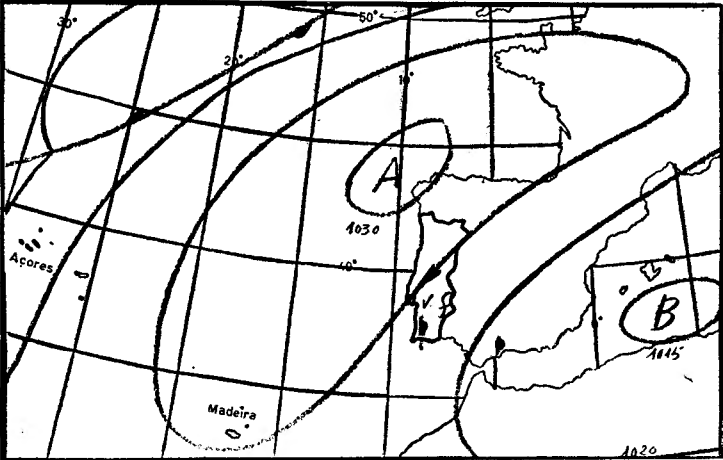
Informação do Serviço
Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 2°; Faro, 9°; Funchal, 16°; Lisboa, 9°; Penhas Douradas, 1°; Portalegre, 6°; Porto, 3°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 10°5; na água do mar, 12°5.

A—Anticiclone (alta pressão); B—Depressão (baixas pressões); —Isóbaras (mb.)



EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 30 — Uma massa de ar transportada na circulação do anticiclone centrado a noroeste da Península Ibérica deverá influenciar o estado do tempo no continente.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CEU POUCO NUBLADO OU LIMPO, VENTO FRACO OU MODERADO DE NORDESTE.

SOL Amanhã: Nascer às 8 e 46
Ocoso às 18 e 55
PRELA-MAR — Dia 29 — As 3 e 57 (4,1 m); 16 e 26 (3,9 m). Dia 30 — As 4 e 40 (4,2 m); 17 e 10 (3,9 m). Dia 31 — As 5 e 26 (4,2 m); 17 e 50 (3,9 m). **BAIXA-MAR** — Dia 29 — As 9 e 50 (0,9 m); 22 e 08 (1 m). Dia 30 — As 10 e 38 (0,8 m); 22 e 48 (0,9 m). Dia 31 — As 11 e 19 (0,8 m); 23 e 27 (0,9 m).
FASES DA LUA
Hoje Dia 6 Dia 14 Dia 21

EM CERCA DE 30 MINUTOS...

Disparou três vezes sobre a mulher (no Alto do Pina) matou um homem e tentou suicidar-se (na Rua Nova do Almada)

Cerca das 8 e 40, a sr.^a D. Natércia Sousa e Silva, proprietária da «Tinturaria e Lavandaria Silva, Rua Edite Cavel, 10-B, local onde também reside, ouviu o que lhe pareceu serem tiros, ali muito perto:

— Estava eu, nessa ocasião a pôr o feijão ao lume — (contou-nos ela). — Fiquei muito assustada, mas também pensei que podia ser qualquer coisa nas máquinas da lavandaria. Atravessei a rua e fui perguntar à mercearia da frente, a ver se sabiam de alguma coisa...

...Algo de trágico acontecera realmente, no modesto ático da entrada do n.º 10. Atingida por três balas, esvaia-se em sangue uma jovem de 25 anos, com botões arrancados do vestido, a evidenciar a violência da cena.

Tratava-se de Teresa Gonçalves Paredes, de 25 anos, filha natural de Virgínia Gonçalves, casada, empregada no Instituto Superior Técnico, natural de Boticas, morava no 2.º andar, esquerdo, naquele imóvel. Quando saía para o emprego, era aguada por Manuel António Silva Paredes, de 34 anos, natural de Famalicão, casado com a vítima, mas dela separado há cerca de dois meses, e empregado, há cerca de um ano da firma SOTEL, Sociedade Técnica de Laboratório, Lda, Rua Castilho, 11, 1.º E. Era ali considerado bom empregado e exercia as funções de motorista. No sábado passado, deixara o carro da firma no lo-

cal habitual e, esta manhã, antes das 9 horas, telefonou para o emprego, para comunicar que fora buscar o carro mais cedo, mas que não tardaria a regressar ao trabalho.

ajustar! — disse-lhe o Manuel António da Silva Paredes.

E, sem esperar resposta, disparou um tiro certo, que logo prostrou o alvejado.

Em seguida, e no mesmo local,



Populares, impressionados com o caso, comentam o trágico acontecimento, junto da «Lavandaria Silva». A esquerda, a porta da casa onde a jovem foi alvejada

O estranho é que a chave do carro continuava no lugar habitual, o que leva a crer que teria mandado fazer outra ou fizesse uma ligação directa para se servir do carro. Foi nesse veículo que ele se dirigiu para a Rua Edite Cavel, e foi nesse carro que prosseguiu para executar o que parece ter sido premeditado.

● O «115» EM ACÇÃO

Entretanto, a esquadra do Alto do Pina — alertada pelo guarda-sinalheiro n.º 2792, sr. Américo Matias, a quem os vizinhos do local do crime tinham participado a ocorrência — pôs imediatamente em execução o serviço de emergência, servindo-se de uma ambulância do 115 para transportar a infeliz jovem para o Hospital de S. José, onde ficou internada, em estado grave.

● SEQUÊNCIA TRÁGICA

Nessa ocasião já o criminoso cumpria a segunda parte das suas intenções. Apesar das dificuldades do trânsito, habituais naquela hora de ponta, conseguiu chegar, poucos minutos depois das 9 horas, a um escriptorio da Rua Nova do Almada, 81-2, onde trabalhara durante cerca de dois anos e meio, e de onde fora despedido também há aproximadamente dois anos e meio, por ser considerado insubordinado e procurar manifestar o seu «donjuanismo» junto de empregadas da firma. Para não despertar suspeitas, aproveitou entrar juntamente com o empregado de uma leitaria próxima, que levava cafés para os funcionários da firma, e dirigiu-se ao gabinete do respectivo chefe do serviço de expedição, a quem considerava responsável pelo seu despedimento.

● «CONTAS A AJUSTAR»

Era o sr. Carlos de Almeida, de 35 anos, exemplar empregado da firma desde há 18 anos.

— Temos umas contas antigas a

● PORMENORES OSCUROS

Entretanto, já a Polícia prendera, para prestar declarações, uma mulher com quem o Silva Paredes agora vivia e com a qual, aliás, já mantinha relações quando ainda não se separara da mulher. Esta gozava de gerais simpatias na vizinhança da casa onde morava e, antes de conseguir emprego no Instituto Superior Técnico, trabalhava para a «Lavandaria Silva», onde ganhava cerca de 250\$00 por semana — e com esse dinheiro tinha de governar a casa, pois o marido pagava apenas a respectiva renda. As discussões entre o casal eram continuas, provocando, por fim, a separação.

A Polícia, entretanto, procura aclarar pormenores ainda obscuros, relacionados com o caso.



D. LEANDRA BARGUEÑO ORGAZ FALECEU

Na sua residência de Madrid e com a idade de 83 anos, faleceu D. Leandra Bargueño Orgaz, estremeza mãe de D. Consuelo Bargueño Orgaz Barbosa, sogra do nosso Sócio Sr. Franklin Rodrigues Barbosa e Avó de José Manuel Bargueño Barbosa.

A família enlutada tanto Portuguesa como Espanhola, os nossos sentidos pésames.

JOAQUIM JOSE BARBOSA JÚNIOR & C.^a

Sete totalistas no «Totobola»

O apuramento dos resultados do concurso de ontem do «Totobola» forneceu os seguintes resultados: 7 totalistas (todos da Metrópole), cabendo a cada um 369 986\$20; 255 segundos prémios (226 na Metrópole, 14 em Angola e 15 em Moçambique) no valor de 10 156\$40.



A proprietária da «Lavandaria Silva» conta-nos pormenores do assunto

CONFIRMADO PELA F. P. F. —SPORTING-VITÓRIA NA QUARTA-FEIRA

Foi hoje confirmado oficialmente, pela Federação Portuguesa de Futebol, que o novo encontro entre as equipas do Sporting e do Vitória de Setúbal se realiza na próxima quarta-feira, a partir das 21.45 h., no Estádio do Restelo.

Dado o acordo a que chegaram as direcções dos dois clubes quanto à data e ao local deste jogo de desempate, a Federação deu, por sua vez, a concordância que se esperava.

gente velocipédico sr. Alfredo Martins Pereira Baptista, de 51 anos, gerente comercial, e sua esposa, sr.^a dr.^a D. Judite dos Santos Nunes Baptista, que residiam nesta cidade, na Rua do Dr. Carlos Ramos, 61.

O automóvel em que viajavam, e no qual seguiam também uma filha do casal, Filomena Maria Baptista, de 5 anos, e a serviçal Custódia Lino Ramos, de 16 anos, por causas desconhecidas, foi embater de raspão numa camioneta de carga conduzida pelo sr. Manuel Pinto, domiciliado na freguesia de Valadares (Baião), precipitando-se em seguida num campo que margina a estrada.

A esposa do sr. Alfredo Baptista teve morte instantânea, enquanto este foi ainda transportado ao Hospital de Santo António, numa ambulância dos Bombeiros Voluntários da Feira, falecendo pelo caminho. A pequena Filomena, que se encontra internada no mesmo estabelecimento hospitalar, bem como a serviçal, podem considerar-se livres de perigo.

Esta manhã, realizou-se a autópsia do casal, devendo o funeral de ambos realizar-se amanhã de tarde.

PORTO, 29

Causou a mais profunda consternação nos meios desportivos desta cidade o brutal acidente ocorrido esta madrugada no lugar de Albergaria do Souto Redondo, em S. João de Ver (Vila da Feira), na estrada nacional Porto-Lisboa, e que vitimou o conhecido diri-

ASSALTO

A UMA OURIVESARIA

● Desapareceram jóias no valor de 1750 contos

A Polícia Judiciária iniciou já as investigações no sentido de descobrir os autores do assalto da madrugada de domingo à Ourivesaria Brilhante, na Rua de Santo Ildefonso, pertencente ao sr. Manuel Pessoa.

Os assaltantes, levaram jóias avaliadas em 1750 contos e tudo indica que o roubo foi minuciosamente preparado e realizado com a mais perfeita segurança.

Não é a primeira vez que se regista um roubo naquela ourivesaria. Já há cerca de 20 anos, o estabelecimento foi assaltado, tendo sido, então, furtadas jóias no montante de oitocentos contos. Os autores desse roubo nunca foram descobertos. Há cerca de quatro anos, a ourivesaria foi novamente «visitada» por uns rapazotas que furtaram meia dúzia de contos, não tardando, porém, a ser descobertos.

Ao que sabemos, a Polícia Judiciária segue uma pista que a poderá levar à descoberta dos audaciosos gatuos.

TERRENOS para moradias no alto da PAREDE

C/ magnífica vista para o mar
LOTES c/ áreas entre 300 e 500 m²
Preços desde 150 CONTOS

Trata o prop. ORFEMA

Rua Dr. Iracy Doyle, 11, 1.º, Esq. — C A S C A I S
Telefone 283794

Novas perspectivas abertas ao estudo e tratamento do glaucoma crónico

Efectuou-se no Porto uma importante sessão oftalmológica comemorativa do VIII aniversário do Serviço de Oftalmologia da Faculdade de Medicina daquela cidade, em reunião conjunta com a secção de Oftalmologia da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa.

Abriu a sessão o prof. Silva Pinto, director do Serviço de Oftalmologia da Faculdade de Medicina do Porto (Hospital de S. João), que saudou os oftalmologistas que participavam naquele colóquio, congratulando-se com a presença de numerosos especialistas.

A introdução ao colóquio foi feita pelo dr. Henrique Moutinho, presidente da Secção de Oftalmologia da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, e da Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira. O orador principiou por agradecer a hospitalidade e a importante colaboração dos oftalmologistas do Norte a esta reunião, que, acentuou, tem como finalidade dar relevo a uma doença como o glaucoma, de que sofrem mais de sessenta mil portugueses do continente, geralmente com mais de 40 anos de idade, e que conduz insidiosamente à cegueira se não for tratada em devido tempo.

Falou da necessidade de meios de diagnóstico precoce, chamando a atenção dos médicos e da população para a gravidade do problema como *doença social*. Em seguida e a terminar, apresentou um esquema pessoal demonstrativo dos elementos que constituem indicação imperiosa do momento operatorio no decurso da evolução da doença.

Seguiu-se a apresentação das comunicações anunciadas, que foram largamente discutidas pelos participantes do colóquio. Dos oftalmologistas de Lisboa foram apresentados os seguintes trabalhos: «Coeficiente de irrigação retiniana (verificação do seu valor)», dos drs. Manuel Pereira Cachola e Cláudio Seabra; «Glaucoma sem hipertensão», pelo dr. Pompeu Moreno; «Intervenção cirúrgica em casos de grande déficit campimétrico», pelo dr. João Lisboa; «Considerações acerca das hipertensões oculares de causa psicogénica», pelo dr. Fernando Alves; e «Glaucoma cortisónico», do dr. Elmano Vendrell.

A colaboração do Serviço Universitário de Oftalmologia do Hospital de S. João foi feita em trabalho de equipa, tendo sido apresentadas três comunicações, respectivamente, dos prof. Castro Correia, do dr. Souto de Moura e do prof. Silva Pinto, completando um muito importante estudo clínico de investigação científica, do qual se abrem novas perspectivas ao estudo e tratamento do glaucoma crónico simples.

Assim, o prof. Castro Correia apresentou os casos estudados e a sua classificação em três graus de evolução da doença, baseado no estudo do campo visual.

O dr. Souto de Moura apresentou o estudo da adaptometria comparativa, tendo demonstrado como o sentido luminoso puro para a totalidade da retina estava alterado, em três grupos de doentes, em grau progressivo com a evolução da doença.

Finalmente, o prof. Silva Pinto, depois de salientar a íntima relação do seu trabalho com os já apresentados pelos oradores antecedentes da equipa, limitou a sua comunicação aos resultados do bloqueio anestésico do simpático cervical,

sublinhando os frequentes benefícios desse bloqueio no tratamento do glaucoma crónico simples. Terminou, apresentando numerosa documentação do protocolo da experimentação realizada no seu Serviço com os seus colaboradores.

Por ultimo, os drs. João Lisboa e Henrique Moutinho salientaram a importância da contribuição da Escola do Porto para o conhecimento de tão importante assunto.

EM TRÊS LINHAS

O «Diário do Governo» inseriu hoje a lista de antiguidades do pessoal da Secretaria-Geral da Presidência da República.

Foi declarada de utilidade turística a esplanada Mar-à-Vista, de Cerro da Piedade, Albufeira.

Os srs. José Rodrigues Teixeira e Humberto Fernandes Xavier foram reconduzidos, respectivamente, nos cargos de presidente e vice-presidente do Município de Miranda do Douro. Para as funções de vice-presidente da Câmara Municipal de Sobral de Monte Agra

co foi nomeado o dr. António da Fonseca Teixeira.

Foi concedida autorização para o regedor da freguesia de Lardosa, Castelo Branco, ser demandado criminalmente.

Encontra-se vago e a concurso o lugar de chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Porto Santo.

Por ter sido nomeado para o cargo de chefe de gabinete do secretário de Estado da Indústria, deixou de desempenhar as funções de secretário daquele membro do Governo o sr. Manuel Rafael Amaro

da Costa. Em sua substituição foi nomeado o dr. Raul Jaime de Abreu Dinis.

Foi publicada uma portaria que esclarece dúvidas levantadas acerca do regime em que serão dadas a título provisório as concessões para a exploração de jazigos de quartzo e feldspato.

Por ter sido aprovada a planta parcelar relativa ao alargamento da estrada nacional n.º 125, entre a ponte sobre a ribeira de Quartelra e Boliqueime, foi declarada a utilidade pública dos terrenos necessários à efectivação da obra.



Tempo é dinheiro

Sempre interessada em tudo o que possa concorrer para o progresso do país, a imprensa portuguesa fez-se representar numa sessão de apresentação do novo sistema electrónico de pagamento de cheques que o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa acaba de pôr ao serviço dos seus clientes.

Clara e objectiva a opinião da imprensa dispensa comentários.

...verdadeiramente notável pela sua eficiência e rapidez." **A Voz**

...a inovação tem o objectivo fundamental de proporcionar rapidez e comodidade aos depositantes daquele banco." **Diário de Lisboa**

...marca uma época na vida bancária nacional." **Diário da Manhã**

...pormenor que representa um passo importante no progresso técnico do trabalho bancário." **Diário de Notícias**

...traduz-se num recebimento concluído em tempo médio inferior a 60 segundos." **Diário Popular**

...vem, de facto, proporcionar extraordinária economia de tempo e grande comodidade aos clientes do Banco." **Jornal do Comércio**

...novo e eficiente sistema de pagamento de cheques extremamente avançado." **Novidades**

...não tem similares quer em Portugal, quer no estrangeiro." **O Século**

...pelo menos cinco vezes mais rápido que os melhores sistemas tradicionais." **República**



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

FALTA DE CHUVA E MUITA GEADA DÃO PERSPECTIVAS DE MAU ANO AGRÍCOLA

PRAIA DO RIBATEJO, 29 — As perspectivas de um mau ano agrícola acentuam-se dia a dia.

A falta de chuvas e as sucessivas camadas de geada que, desde há longos dias, vêm caindo nesta região concorrem para que as hortaliças falem por completo, originando assim graves problemas para as donas de casa.

Aconteceu — e o caso toma foros de ineditismo — não abrir a praça desta localidade, porque nem um só vendedor, dos que habitualmente ali vendem, apareceu para abastecer os seus clientes. Tudo isto concorre para que os preços subam cada vez mais.

A MORTE (EVITÁVEL) NA ESTRADA

Todos os dias o luto é semeado nas nossas estradas. Na sua crueza, as estatísticas aí estão a dar-nos uma imagem que, nem por ser apenas numérica, fria, deixa de impressionar a quantos atentam nela. Por outro lado, sabe-se como Portugal é, relativamente, um dos países europeus em que é mais elevada a percentagem de acidentes de viação e das vítimas que eles fazem.

As causas são muitas, e vão desde o excesso de velocidade, à imperícia e às mais diversas formas de imprevidência, não contando já com o estado de muitas estradas e outras deficiências de ordem vária, entre as quais se inclui, frequentemente, a das sinalizações, inexistentes ou insuficientes. Porém, enquanto algumas dessas causas constantemente se põem em evidência — por exemplo: o excesso de velocidade, que por vezes é muito menos perigoso que outras formas de imprevidência e que a imperícia de tantos condutores —, outras há sobre as quais não se fala, ou raramente se fala.

E, entre estas, algumas provocam dezenas, ou centenas, de mortes todos os anos, não parecendo difícil eliminá-las. Estão neste caso o das carroças, carros de bois e outros veículos de tração animal semelhantes que de noite (e agora, às 8 horas da manhã ainda é praticamente de noite...) circulam nas estradas, mesmo nas nacionais, e de maior tráfego, não tendo luz própria, e as mais das vezes levando o seu condutor apenas — e quando leva... — uma candeeira que só serve para alumiar os mortos: os mortos sem conta que têm resultado deste facto inadmissível e a requerer solução urgente e inadiável.

Aliás, quase o mesmo se passa com as bicicletas que também não têm luz própria da parte de trás, mas apenas um reflector — que acaba por não se ver. Então quando dois veículos se cruzam, mesmo com as luzes nos códigos, como a lei impõe, não há ninguém que veja esses ciclistas — mortos em potência e causadores (involuntários) de outras mortes. Até quando se manterá este estado de coisas?

J. C. de V.

A UNIÃO SOVIÉTICA E A PROPRIEDADE INDUSTRIAL

O Ministério dos Negócios Estrangeiros tornou publico que o Governo da União Soviética das Repúblicas Socialistas Soviéticas se considerou vinculado pela Convenção de Paris para a Protecção da Propriedade Industrial, de 20 de Março de 1883, bem como pela revisão de Londres da mesma Convenção.

Por outro lado, informa o mesmo Ministério, o secretário de Estado norte-americano comunicou que o Governo da Republica da Coreia depositou, em Fevereiro de 1967, o instrumento de adesão ao acordo para Estabelecimento de um Regime Provisório Aplicável a um Sistema Mundial de Telecomunicações por Satélites e ao correspondente Acordo Especial, d Washington, 1964.

NASCIDO DA FUSÃO DE TRÊS

FORMAÇÕES «OPERÁRIAS»

O NOVO PARTIDO TRABALHISTA DOMINARÁ A VIDA POLÍTICA ISRAELITA

Do correspondente particular ANDRÉ SCEMAMA

que Ben Gurion nutria por Levi Eshkol, seu sucessor.

Mas os «jovens» que rodeavam o ilustre ancião não escondiam a sua impaciência, por sentirem que não podiam desempenhar papel algum na direcção dos negócios do país enquanto estivessem reduzidos a uma estéril oposição.

Na ultima conferência do Rafi, o general Dayan, na linguagem directa que prefere, fez desaparecer as ultimas hesitações dos seus camaradas, demonstrando-lhes que, se realmente queriam mudar a equipa dirigente do país e o próprio Eshkol, seria necessário prosseguir a luta a partir do «interior».

A repartição das forças

Portanto, a partir de então, o general Dayan e os seus camaradas encontram-se no «interior». Mas estão aí com os dirigentes do Ahdut Hávoda.

A dosagem foi regulada minuciosamente. Em todas as instan-

cias do novo partido, a repartição das forças foi restabelecida consoante a percentagem seguinte:

Mapai 51, Ahdut Hávoda 23, Rafi 23.

Por conseguinte, o Mapai de Eshkol mantém-se senhor da situação. O que não significa, apesar disso, que não tenha de de frontar-se com as incessantes pressões que sobre ele vão exercendo-se.

Quem perdeu mais com a mudança foi Ben Gurion, que se recusou a abandonar a sua solidão. O seu povo, o seu partido, os seus mais fiéis amigos abandonaram-no.

O homem a quem ele vota perenaz rancor lá conseguiu realizar o que sempre sonhara a união dos partidos «operários».

(Lembremos que o partido socialista da esquerda, o Mapam, membro da coligação governamental, conserva a sua independência em relação à nova formação.)

Exclusivo

«Le Monde» — «Diário de Lisboa»



Na aula de aprendizagem

VERDE: «Erva, mula»

VERMELHO: «Eusébio,

A Ass
nós há
Ajuda,
por m

É no Largo da Ajuda. Um por isso é tão conhecida como o apoio (de ordem vária, imica) que se impunha lhe fo e — espera-se e deseja-se que no nosso país. Obra que se de gos das Crianças Diminuídas l a atenção esclarecida do pu mais directamente ligadas ao

A Associação foi criada há 6 anos, completam-se no próximo dia 2 de Fevereiro, por iniciativa de uma senhora inglesa há muito radicada em Portugal — Mrs. Sheilla. Além da ajuda de outras senhoras, ela conseguiu a colaboração da que é desde o início a sua directora e inextinguível animadora — a sr.ª dr.ª Alice Tavares, médica especializada em psiquiatria infantil. É ela que nos diz:

— A princípio a nossa missão era apenas de esclarecimento junto das mães criar uma mentalidade que lhes fizesse ver que as crianças diminuídas mentais — em especial as mongolóides, as quais desde logo dedicamos a maior atenção — não são para deitar fora, é preciso aproveitá-las.

E esclarece depois:
— É que entre as pessoas sem preparação as atitudes normais são

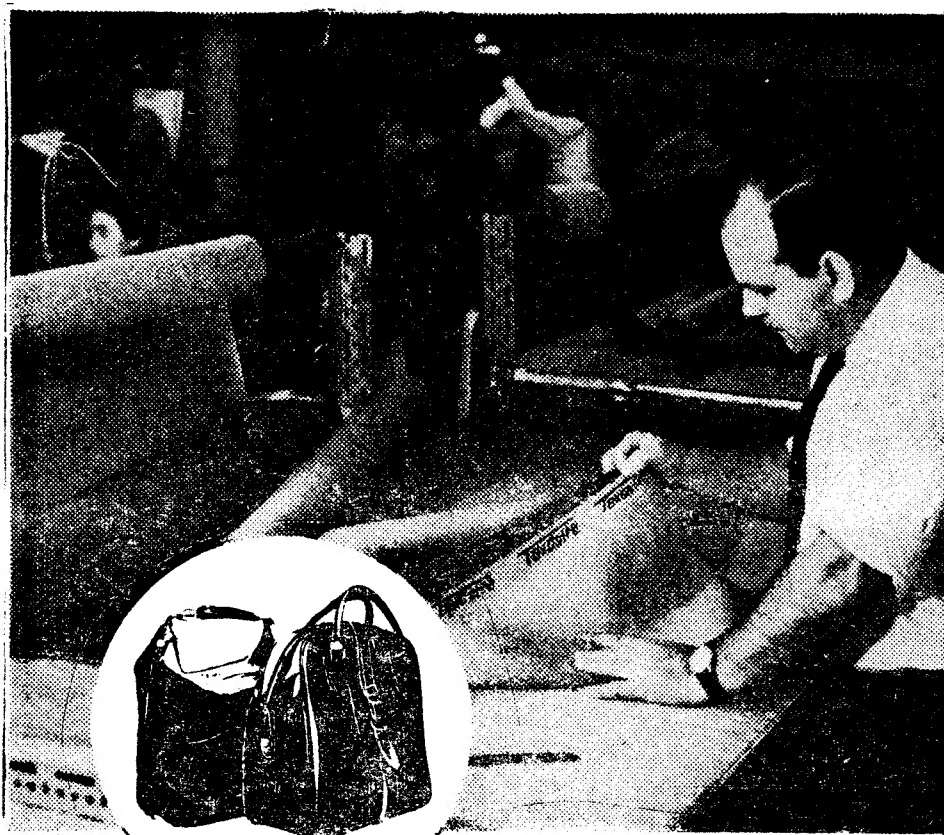
A SEMANA DA DIMINUÍDAS

De 11 a 16 de Março vai efectuar Diminuídas Mentais à qual o recentemente em «Nota do Dia».

Preside à Comissão organizadora Baltasar Rebelo de Sousa, que a revelar-nos a parte do programa sim, no dia 11, haverá a sessão i Barahona Fernandes e o secretário das Associações de Pais e Amigos das Mentais. No dia seguinte com debate entre médicos especializados com as crianças diminuídas um colóquio sobre os aspectos especialmente professores, enquadramento relacionados com a integração.

Todo o programa se realizará patente, simultaneamente, uma e ligados às organizações estrangeiras projecção de filmes sobre a matéria um pedido a favor das crianças se estende ao Porto e a Coimbra. Especialistas participar na Sema tarão criar centros naquelas duas.

— O objectivo essencial da Associação Baltasar Rebelo de Sousa — é o problema que as crianças diminuídas o que é possível fazer na sua recuperação o nosso meio para esta problemá



OS MALEIROS

como profissionais competentes

utilizam

TexCalfe napa
o melhor substituto do couro



Os exercícios têm já outra dimensão e uma criança a que se conta uma história é capaz de, até certo ponto, a reproduzir



la»
io, Benfica»

Linguagem singular das crianças mongolóides

Associação de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais, criada entre há 6 anos, e dirigida pela sr.^a dr.^a Alice Tavares, tem a funcionar, na cidade, um Centro de Recuperação, único no nosso País, frequentado sobretudo por mongolóides, onde se vem desenvolvendo uma obra notável. O repórter esteve lá e dessa obra aqui se dá notícia

a. Uma obra que, sendo notável, nem como era de desejar, nem tem todo a, incluindo, evidentemente, a económica fosse prestado. Uma obra notável e que não por muito tempo — única se deve à Associação de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais — para a qual se chama o público em geral e das entidades as ao sector de saúde, em particular.

6 ou de repulsa ou de esconder essas crianças. E elas não podem ser escondidas — por todos os motivos, têm de ser aproveitadas, têm de ser úteis dentro das suas possibilidades mentais.

«Abrimos o Centro com dinheiro para um mês»

A nossa interlocutora recorda em seguida que as reuniões com mães de diminuídos mentais principiam por ser feitas apenas com pessoas de certo nível, alargando-se depois progressivamente a todos os estratos sociais. Quando se pretendeu passar à fase seguinte, a da reeducação das crianças, procurou-se por toda a Lisboa uma casa. E só ao fim de bastante tempo e muitos esforços se conseguiu uma — aquela onde funciona a Associação, gentil e graciosa-

mente cedida pela Sociedade das Casas de Asilo da Infância Desvalida, e que teve de ser adaptada para esse efeito.

— E abrimos o Centro — diz-nos a sr.^a dr.^a Alice Tavares — com dinheiro para um mês só. Porém, há três anos que estamos a trabalhar e não devemos nada a ninguém. É claro que para isso... ninguém ganha, a não ser as professoras, o motorista e a mulher-a-dias. Médicas, médicos, enfermeiras, etc. — todos trabalham gratuitamente. Mesmo assim temos uma despesa mensal de 40 contos, e apenas um subsídio de 10 da Direcção-Geral de Assistência. O resto do dinheiro somos nós que o arranjam, e é sobretudo proveniente da contribuição dos amigos da Associação.

(O repórter está no Largo da Ajuda, 18, onde é a sede da Associação e funciona o referido Centro. Há um grande movimento, e adivinha-se um trabalho diversificado — de quem tem de «fazer tudo». Predominam as senhoras, muitas delas numa reunião que, por as instalações serem exiguas, tem de se efectuar no gabinete médico.

A reeducação das crianças mongolóides começa pela aula de adaptação. Quando elas se encontram já num estado de maior desenvolvimento passam para a aula sensorial e, por último para a de aprendizagem, na qual se faz já uma iniciação de leitura e de escrita. Entre os trabalhos complementares da aula de aprendizagem contam-se a modelação, a ginástica e a música.

Pelo sector clínico, de consulta, já passaram 440 crianças — 285 mongolóides e as restantes débeis mentais. Trabalham ali, gratuitamente como já sublinhamos, os seguintes médicos especialistas: Pedopsiquiatria: dr.^a Alice Tavares e dr. Simão Gonçalves; Pediatría: dr.^a Maria Agueda Garcia e dr. Simões Gonçalves; Oftalmologia: dr. Simões Ferreira; Otorrinolaringologia: dr. Cardoso de Meneses e dr. Pinho e Melo; Clínica Geral: dr. Soares Franco. São ainda consultores de Cardiologia e Radiologia os drs. Oliveira Dias e Jorge Saldanha.

Pretendem vender ouro, pratos ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ...

Pode assegurar-se um local privilegiado para as férias de toda a vida

Sob a presidência do sr. conselheiro dr. Manuel dos Santos Victor, presidente da respectiva Assembleia Geral, realizou-se o acto de posse dos corpos gerentes da Torralta-Club Internacional de Férias, assim constituídos: Conselho de Administração — sr. almirante Sarmiento Rodrigues, presidente; dr. Joaquim José Paiva Correia, eng.^o Viriato de Sousa Campos, Soberana-Investimentos Hoteleiros e Agostinho da Silva; Conselho Fiscal — eng.^o Francisco Gonçalves Cavaleiro de Ferreira, presidente; dr. João de Lima Amaral Marques e tenente-coronel João Maria Bento.

Esta sociedade destina-se à exploração da indústria hoteleira e turística e vai assinalar o começo das suas actividades com uma iniciativa nova entre nós: a venda de «títulos de férias» que asseguram ao seu possuidor 10 dias de alojamento gratuito para duas pessoas, nos hotéis e apartamentos da Torralta e ainda 20% de desconto em todos os serviços e no prolongamento das estadias. O cupão que dá direito a essas regalias, quando delas se não pretender fazer uso, pode ser vendido anualmente à Torralta, que assegura um rendimento de 8% ao capital investido. Como estas regalias se mantêm todos os anos e para sempre, é perfeitamente lícito afirmar-se que pode comprar-se agora um local para as férias de toda a vida.

A definição dos objectivos da Torralta

Durante a cerimónia da posse, o sr. almirante Sarmiento Rodrigues, na sua qualidade de presidente do Conselho de Administração, proferiu algumas considerações e definiu os objectivos da Torralta: «O incremento das actividades turísticas em Portugal, especialmente orientadas no sentido de se conseguirem melhorar condições para que, tanto nacionais como estrangeiros, possam desfrutar férias agradáveis com o máximo de economia e de facilidades».

O orador referiu também as vantagens proporcionadas pelos «títulos de férias» e acentuou que a Torralta pretende «facultar a um grande número de pessoas, mesmo de economias modestas, um meio prático, económico e garantido de usufruir o benefício de férias agra-

dáveis em regiões privilegiadas do País».

A Torralta dispõe já, para utilização imediata dos compradores dos seus títulos de férias, do Hotel Golfinho, na Praia de D. Ana, em Lagos, e, a partir de Maio, de excelentes apartamentos que adquiriu na Praia de Alvor, integrados no núcleo turístico «A Barca». Esses apartamentos — em plena praia — são constituídos por quarto com casa de banho privativa e varanda.

«COMISSÃO DOS 24» — FUTURO INCERTO

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 29 — (A. N. I.) — O futuro da comissão de descolonização — ou «Comissão dos 24» — apresenta-se hoje muito incerto: alguns dos seus membros mais influentes — como a Inglaterra e os Estados Unidos — ameaçam abandoná-la, e parece ter-se transformado num beco sem saída a escolha do próximo presidente do organismo.

Os problemas da comissão são ainda consequência de outros factores. Por exemplo: há já algum tempo chegou-se a um beco sem saída quanto aos territórios a que devia ser concedida liberdade, através da autoridade das Nações Unidas.

Por outro lado, questões relativas aos territórios africanos portugueses de Angola e Moçambique e o problema da Rodésia foram desde há muito reconhecidos como assuntos da competência do Conselho de Segurança, e não de quaisquer órgãos subsidiários da Assembleia Geral.

OS DEZ FILMES CANDIDATOS AO ÓSCAR DE 1967

HOLLYWOOD, 29 — (F. P.) — Foram designados os dez filmes candidatos ao Oscar da melhor realização. São eles, por ordem alfabética, «Bonnie and Clyde», de Arthur Penn; «Cool hand Luke» (a mão fria), de Stuart Rosenberg; «The Dirty Dozen» (Doze indomáveis patifes), de Robert Aldrich; «The Graduate» (O licenciado), de Mike Nichols; «Guess Who's coming to dinner» (Adivinhem quem vem jantar), de Stanley Kramer; «In cold blood» (A sangue frio), de Richard Brooks; «In the heat of the night», de Norman Jewison; «Two for the road», de Stanley Donen; «To sir, with love» (Ó ódio que gerou o amor), de James Clavell; e «Ulysses», de Joseph Strick.

Cinco destes filmes serão escolhidos em 17 de Fevereiro para a votação final. O vencedor receberá o Oscar da melhor realização e os restantes quatro serão distinguidos com uma placa de honra.

Evocação de Ruy Ulrich na Academia das Ciências

A Academia das Ciências de Lisboa reúne-se em sessão extraordinária no próximo dia 8 de Fevereiro, às 17 horas, para ouvir uma conferência do académico efectivo sr. prof. Fernando Emygdio da Silva intitulada «O perfil de Ruy Ulrich: expressão de altitude».

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

«Vinte Anos de Defesa do Estado Português da Índia»

— livro branco editado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros

Os anos que vão entre 1947 e 1967 constituem período histórico de enorme importância na evolução da Comunidade Portuguesa. É o período que vai desde a independência da Índia, fundação da União Indiana, até nossos dias. Mal declarada essa independência, os dirigentes da União manifestaram logo suas intenções a respeito do Estado Português da Índia.

Em períodos mais ou menos agudos, em negociações diplomáticas, directas até determinada altura, através de outros países depois do corte de relações entre a Índia e Portugal, o que na imprensa internacional ficou conhecido pelo «Caso de Goa» atraiu as atenções do mundo inteiro. Mais agudamente sentido na própria carne e vivido quando os soldados e funcionários portugueses nesse território se viram a braços com o ataque indiano.

O ponto culminante foi, com efeito, o de Dezembro de 1961, com o ataque militar ao território de Goa, com as consequências que são conhecidas de todos.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros publicou agora o Livro Branco a que foi dado o título de «Vinte Anos de Defesa do Estado

Português da Índia (1947-1967)», de que saiu já o primeiro volume. Essa série de documentos, indo neste volume até 25 de Julho de 1954, tem elementos primordiais para os futuros historiadores que queiram narrar os factos e julgá-los com a imparcialidade que os vindouros não-de ter, por certo.

No prefácio se diz: «Os documentos falarão por si». E, em nosso dia, a frase do grande Afonso de Albuquerque a D. Manuel de que «A Índia falará por si».

A abrir o volume, de boa apresentação, esta frase do Presidente do Conselho, em 11 de Julho de 1947: «Se por exemplo nos sentimos indistintamente presos ao Estado Português da Índia, não é pelos interesses materiais — pequenos para nós e para outros — mas porque constitui com Macau, um padrão do espírito do Ocidente que tivemos a glória, cometemos a audácia, fizemos o sacrifício de implantar ali, tornando possível S. Francisco Xavier e, com ele, a esplêndida floreação da mais alta espiritualidade cristã».

Documentos para a História estes.



COISAS DE MULHERES...

Ainda o Código Civil...

por ELINA GUIMARÃES

O acaso duma conversa com pessoa culta fez-me verificar, mais uma vez, o desconhecimento geral da lei por parte do sexo feminino. Os homens, por simples convivência, acabam por adquirir certas noções de Direito.

Por isso, me pareceu útil dizer de forma geral o que é o Código. Podemos defini-lo como sendo o conjunto das leis que regulam as relações privadas dos indivíduos entre si.

A Constituição regula as relações entre os cidadãos e o Estado. O Código Penal inumera os crimes e indica o seu castigo. Estes diplomas e o Código Civil são a base da vida jurídica nacional.

Todavia, o exercício das profissões não figura no Código Civil, mas sim no Código de Trabalho, no Código Comercial e algumas leis avulsas.

A primeira compilação de leis que existiu em Portugal foi as «Ordenações Afonsinas», assim chamadas por terem sido promulgadas no reinado de D. Afonso V, embora houvesse sido redigidas por iniciativa de seu pai, D. Duarte. As Ordenações equivaliam não só aos Códigos de que já falámos Civil, Penal e Comercial, mas também aos de Processo que regulam a forma de recorrer aos tribunais.

Esta compilação foi actualizada e novamente publicada no reinado de D. Manuel I, com o nome de «Ordenações Manuelinas».

A promulgação do novo Código afecta toda a população

Durante a ocupação espanhola, em 1603, foi publicada a 3.ª reedição mandada preparar por D. Filipe I, gesto político que asseguraria aos portugueses o respeito de suas instituições — mas que só apareceu no reinado do seu sucessor. Estas «Ordenações Filipinas» vigoraram em Portugal até ao século XIX. Também vigoraram no Brasil.

Em 1852, foi publicado o Código Penal que ainda está em vigor (1), embora muito alterado, e em 1867 o Código Civil que, como é sabido, esteve em vigor até 1967, embora também já notificado.

É curioso notar que certas regras jurídicas como, por exemplo, o facto do marido não poder vender bens imobiliários comuns sem autorização da mulher vem desde as «Ordenações Afonsinas» até ao novo Código de 1967!

Quando alguém nasce é de harmonia com o Código Civil que é fixada a sua nacionalidade e a sua situação dentro da família. (O nome, porém, é formado pelas regras do Código do Registo Civil). Os direitos e deveres de pais e filhos lá estão fixados e se a criança ficar orfã será tutelada pelas suas regras.

A maioridade é atingida quando o Código Civil a fixa. O casamento será feito de acordo com o Código que todavia permite, em matéria de bens certas variações pelas quais os novos casais podem optar.

Qualquer acto que se pratique, compra e venda, locação de uma casa, aluguer de um objecto tudo é regulado no Código.

Se a pessoa estiver sem recursos ele dirá a quem devem ser pedidos alimentos.

Os direitos e limites dos proprietários lá vêm fixados. E mesmo para além da vida é ao Código Civil que se vai estudar a forma de fazer testamento e as condições a que este deve obedecer.

Não é exagero dizer que nenhum dia passa sem nos

colocarmos, e por mais de uma vez, debaixo da sua alçada.

Por isso, a promulgação de um novo Código não é acto que respeite apenas a certas camadas sociais. É um facto transcendente que afecta toda a população.

Assim tudo o que faça para dar a conhecer as suas regras e princípios é da maior utilidade.

O CÓDIGO CIVIL NÃO É UMA COLECTÂNEA DE REGRAS MISTÉRIOSAS E ABSTRUSAS. É, SIM, A ESSÊNCIA DA NOSSA VIDA QUOTIDIANA.

É difícil fazer reinar a justiça nas nossas vidas

Há anos acompanhei a angústia de um jovem que se sentia dividido entre as suas tendências naturais, altruistas e anárquicas, imperiosas no sentido do perfeito e presas ao mesquinho do quotidiano e à engrenagem de uma sociedade que favorece a formação de indivíduos de certo tipo, aos quais facilita a vida. Não atingi bem então o que significava para ele essa angústia, esse desejo de fazer reinar a justiça na sua vida. Apesar de toda a capacidade de compreender que possamos ter só verificamos a dimensão dos problemas quando os enfrentamos, nos envolvemos e se enterramos dolorosamente na nossa carne.

Valerá a pena tentar contra tudo fazer reinar a justiça na nossa vida? Como podemos julgar os outros se nós próprios cometemos erros semelhantes? E onde está a justiça?

HORÓSCOPO DA MODA



Este bonito penteado, muito fácil de fazer, dá uma aparência juvenil ao mesmo tempo que muito feminina...

Ingenuidade, para quê?

As crianças devem muito do seu encanto à ingenuidade, à pureza do seu olhar limpo, que encontra novidade em cada acontecimento e à superfície dos olhos revelam espanto, admiração, deslumbramento. A ingenuidade é qualidade das crianças que só ficam, porém, verdadeiramente preparadas para a vida quando participam do conhecimento.

A ingenuidade das raparigas foi, por muito tempo, cultivada como flor rara. Isso gerou as meninas sem opinião, as do «sim mamã», as curiosidades mórbidas e os percalços por inconsciência. Será uma coisa bonita a ingenuidade. Mas para que servirá?

Chamamos a atenção dos pais e educadores para este problema. A vida mostra-nos a todo o momento que os ingenuos são mais facilmente arrastados para situações complicadas, e embrulhados pelos que exploram a sua boa-fé.

A verdade nem sempre é bela, ao contrário do que afirma Boileau, mas o seu conhecimento pode ajudar-nos a encontrar o caminho certo da nossa vida.

É difícil a vida. Difícil e complicada. Todos estamos comprometidos, ainda que nos queiramos colocar à margem. Todos temos culpas.

Foi dito e redito que o que fala à imaginação das mulheres são os símbolos concretos facilmente traduzíveis por imagens. Teria sido assim. Hoje está em vias de ser diferente. Já é diferente! Soube ontem que num inquérito realizado entre operárias se verificou serem muitas delas «lidas»; se a maior parte lia minilivros, outras interessavam-se por autores consagrados e sabiam discuti-los. Quando a operária não qualificada lê Irving Wallace — um dos autores citados — não estará já preparada para reflectir sobre si própria e a vida? Não verificará como é difícil viver coerentemente, quando a nossa coerência esbarra em conceitos admitidos como certos? Levar problemas até à mulher — a que passa por eles inconscientemente — será inquietá-la, mas essa inquietação não poderá ser frutuosa? Os acomodados não constroem e o mundo precisa tanto de ser reconstruído! Não há dúvida que as mulheres representam a reserva da humanidade, de quem há grandes coisas a esperar.

IMPRENSA

«A Província de Angola»

O nosso prezado colega «A Província de Angola», que se publica em Luanda, sob a direcção do dr. António Correia de Freitas, insere, no seu habitual número especial de fim de ano, valiosa e seleccionada colaboração, assinada por alguns nomes de relevo na vida intelectual do País.

«Ecos de Belém»

Celebrou o seu 35.º aniversário o nosso prezado colega «Ecos de Belém», a cujo director, sr. Custódio Baptista Vieira, e seus colaboradores, apresentamos felicitações.

Em favor das crianças diminuídas mentais



Na aula de adaptação, por onde as crianças começam, jogos muito simples fazem parte do programa para a sua recuperação progressiva

(Continuação da página central)

verá aulas práticas de algumas especialidades. Aliás, já o ano passado se realizaram, a título experimental, algumas de cozinha, para raparigas adolescentes. O auxílio das mães que têm filhos ali traduz-se em diversos capítulos: por exemplo, são algumas delas que vão na carrinha da Associação buscar e levar a casa as crianças.

— A maioria das crianças quando aqui chega — sublinha a sr.ª dr.ª Alice Tavares — só tem vida vegetativa. Todas se desenvolvem muito, chegando mesmo, em certos casos, a poder fazer uma vida relativamente normal, dentro das suas possibilidades mentais.

• Da aula de adaptação à de aprendizagem

Estamos na aula de adaptação, por onde as crianças começam. São rostos impressionantes aqueles: bocas sempre abertas, mortas, como mortícios, são os olhos, mais separados do que é habitual, face semelhante à dos mongóis (daí o nome da doença), gestos descontrolados, tíques, sem perceberem o que dizem, e não conseguindo articular. Um deles assoa-se e a professora diz-nos:

— Ainda há pouco não o conseguia fazer. Agora já, como vê. Do ensino faz parte, além do mais, jogos muito fáceis, que vão educando as crianças a partir dos gestos mais simples. Quando elas passam para a aula de sensorial, já revelam assinaláveis progressos. E quando chegam à de aprendizagem completa-se um ciclo pelo qual deviam passar todas as crianças diminuídas mentais. Ai, como dissemos, as crianças já são capazes de ler e escrever alguma coisa. Muitos dos seus desenhos são interessantíssimos, e revelam uma especial noção da cor, em alguns casos cheia de uma beleza, por vezes estranha e agressiva. É espantoso, então, o que conseguimos fazer no campo da modelação — algumas peças, á beleza juntam até uma delicadeza que ninguém diria serem obra daquelas raparigas e daqueles rapazes que vimos iniciaram-se na aula de adaptação.

Era a prof.ª D. Maria Adelaide Costa — que tem, como as suas colegas, o curso do Instituto Costa Ferreira, e é, desde a primeira hora, uma valiosa colaboradora do Centro — quem dava a aula de aprendizagem a 5 rapazes e 3 raparigas — deve ser de 8 o número máximo de cada turma, chamemos-lhe assim, usando a linguagem normal).

E foi ela que nos disse:

— Hoje estive a contar uma história. Agora estão a ilustrá-la.

• Uma história contada às crianças

Cada um dos alunos fá-lo por si, numa folha de papel, e as ilustrações são as mais diversas. Depois há uma rapariguinha que vai ao quadro, e consegue, além de a reproduzir oralmente — embora não dizendo as palavras

todas — dar um interessante equivalente plástico.

Há exercícios diversos para desenvolver a psicomotricidade. E cantam uma das melodias muito simples que lhes é ensinada. Em seguida a professora conta-lhes uma nova história simples, mostrando ao mesmo tempo um cartão colorido em que ela está representada: um pastor que toca uma flauta, ovelhas em volta, o cão, etc. E vêm as perguntas e respostas:

- O que está o pastor a fazer?
- A dormir.
- A tocar, emenda outro.
- E que tem ele vestido?
- Um casaco.
- De que cor?
- Castanho.

A professora, notando que um se mexe muito:

- Está atrapalhado?
- Estou.
- Então vai fazer chichi...
- E ele foi, sem ser necessário ninguém acompanhá-lo.
- E quem o acompanha?
- O cão.
- Para quê?
- Há um animal mau, que mata as ovelhas.
- Como se chama?
- Lobo.
- E que faz o cão?
- Ladra e morde.

Respondem ora uns, ora outros. Dos rapazes, óculos redondos, um é especialmente inquieto. Tem também epilepsia, dir-nos-ia a professora. Nós mesmo perguntamos a cor a outro, que não sabe os seus nomes, mas as distingue.

— Erva Mula.

Tratava-se do verde. E, após a palavra «mula», vêm outras que sugerem uma história passada com os seus pais. Do vermelho diz:

- Eusébio, Benfica. Pai.
- E a sr.ª D. Maria Adelaide Costa ainda nos diz:
- Já fazem operações e andam muito entusiasmados.

• Em França há 223 centros

As aulas no Centro são das duas e meia às seis menos um quarto. A Associação faz parte da Liga Internacional e troca publicações com as suas congéneres estrangeiras, nomeadamente europeias e americanas.

— Em França — revelou-nos a sr.ª dr.ª Alice Tavares — uma Associação igual à portuguesa foi fundada só no ano anterior à nossa. Porém, em Setembro do ano passado, já aí havia 223 outras como esta. Em Espanha já há pelo menos uma em cada província. Em Portugal a nossa continua a ser a única. Esperamos ao menos que em breve possa haver mais duas, no Porto e em Coimbra.

Será preciso juntar mais adjectivos para qualificar esta obra?



Não gosta do seu trabalho actual?

Em pouco tempo, sem necessidade de conhecimentos especiais, você pode mudar de trabalho. Abraça um novo caminho que lhe proporcionará um salário maior, um trabalho agradável e as melhores colocações. Escolha a profissão que mais gosta. Transforme-se num especialista, em **TÉCNICO DIPLOMADO** em qualquer destes cursos, estudando na sua própria casa uma só hora diária, as fáceis e agradáveis lições ilustradas com inúmeros desenhos e fotografias:

- ★ **DESENHADOR INDUSTRIAL**
- ★ **DESENHADOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL**
- ★ **DESENHADOR MECÂNICO**
- ★ **MESTRE TORNEIRO**
- ★ **TÉCNICO MECÂNICO**
- ★ **MECÂNICO DE MOTORES DIESEL**
- ★ **MECÂNICO DE AUTOMÓVEIS**

Até 1973 o País deverá ter 600 000 novos técnicos especializados, que ocuparão os lugares de maior responsabilidade e que, por isso, ganharão mais.

Sabendo apenas ler e escrever, você pode adquirir os conhecimentos profissionais necessários para se tornar um **técnico especializado** e ter um futuro sem preocupações

Você obterá um **DIPLOMA DE TÉCNICO**

Só por **50, 60 ou 70** escudos por mês

Estude por correspondência com a garantia de estudar no **Centro mais importante de Portugal**

Solicite folheto grátis

sem compromisso!

UM SIMPLES SELO DE CORREIO e este cupão pode ser o princípio de uma vida melhor para si e os seus. Recorte-o e remeta-no-lhe hoje mesmo.

Interessa-me receber, sem qualquer compromisso, o folheto dos seguintes cursos:

Nome
Morada
Localidade

CETOP - Apartado 8 - Mem Martins - PORTUGAL - Ref. B-6

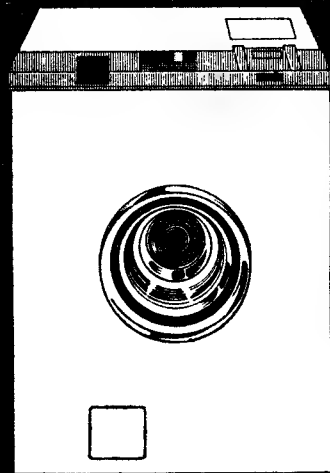
Telef. 291 14 61/62

CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E TÉCNICA POR CORRESPONDÊNCIA



CASTOR

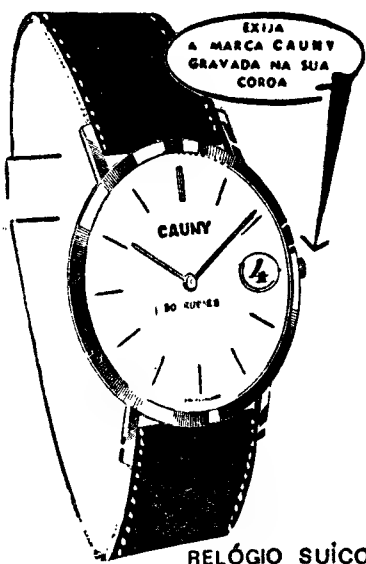
DESDE HÁ MUITO A MELHOR MAQUINA DE LAVAR ROUPA



5 modelos desde 5.350.00 incluindo o modelo **SUPERDRY** a máquina que lava, centrifuga e seca totalmente a roupa

DISTRIBUIDORES GERAIS:

Porto-Sociedade Técnica de Fomento, Lda. - Lisboa



RELÓGIO SUIÇO

CAUNY

MELHOR QUALIDADE MAIOR EXACTIDAO

300 ANOS

DE EXPERIENCIA SUIÇA

SILENCIOSOS E PORTA-BAGAGENS

Montagem rápida

Silenciosos para todas as marcas de carros e tubos de escape, temos em «stock», fazemos todos os modelos, assim como para camions e tractores

VIANA & FILHOS, LDA.
Rua Actor Taborda, 20
Telef. 534688
(ao Saldanha)

DINHEIRO

EMPRESTA-SE com rapidez qualquer quantia em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. **CASA LAIRES** Rua da Prata, 291, 2.º Dt. (junto 3.ª Figueira) — Telefones 32 54 87 — 37 06 8

Salão de Cabeleireira em MIRA

Trespasa-se por motivo de retirada. Único na vila. Clientela assegurada. Tratar pelo telefone 45220 — MIRA.

O PONTO MÁXIMO DA TÉCNICA ALEMÃ EM TELEVISORES



O PONTO MÁXIMO EM BELEZA DE LINHAS



PREPARADOS PARA TODOS OS PROGRAMAS • MODELOS DESDE 6 290,00



AV. ANTÔNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 108
TEL. 562450. 562459 - LISBOA

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2º

TELEF. 369384

CAMINHOS DE FERRO ZONAS NORTE E CENTRO

Comunica-nos a C. P. que desde o dia 14 do corrente são feitas algumas alterações ao Horário em vigor nas Zonas Norte e Centro

O pormenor das alterações consta dos cartazes afixados nas estações para consulta do Público que também pode obter esclarecimentos nas Secções de Informações

IMPORTANTE LEILÃO EM ÉVORA

(Recheio da casa no Largo das Portas de Moura)

Dias 8 e 9 de Fevereiro

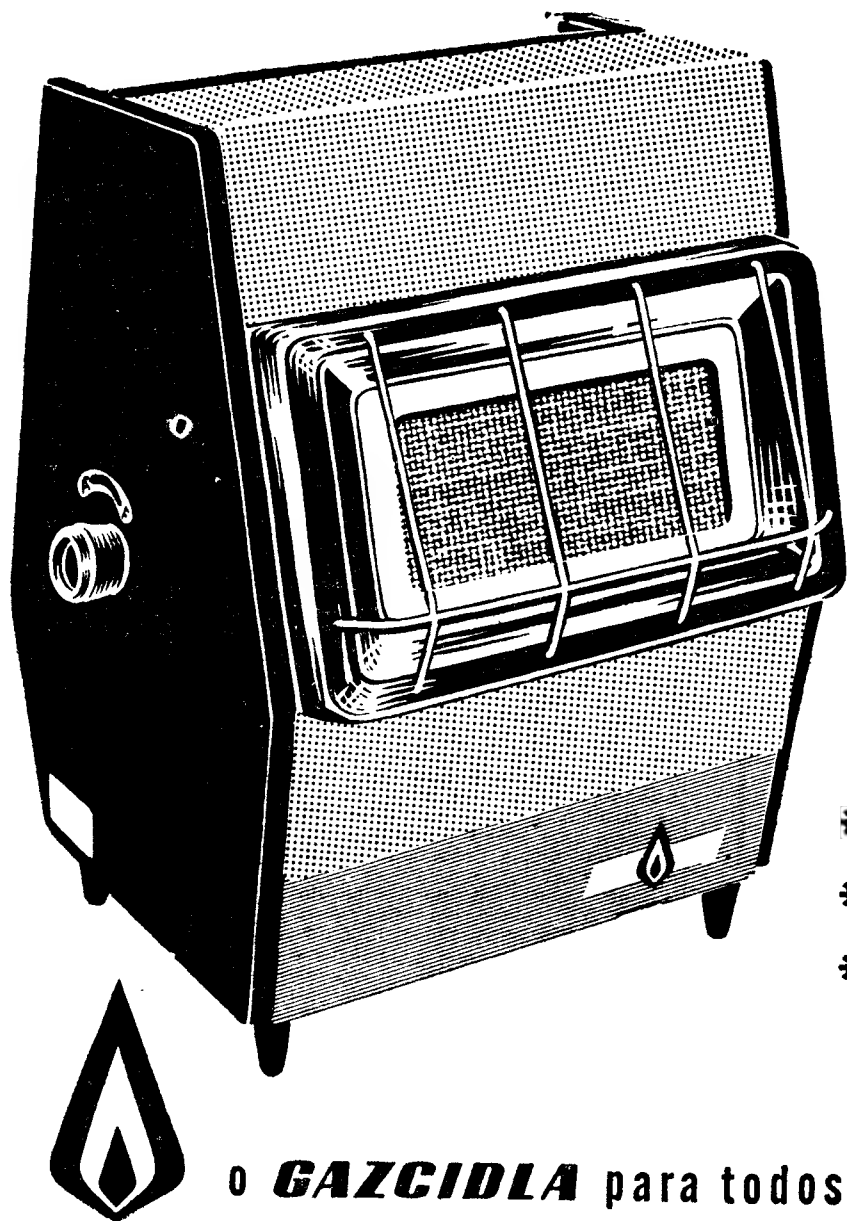
Por ordem do M.º Juiz Sindico da Comarca de Évora nos autos de insolvência requeridos por Guilherme Francisco Perdigão Reynolds e mulher, procede-se ao Leilão de importante recheio da casa no Largo das Portas de Moura, de que fazem parte autênticas obras de arte, tais como quadros, móveis antigos, lindas peças de louça da China, etc., etc. E uma linda capela em talha dourada, com magníficos quadros, imagens e paramentos.

Trata a Mandatária Judicial

ATUPAL de Joaquim Baraona

Estr. Marginal, Lote JME - 2.º C

CASCAIS — Telef.: 282345 - 282388



LUSOGÁS

O
calorifero
de
raios infra-vermelhos
a

GAZCIDA

- * PRÁTICO — fácil de utilizar, fácil de transportar
- * ECONÓMICO — cada garrafa de 2 kg dura 20/22 horas
- * SEGURO — dupla garantia CIDLA-HIPÓLITO

VENDAS A PRESTAÇÕES

o **GAZCIDA** para todos

la para o Brasil e «caiu» na história do bilhete premiado

O sr. António Duarte Pereira, agricultor de profissão, veio de largada até Lisboa, a fim de embarcar para o Brasil, como emigrante. O seu sonho e propósito eram (e são) os mesmos de tantos patriotas seus.

Homem simples mas ambicioso, ávido de triunfar e ignorando as artimanhas e perigos da grande cidade, caiu crédulo, mansamente,

no conto do vigário. O processo é velho e estafado, mas resulta, cá sempre mais um.

Foi ontem, na estação de Santa Apolónia. Foi ali que começou. Abeiraram-se dele dois «ujeitos», bem falantes, simpáticos. Havia um vigésimo premiado, os bancos estavam fechados, a Santa Casa e os vendedores de lotaria, também. Mas o caso era urgente. O vigésimo va-

lia 10 contos e o sr. Pereira podia ficar com ele por muito menos. Era uma aflição a que podia valer, era uma boa transacção, negócio muito rendoso e simples. Era só esperar por segunda-feira, na pensão ali no Largo Rafael Bordalo Pinheiro, e rebater o papelinho. Além disso, era rápido (toma lá dá cá) fazia-lhe jeito, era uma boa ajuda para as despesas que tinha a fazer. Enfim, era quase como o Brasil começar já em Lisboa...

E deu 1200\$00 em troca do vigésimo que valia 10 contos. Ganhara 8800\$00 de uma assentada.

Mas o vigésimo estava branco. E negra ficou a sua alma. Depois queixou-se à Polícia.

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TABACARIA CAMPINAS. Rua Joaquim Sabino Faria, 18-A.

Prédios

Amadora

1400 CONTOS

Const. mod. bem sit., 4 pisos. Rende 102 c. aprox. Habit. de 5 c. s., coz., desp., 2 c. banho, etc.

Algés

1500 CONTOS

Bem sit., 8 inq. Rende 87 contos aprox. Habit. de 3 c. s., coz., desp., c. banho etc. Todos req.

Zona Industrial

1700 CONTOS

Óptimo loc., 8 inq., habit. de 3 c. s., coz., desp., c. banho. Rende 121 contos aprox.

MOSTRA E PROVA
A CONFIDENTE

Rossio, 3, 2. — Telex. 369384-5-6

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCAÇÃO

É convocada a Assembleia Geral deste Banco para reunir, em sessão ordinária, às 16 horas do dia 17 de Fevereiro próximo, na Sede Social, com a seguinte

ORDEM DO DIA:

1. — Apreciar o Relatório, o Balanço e as Contas relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1967, apresentados pelo Conselho de Administração, bem como o respectivo Parecer do Conselho Fiscal, e deliberar sobre os mesmos;
2. — Dar cumprimento ao preceituado no art. 9.º do Estatuto do Banco;
3. — Eleger um membro do Conselho de Administração.

Porto, 22 de Janeiro de 1968.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
TITO CASTELO BRANCO ARANTES

NOVOS CURSOS

- ★ iniciação e aperfeiçoamento de Línguas
- ★ professores nacionais e estrangeiros
- ★ sistema audio-visual e audio-oral
- ★ ensino programado
- ★ moderno laboratório de línguas
- ★ 18 horas mensais 250\$00

cial

R. Estefânia, 48
Tel. 533733

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TABACARIA CAMPINAS. Rua Joaquim Sabino Faria, 18-A.

[Diário de Lisboa]

PAGINA 15

PARALELAMENTE

com os cursos intensivos de 8 semanas (80 horas) que custam 2.500\$00 (em dois pagamentos mensais de 1.250\$00).

ANUNCIAMOS:

- Cursos de 17 semanas (100 horas). Às 2.ª, 4.ª e 6.ª durante duas horas. Pagamento quinzenal de 380\$00.
- Cursos de 25 semanas (100 horas). Às 3.ª e 5.ª durante duas horas. Pagamento quinzenal de 760\$00.
- Cursos de Revisão (20 horas). Horário livre, pagamento de 800\$00.
- Curso de Conversação, leitura e redacção (20 horas). 800\$00.
- Cursos colectivos (para empresas, escolas, etc.), 100 horas. Por 12 alunos: 24 000\$00.

N. B. — Bolsas de estudo para alunos até 25 anos

OS NOVOS CURSOS
COMEÇAM NA 2.ª-FEIRA, DIA 5



Centro Audio-visual de Línguas

P. Luis de Camões, 36
LISBOA-CHIADO — Tel. 34988

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Janeiro de 1938 publicava:

«Depois de amanhã celebra-se mais um aniversário do «31 de Janeiro», um estremecimento republicano que o burgo portuense viu liquidar, tão frágil era a preparação material da conjura, ainda que forte fosse a fé nos corações.

«A quarenta e sete anos de distância, o movimento do Porto começa a ter já a sua história assente, desanuviados os horizontes que as paixões naturais dos homens cobriram de dúvidas sombrias, quanto à génese e ao objectivo da jornada.

«O «31 de Janeiro» foi um brado de alma patriótica; os homens que o animaram e realizaram estavam animados de boa fé. O seu republicanismo nacionalista era puro.»



— Quanto te amo? Espera que já te dou a resposta...

CURIOSIDADES

Os produtos de beleza masculina

Na Inglaterra têm, igualmente, grande voga os produtos de beleza masculina. Uma firma londrina que, entre outros produtos, criou uma água-de-colónia, lançou também, diversos produtos para proteger a pele e o cabelo contra os efeitos dos sabões, do vento e do ar aquecido.

A revista da especialidade, «Beauty Fashion», revela que os novos produtos lançados no mercado representaram um aumento de quatro por cento sobre as vendas do ano passado.

Jacarés em perigo

Está em risco de se extinguir, na Florida, a espécie de jacaré, sobrevivente de uma família de répteis, que — segundo os cientistas — há 200 milhões de anos produziu o dinossauro.

Funcionários do Parque Nacional de Everglades admitem que as leis estaduais contra os caçadores furtivos não podem ser reforçadas; e assim, a população de jacarés, que chegou a atingir milhões, está agora reduzida a menos de 300 000 em todo o Sueste dos Estados Unidos da América do Norte.

Combustíveis líquidos

Nos princípios deste ano, entrou em funcionamento total a refinaria de Burghausen, na Baviera, para uma produção anual de 1,5 milhões de petróleo. Designada, pela sua característica especial, instalação Wulff, destina-se à produção de matérias-primas, como acetileno e etileno (200 000 toneladas por ano).

Outros produtos obtidos na refinaria de Burghausen: coque de petróleo (200 000 toneladas), óleo leve para aquecimento e óleo diesel (ao todo cerca de 650 000 toneladas).

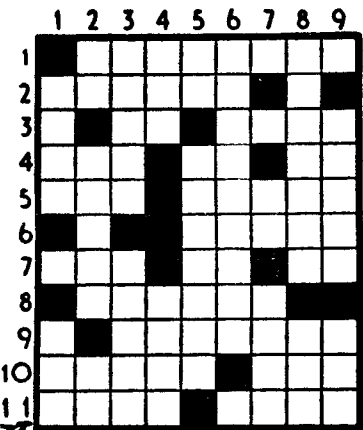
A estátua de mini-saia

As autoridades da Cidade do México resolveram, há vinte anos, vestir a estátua de Diana, que ali se ostenta na sua sensual e perturbadora formosura, com uma mini-saia, não para torná-la mais provocante, mas por falso e preconceituoso pudor.

Agora, chovem no Conselho Municipal as cartas pedindo a retirada da hipótese de saia, para que a plástica da lendária Diana caçadora se ostente em toda a pujança da sua sedutora beleza — tal como a esculpiu o famoso e genial Juan Otaguibel.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 4714



HORIZONTAIS: 1 — Pessoa ridícula, mentes pretensiosa. 2 — Que conta harmoniosamente. 3 — Preposição. Muito mau. 4 — Interjeição de cansaço. Parecência. Nota de música. 5 — Ente. Cara. 6 — Desagradáveis. 7 — Pou-ferro. Símbolo químico do érbio. A si. 8 — Rezas. 9 — Encorajava. 10 — Jamais. Benigno. 11 — Leva a reboque. Prejudício.

VERTICAIS: 1 — Interjeição de espanto ou surpresa. Ligue. 2 — Nociua. Façanha. Antigo nome da nota «dó». 3 — Piso. O sétimo planeta que gravita à volta do Sol e que é setenta vezes maior que a Terra. 4 — Patriarca bíblico que foi o tronco das novas raças humanas. Quadril. 5 — Dirige-se. Água ou vinho que os antigos romanos ofereciam como libação às divindades infernais. 6 — Carcomeram. 7 — Nota de música. Conhece. 8 — Penachos. Pronome pessoal. 9 — Contracção permanente da pupila. Patroa.

Resolva completamente este problema? Fracure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

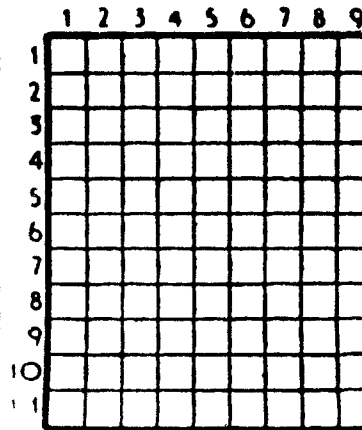
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4713

HORIZONTAIS: 1 — Caurinais. 2 — Arion. NÃO. 3 — Neo. Fedor. 4 — HA. Coa. 5 — Amola. 6 — Bi. Aro. 7 — AMIZADE. 8 — Peg. Ir. 9 — Nós. Era. 10 — Anoso. Dom. 11 — Moro. Feia.

VERTICAIS: 1 — Canhas. Iam. 2 — Anear. Pá. NO. 3 — Ulo. Menor. 4 — Ró. COBICOZO. 5 — Infeliz. Só. 6 — Eia. Al. 7 — Anda. Adrede. 8 — Ião. Crê. Rol. 9 — Soro. Dama.

(Provérbio: NÃO HA AMIZADE NO COBICOZO.)

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8558



HORIZONTAIS: 1 — Picante. Ima. 2 — Medida de superfície. Troçar. 3 — Lembra. 4 — Rei da Baviera que atacado de loucura foi enclausurado no castelo de Fustenberg. Mãe de Ismael. 5 — Preposição latina que designa movimento. Artigo definido. 6 — Aversões. 7 — Campeão. Preposição e artigo definido (pl.). Porco. 8 — Irmão de Abel. Cura. 9 — Raivoso. 10 — Fecha as asas para descer mais depressa. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 11 — Nome de uma flor. Atroígia.

VERTICAIS: 1 — Ilha situada no Pequeno Belt. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes escoceses e irlandeses. Senhor. 2 — Grande ilha da Grécia também chamada Cândia. Erudito. 3 — Mensagem. Caminhadas. 4 — O sono das crianças. Mulher nobre. 5 — Cidade da antiga Caldeia. Linha torcida e fiada. Pedra de moínho. 6 — Oferece. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. 7 — Maldições. Guarnecer de asas. 8 — Escarnecer. Exército. 9 — Comprar (garrotes de ano ou pouco mais) aos fazendeiros que necessitem de numerário, ou que não têm campos suficientes, a fim de revender daí a dois anos, para exportação. Filtro. Nesse lugar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8557

HORIZONTAIS: 1 — Manteigas. 2 — Arai. Malta. 3 — Ondas. 4 — Tá. Ois. Ca. 5 — Eis. Pão. 6 — São. Vol. 7 — Colar. 8 — Imã. Air. 9 — Rã. Ais. Ad. 10 — Apor. Arte. 11 — Sama. Suem.

VERTICAIS: 1 — Marte. Eiras. 2 — Ar. Ais. Mapa. 3 — Não. Saca. Am. 4 — Tino. Oó. Ara. 5 — Dio. Lei. 6 — Imãs. Vã. Sãs. 7 — Gas. Parã. Ru. 8 — Al. Cal. late. 9 — Sabão. Ordem.

Somos um dos muitos amigos da Costa da Caparica. Frequentamo-la há mais de 25 anos. Não somos, portanto, «amigos de Peniche», razão por que nos sentimos à vontade para fazer alguns reparos a respeito daquela praia e do seu concelho. Só lamentamos que, alguns deles tenham, entretanto, perdido actualidade. Mesmo assim, não deixaremos de a eles nos referir para que se possa avaliar se não terá sido mais prejudicial à Costa da Caparica a passividade, a incúria e negligência das entidades responsáveis, do que propriamente a fúria dos elementos. E se não vejamos:

— Compreende-se, porventura, que, em pleno Julho, tenham andado camiões basculantes a descarregar pedra na estrada-muralla construída para impedir o avanço do mar na praia de Santo António?

Não se verificou, felizmente, qualquer acidente, mas sabendo-se que algumas dessas pedras pesavam mais de uma tonelada e que, em pleno Verão, havia barracas e crianças perto do local onde decorriam as obras, não poderiam tais trabalhos ter sido realizados em Maio, Abril ou mesmo antes?

— Compreende-se que, no ano passado, também em pleno Verão, se tenham iniciado as obras (?) da vala que corre paralela à estrada que liga a Costa a São João da Caparica?

Sem discutir se, no final do século XXI, ainda se justificam obras de hidráulica tão rudimentares, não podemos deixar de lamentar a destruição parcial da ala ou passeio público que ladeava a vala — único caminho seguro entre a F.N.A.T. e a Costa e hoje praticamente intransitável devido à terra solta e ao pó finíssimo que se levanta à passagem de qualquer turista que por ali se aventure.

Se alguém beneficiar de tão importante (?) obra de hidráulica, não foram certamente os veraneantes nem os habitantes da Costa, mas sim as melgas e outros insectos que passaram a ter, mesmo no Verão, campo, isto é, água, onde se desenvolvam, pois agora, e ao contrário do que ali acontecia, têm água estagnada durante todo o estio.

Quer dizer: gastou-se dinheiro — e não deve ter sido tão pouco como isso — para benefício das melgas, como se estes insectos não tivessem já charcos suficientes onde se desenvolverem. Que o digam as pessoas que se atrevem a entrar na mata em Abril-Maio!

Não teria sido mais lógico e proveitoso, mandar pavimentar o tal passeio público, o que, além do mais, teria evitado a destruição dos bonitos choupos que ladeavam a vala e que agora foram substituídos por chorões — menos decorativos e que não dão positivamente a mesma sombra?

— E que dizer das bermas da estrada que liga a Costa à Trafaria? Terra solta, pó finíssimo que é mais leve brisa ou passagem de qualquer veículo, levanta autênticas nuvens de poeira?

Fez-se uma ponte que custou milhões, fizeram-se acessos que custaram milhares. Não haverá uma verbazita para, de uma vez para sempre, acabar com aquelas anti-higiênicas, antiturísticas e perigosas bermas?

Já não nos atrevemos a pedir que alargassem a estrada — e bem precisava —, pois isso implicaria a demolição de alguns edifícios de vários andares ainda não acabados e que passamos como a sua construção, com uma estrada tão estreita, possa ter sido sancionada.

Mas nem tudo é mau na Costa. Por exemplo: não deve haver, certamente, em todo o País, vila onde haja tantos sinais de trânsito. É uma autêntica floresta Proibida de estacionamento, sentido proibido em ruas consecutivas, sinais de estacionamento em dias al-

ternados quando num dos lados da rua (é o caso do troço da Avenida do Oceano) o passeio tem uma reentrância para estacionamento, etc., etc.

Outro exemplo: a toponímia. Difícilmente se encontrarão noutro concelho, avenidas com nomes tão adequados: É o caso das avenidas do Oceano e do Mar, na Quinta de Santo António. As ondulações do navimento — que o digam as molas e as suspensões dos carros e os ciclistas que são obrigados a circular pelos passeios — fazem, efectivamente, lembrar o mar e, no Inverno, os lagos que nelas se formam, também confirmam que, pelo menos os nomes das avenidas não são deixados ao acaso.

— E os passeios? Haverá, porventura, alguma terra onde, como no concelho de Almada, os passeios — que dizemos nós? — um só passeio — seja mais largo que as próprias ruas? — Eis aqui um motivo de interesse turístico que não tem sido convenientemente aproveitado — os mais largos passeios da Europa!

Há vários, mas a Avenida do Oceano, no troço norte, é um víssimo exemplo do que acabamos de afirmar. Sim senhores, passeio mais largo do que a própria avenida e, o que é mais, devidamente calcetado.

Em contrapartida aquele troço da avenida e a rua projectada, que dela parte e onde há já alguns anos existem prédios com passeios também desproporcionados, mas devidamente calcetados, continua por pavimentar.

Claro que o parque automóvel continua a crescer assustadoramente. Ninguém o ignora. Mas a Câmara lá tem as suas razões. Está, certamente, a antever o dia em que o automóvel, em vez de ser, como é, um meio de transporte cómodo e fácil, se torne um empecilho. Ora, quando isso se verificar já não serão, efectivamente, necessárias ruas tão largas, mas sim passeios.

Que nos desculpem se nos antecipamos na divulgação da notícia, mas realmente quem se detiver um pouco a analisar o surto de construção de arranha-céus em Almada, sem que se vislumbrem novos parques de estacionamento, não pode chegar a outra conclusão. Ou será que os passeios são pagos pelos proprietários dos prédios?

— E que dizer dos planos de urbanização? Haverá realmente algum plano de urbanização naquele concelho ou será antes um plano de improvisação?

Fazemos a pergunta porque verificamos que, por exemplo, na Rua D. Sancho I, que liga Almada à Cova da Piedade, e onde o trânsito de camionetas é intenso, há prédios cuja construção não deve então ter sido permitida à face da rua, com a intenção de mais tarde proceder ao alargamento do seu traçado. Quer dizer: os responsáveis de então entenderam que a rua era estreita para o movimento — e é-o de facto. Não pensam assim os actuais e o que é certo é que hoje, na mesma rua e perto dos tais citados prédios recuados se encontram agora outros em construção à face da rua.

— E que dizer do estado lamentável das ruas, quanto a pavimentação — inexistente nalguns casos — e limpeza?

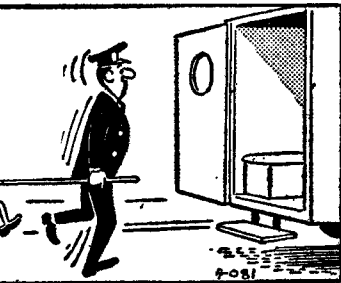
Há ruas que só vêm água quando chove e outras, onde se porventura, por elas passam os serviços de limpeza, não fazendo uso da pá nem da vassoura. De resto a recolha do lixo é feita em camionetas abertas e às mais desconstruídas e impróprias horas do dia.

Nunca, na realidade, nos foi dado ver terra onde o culto do lixo atingisse tão alto expoente.

— E o parque de estacionamento

(Continua na página seguinte)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Leonarda da Conceição Leonardo



D. Leonarda da Conceição

BORBA, 29. — Faleceu a sr.^a D. Leonarda da Conceição Leonardo, que contava 101 anos de idade. Até à hora da morte gozou de excelente saúde. Como tivemos ocasião de noticiar, quando do seu último aniversário via com uma clareza tal, que lhe era fácil ainda coser e ver avôes ao longe sem óculos. Deixou três filhos, sendo um deles o sr. Avelino Leonardo, companheiro, vendedor do nosso jornal nesta localidade. Deixa, também 19 netos e 25 bisnetos.

Manuel Luís Leite Junior

S. JOÃO DA MADEIRA, 29. — Com 70 anos de idade, faleceu ontem, nesta vila, na sua residência, Rua Padre Oliveira, o sr. Manuel Luís Leite Junior, sócio e presidente do conselho de administração da Empresa Industrial Chapelaria Limitada.

D. Marta Quaresma Nepomuceno Mora

Faleceu a sr.^a D. Marta Quaresma Nepomuceno Mora, de 82 anos, natural do Montijo, viúva, mãe da sr.^a D. Maria Lucília Nepomuceno Mora Paulino Gomes, casada com o sr. dr. Manuel Paulino Gomes Junior, secretário-geral da Firestone Portuguesa, e dos srs. Mário Manuel Nepomuceno Mora, casado com a sr.^a D. Maria Catarina Rosado Mora, e João Quaresma Nepomuceno Mora, casado com a sr.^a D. Maria José Marcela Camarinha Mora; avô das sr.^{as} D. Maria Manuela Mora Paulino Gomes conhecida locutora da R. T. P.; D. Maria Lucília Mora Paulino Gomes Saramago Monteiro, D. Maria Margarida Rosado Mora, D. Isabel Maria Camarinha Mora e menina Maria Manuela Rosado Mora e dos srs. João Vasco Camarinha Mora e António José Camarinha Mora; e bisavô da menina Marina Paulino Gomes Saramago Monteiro. O seu funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Avenida Almirante Reis, realiza-se amanhã, pelas 14 horas, da basílica da Estrela, para jazigo de família, no cemitério do Montijo. Pelas 10 horas, será celebrada missa de corpo presente.

Virgílio Lory

Após prolongado sofrimento, faleceu na sua residência, em Lisboa, o importante industrial dos Açores sr. Virgílio Lory.

O ilustre extinto era casado com a sr.^a D. Raquel Paula Lory e pais dos srs. Norberto de Atouguia Lory, Alberto Manuel de Atouguia Lory, D. Stela de Atouguia Lory de Alvarenga, D. Maria Manuela Atouguia Lory de Lorena Birne, Reinaldo de Atouguia Lory e eng.^o José Manuel de Paula Lory; sogro das sr.^{as} D. Ilda de Almeida Lory, D. Maria Josefina Frade Lory, D. Maria de Lurdes Ferreira Lory e dr.^a Maria Emília Pimenta Lory, e dos srs. tenente-coronel Clodomir Sá Viana de Alvarenga, comandante do B. I. 18, em Ponta Delgada (Açores) e tenente-coronel Nuno Lorena Birne, comandante do Destacamento de Artilharia de Luanda.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 12 e 30, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, para jazigo no cemitério dos Prazeres, sendo celebrada missa de corpo presente, pelas 10 horas. Os serviços fúnebres estão a cargo da Agência MEGA.

Francisco Policarpo

ÉVORA, 29. — Da Igreja da Misericórdia e com grande acompanhamento saiu ontem para o cemitério dos Remédios, desta cidade, o funeral do sr. Francisco Policarpo, de 77 anos, natural de Mora, industrial de hotelaria em Évora. O extinto deixa viúva a sr.^a D. Maria Isabel Condeço Policarpo e era pai dos srs. José Pedro Policarpo, administrador de «A Sertoria» e dr. Joaquim Manuel Policarpo.

FUNERAIS

Virgílio Lopes dos Santos

Realizou-se esta tarde, para o cemitério da Ajuda, o funeral do sr. Virgílio Lopes dos Santos chefe dos serviços de expedição do «Diário da Manhã», e da Editorial Organizações. O extinto, que contava 57 anos, era casado com a sr.^a D. Maria da Conceição Alcobia dos Santos e pai da sr.^a D. Maria Luísa dos Santos Viegas e do sr. Daniel Alcobia Lopes dos Santos.

Dr. Emílio Carita Polido

PORTALEGRE, 29. — Com grande acompanhamento, realizou-se

hoje, para jazigo de família no cemitério desta cidade, o funeral do sr. dr. Emílio Carita Polido, de 66 anos, natural de Nisa, médico muito apreciado nesta região, principalmente junto da gente mais humilde, a quem ele muito auxiliou.

Era pai do sr. António Vieira Carita Polido, funcionário público, casado com a sr.^a D. Fernanda Marques Carita Polido; e da sr.^a D. Maria de Lurdes Vieira Polido Rodrigues Neves, casada com o arquitecto sr. José Maria Rodrigues Neves Republicano de firmes convicções, o sr. dr. Emílio Carita Polido exerceu as funções de governador civil de Portalegre e de professor liceal, antes do advento do 28 de Maio. Reformou-se há pouco dos cargos de director do Sanatório desta cidade e de médico municipal.

SUFRÁGIOS

João do Nascimento Mendonça

Amanhã, às 11 horas, na igreja nova da Senhora da Hora (Porto), será rezada missa do 7.^o dia pelo falecimento de João do Nascimento Mendonça mandada celebrar pela família.

P.^a dr. Manuel Nunes Formigão

Por iniciativa dos seus antigos alunos será celebrada amanhã, às 9 horas, na Sé Patriarcal, missa de sufrágio pela alma do padre dr. Manuel Nunes Formigão, que faleceu precisamente há 10 anos.

TRIBUNA LIVRE

(Continuação da página anterior)

junto ao morro de Cacilhas, onde se paga para se emporcalhar os carros?

— E que dizer da autêntica nitreira que é o morro fronteiro ao estaleiro da Lisnave, onde, «para inglês ver» andaram a «construir» palçadas de canas secas para que os visitantes, na inauguração daquele estaleiro, não desfrutassem o repelente e nojento espectáculo que agora, passada a festa e caídas as canas, forçadamente continuam a ver todos quantos ali passam?

— E da água, ou melhor, da falta de água que no Verão, invariavelmente, se faz sentir na Quinta de Santo António, em todos ou quase todos os prédios com «ma» de um andar?

Note-se que esta falta de água não é devida à escassez de tão precioso líquido, mas porque, ao que consta, as canalizações não têm diâmetro suficiente.

Logo, quem quiser tomar banho que se levante às 6 e 30 ou antes. Quem nos diz que os senhores dos Serviços Municipalizados não são defensores do ditado «deitar cedo e cedo erguer»?

— Já não falamos da falta de jardins públicos de piscinas e parques infantis, etc., etc., mas pensamos que, como portugueses e amigos da Costa, temos o direito de exigir que ao menos acabem convenientemente aquilo que começaram.

JOÃO MATA

Junceira — Tomar



COMENDADOR

Francisco de Brito

FALECEU

Isidro de Brito, sua mulher e filhas, Rosa da Conceição dos Santos e filhos, Maria da Conceição Antunes, seu marido e filhos, Ricardina da Conceição Brito, Joaquim de Brito sua mulher e filhos, Deolinda da Conceição Brito Silva e seu marido, Rosalina da Conceição Brito Ferreira seu marido e filhos e mais família, participam o falecimento do seu querido irmão, Cunhado, Tio e parente, e que o funeral se realiza em dia e hora a determinar, para jazigo de Família, na Junceira.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

SANTARÉM



António Branco Alcobia

FALECEU

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Flrinda da Conceição Calhaz Alcobia e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizades que foi Deus servido chamar á sua divina presença o seu muito querido marido, tio e cunhado e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 30, pelas 12,30 horas da sua residência na Rua Guilherme de Azevedo n.º 5, 1.º, para o cemitério dos Capuchos.

SÃO JOÃO DA MADEIRA



MANUEL LUÍS LEITE JÚNIOR

O finado era irmão das sr.^{as} D. Caralinda Margarida Leite Ferreira e D. Generosa Margarida Leite Ferreira; cunhado do sr. Belmiro António da Silva, D. Caralinda Leite Correia, casada com o sr. eng.^o Mário Gonçalves Amado, Valdemar José Leite Correia, casado com a sr.^a D. Maria Odete Coelho Coutinho Correia, D. Maria Margarida Leite da Silva, casada com o sr. Manuel Luís Amorim Soares, srs. Sérgio Leite da Silva e Manuel Luís Leite da Silva, casado com a sr.^a D. Maria Inês Montenegro Costa Sampaio Leite da Silva.

A acção do finado como sanjoanense fez-se sentir em cargos de relevo no meio local. Por disposição do saudoso extinto serão contempladas algumas instituições desta terra.

O funeral realiza-se hoje, dia 29, pelas 18 horas, da sua residência para o cemitério desta vila.



VIRGÍLIO LORY

FALECEU

Raquel de Paula Lory, Norberto de Atouguia Lory, sua mulher e filha; Alberto Manuel Atouguia Lory e sua mulher; Stela Atouguia Lory d'Alvarenga, seu marido e filhos; Maria Manuela Atouguia Lory de Lorena Birne, seu marido e filhos; Reinaldo de Atouguia Lory, sua mulher e filha; José Manuel de Paula Lory, sua mulher e filhos e demais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente, cujo funeral se realizará amanhã, dia 30, pelas 12,30 horas, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, para jazigo no cemitério dos Prazeres, sendo celebrada missa de Corpo Presente pelas 10 horas.

AGÊNCIA MEGA



VIRGÍLIO LORY

FALECEU

CONSERVAS LORY, LDA., tem o pesar de participar o falecimento do seu sócio-gerente Ex.^{mo} Sr. Virgílio Lory, cujo funeral se realizará amanhã, dia 30, pelas 12,30 horas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, para jazigo no cemitério dos Prazeres, sendo celebrada missa de Corpo Presente pelas 10 horas.

AGÊNCIA MEGA



VIRGÍLIO LORY

CEU

Os empregados de Conservas Lory, Lda., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido patrão, Ex.^{mo} Sr. Virgílio Lory, cujo funeral se realizará amanhã dia 30, pelas 12,30 horas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para jazigo no cemitério dos Prazeres, sendo celebrada missa de Corpo Presente pelas 10 horas.

AGÊNCIA MEGA

ALCÁCER DO SAL



MIQUELINA DE JESUS LOURO MENDES

FALECEU

Maria de Jesus Louro Mendes Crespo e seu marido; Maria Elvira Louro Mendes Linco, seu marido e filhos; Fernanda do Rosário Louro Mendes Saraiva Lima, seu marido e filhos; Francisco Louro Mendes, sua mulher e filhos; Miguel Louro Mendes, Maria Henriqueta Louro Mendes Nuncio Frago e seu marido e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua muito querida mãe, sogra, avó e parente, e que o funeral se realiza amanhã, dia 30, pela 11 horas da sua residência para o cemitério local.

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 1968

CARTAZ DOS CINEMAS

TV

DIA A DIA

ESTREIA DE HOJE «A VIAGEM» — no Mundial



As 21.30

(Adultos)

ESTREIA

A VIAGEM

com Fernandel — Lili Palmer
Laurent Terzieff e Madeleine Robinson
SCOPE-COLORIDO
(Hoje não há 2.ª matinee)



As 15.15

e 21.30

(Adultos)

3.ª SEMANA

Nunca viu nada
semelhante
Rigorous exclusivo da época
70 mm

DOZE INDOMAVEIS PATIFES (THE DIRTY DOZEN)

com Lee Marvin — Ernest Borgnine
— George Kennedy

As 18.30, cantos espirituais negros
LOS ANGELES JUBILEE SINGERS
mundialmente famosos (M. 6 anos)



As 15.30 18.30

e 21.45

(Adultos)

3.ª SEMANA

Um mundo de prazeres e inibições
incompletas...

UMA AVENTURA A QUATRO

com Jean Pierre Cassel e Claudine Auger



As 15.15, 18.30

e 21.30

(M. 12 anos)

9.ª SEMANA

O melhor filme
de CANTINFLAS

SUA EXCELENCIA EASTMANCOLOR



As 15.45 e 21.45

(M. 17 anos)

3.ª SEMANA

Para além das barreiras da expecta-
tiva e da emoção

OS OLHOS DA NOITE

com Audrey Hepburn e Alan Arkin
TECHNICOLOR



As 15.30 e 21.45

(Adultos)

3.ª SEMANA

DE EXITO!

Lana Turner,
John Forsythe

Keir Dullea numa história de
amor de apaixonante interesse!

MADAME X (EASTMANCOLOR)

Um êxito em todo o mundo!

CINE-TEATRO As 21.30

LIDO

(M. 12 anos)

Telef. 93 75 93 O mais feliz dos
AMADORA filmes felizes:
Em magnifico 70 mm

AS DONZELAS DE ROCHEFORT



As 15.15, 18.15

e 21.30

(Adultos)

3.ª SEMANA

Para além das barreiras da expecta-
tiva e da emoção!

OS OLHOS DA NOITE

Audrey Hepburn, Alain Arkin
e Richard Crenna



As 15.15 e 21.30

(Adultos)

2.ª SEMANA

AS FEITICEIRAS
com Capucini, Claudia Cardinale,
Alberto Sordi, Jean Sorel, Monica
Vitti, Raquel Welch, Enrico Maria
Salerno

QUINZENA DE TERROR — Hoje
Adultos — As 18.30 h.: A SOM-
BRA DO CAÇADOR, de Charles
Laughton: com Robert Mitchum, Shel-
ley Winters. Dia 31: A Velha Casa
Sombria (Adultos).



As 15.15 — 18.15

e 21.30

(M. 12 anos)

Um novo e desconcertante tipo de
comédia

A RAPOSA DOURADA

com Peter Sellers e Victor Mature



As 15.30 e 21.45

(Adultos)

Balcão 72 91 92
Plata 72 77 78
3.ª Semana de lo-
tações esgotadas!
Vanessa Redgrave,
David Hemmings
e Sarah Miles
no famoso filme de Antonioni que
conquistou o 1.º Prémio do Festival
de Cannes de 1967:

BLOW-UP

(HISTÓRIA DE UM FOTOGRAFO)
Fotografia em Technicolor



As 15.15 — 18.15

(p.r.) e 21.30

4.ª SEMANA DE

GARGALHADA
Florbelá Quirós e João Lourenço
na história de um roubo de jóias

UM CAMPISTA EM APUROS

com Nicolau Breyner e Lígia Teles
Uma realização de Herlander Peyroteo
(Maiores 12 anos)



Telef. 61 03 75

As 21.30

(Adultos)

O ÓDIO QUE GEROU O AMOR

(TO SIR WITH LOVE)

com Sidney Poitier e Judy Gesson



As 15.30 — 18.30

e 21.45

5.ª SEMANA

DE SENSACÃO

(M. 12 anos)

Julie Christie

Oskar Werner no

original e empol-
gante filme em technicolor

FAHRENHEIT 451

(GRAU DE DESTRUIÇÃO)

O mais discutido filme de François



As 3 e 6.15 da tarde

(p.r.) e 9.30 da noite

(M. 17 anos)

2.ª SEMANA

FRANK SINATRA

no famoso aconte-
cimento policial



As 15.15, 18.15

e 21.30

3.ª SEMANA

(Adultos)

A obra-prima

de Antonioni



(HISTÓRIA DE UM FOTOGRAFO)
Vanessa Redgrave-David Hemmings



As 15.15 e 18.15

(p.r.) e 21.30

EM 3.ª SEMANA

DE EXITO

SENSACIONAL



Arrebatadora história de uma feroz
desforra a tiro

GRINGO NÃO PERDOA

com Montgomery Wood
Scope-Color (Maiores 12)



Telef. 32 41 94

As 21 horas

(M. 17 anos)



RASPUTIN, O MONGE LOUCO
MINHA FILHA NÃO É MINHA



As 15 e às 21 h

(M. 12 anos)



Telef. 66 10 16

A mais extraordinária aventura que
ao nome foi dado viver

O SEGREDO

DA ILHA SANGRENTA

com Jack Hedley — Barbara Shelley



As 15 e 21 h

(M. 17 anos)



ACIDENTE
GIBRALTAR

IMPERIAL As 14.45 e às 21 h

(Adultos)

A FLOR A BEIRA DO PANTANO
NÃO LHE PROMETO TUDO...

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — As 21 e 30: «1.ª Companhia
de Circo de 1968» (12 anos)

TEATROS

CAPITÓLIO — As 21 e 45: «Volúpia do
honra» (17 anos)

VARIADA — As 20 e 45 e às 23:
«Pois, pois...» (17 anos)

VASCO SANTANA — As 21 e 45: «A
nossa cidade» (12 anos)

VILLARET — As 21 e 23: «Delicosa-
mente louca» (17 anos)

TRINDADE — As 21 e 45: «Não se sabe
como» (17 anos)

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23:
«Pão, pão... Queijo, queijo» (17 anos)

MONUMENTAL — As 21 e 45: «A Flor
do Cacto» (17 anos)

CINEMAS

ARCO-IRIS — As 21: «Assaltaram o
banco» (17 anos)

OLÍMPIA — As 9: «Os rebeldes do Ca-
nadá» (12 anos)

PARIS — As 21: «Machado verme» (M. 12 anos)

CINEARTE — As 21: «Águias negras de
Santa Fé» (12 anos)

ROYAL — As 21: «Há festa na aldeia»
(12 anos)

SALÃO LISBOA — As 19: «A fronteira
do Mississippi» (12 anos)

JARDIM — As 21: «Sete homens de
ouro» (12 anos)

IMPERIAL — As 21: «A flor à beira do
pantano» (17 anos)

CINE MOSCAVIDE — As 21: «Desordem
na terra dos gringos» (12 anos)

CINE-ORIENTE — As 21: «007 operação
relampago» (17 anos)

PROMOTORA — As 21: «A pousada da
sexta felicidade» (12 anos)

● Na Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «A
fera amansada» (12 anos)

● Na Linha de Sintra
DAMAIA — CINEMA D. JOÃO V — As

(Continuação da 5.ª página)

senta um trabalho jornalístico bem
«arrancado». «Horizonte» tem na
tv um lugar que ninguém lhe tira.
Importa premiar-lhe a qualidade;
importa passá-lo de mensal para
quinzenal. Subi-lo de posto por mé-
rito próprio.

No entanto, «Horizonte» desperdi-
çou a oportunidade de elevar a
sua conta do activo. Foi, como se
costuma dizer no futebol, «uma
perdida flagrante».

Eu conto.
O dr. Décio Ferreira fez, há 10
anos, a primeira transplantação de
um coração. Entre animais, claro.
Aliás, a sua opinião é que será
condenável toda a transplantação
humana que não haja sido suficien-
temente experimentada em animais.
Bom. Mas dessa tal primeira trans-
plantação ficou-nos documento sen-
sacional: um filme. Fialho Gou-

veia tem a bobina na mão. Mos-
tra-a. Para ninguém ter dúvidas.
Todo o mundo pensa que vamos
assistir ao testemunho da prova...

Mas não. Fialho tem a bobina
mas não tem a autorização. A R.
T. P. acha que o filme iria provo-
car uma onda emocional de efeitos
imprevisíveis. Desmaios por esse
país fora, etc. — M. C.

SINDICATO NACIONAL DOS CAIXEIROS E PRO- FISSÕES SIMILARES DO DISTRITO DE LISBOA

AV. DA REPÚBLICA, 29 — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAOR- DINÁRIA DA SECÇÃO PROFIS- SIONAL DE PRAÇA E VIAJANTES

Em cumprimento do preceituado
no n.º 1 do Artigo 45.º e § único do
Artigo 46.º dos Estatutos deste Sin-
dicato Nacional, é convocada a As-
sembleia Geral Extraordinária da
Secção Profissional de Praça e Via-
jantes, a reunir no dia 5 do próxi-
mo mês de Fevereiro, pelas 21 horas,
na Sede deste Organismo, com a se-
guinte Ordem de Trabalhos:

NOMEAÇÃO DOS REPRESENTAN- TES DESTA SECÇÃO À ASSEM- BLEIA GERAL DO SINDICATO.

Não havendo número legal de só-
cios presentes, desde já se convoca
nova reunião, para as 22 horas do
mesmo dia, que funcionará com
qualquer número de sócios, conforme
determina o Artigo 30.º dos Esta-
tutos.

Lisboa, 29 de Janeiro de 1968

Pela Direcção da Secção
O Presidente

a) Jose Ferra Victor

TELEVISORES

RÁDIOS

CANDEIROS

PREÇOS DE

O CASIÃO

SÓ NAS CASAS

ALVARO TORRAO

ELECTRODOMÉSTICOS

R. Anjos, 71-B e L. 8.ª Barbara

Av. Ant. Aug. Aguiar, 58-B

Telef. 43136/7-560834-636752

Valério Silva em TV-Clube

Valério Silva foi, no ano findo, a
mais segura revelação nacional da mu-
sica ligeira. Voz que a nenhuma outra
se parece, personalidade própria e uma
vontade firme de vencer através do seu
valor, são algumas das suas principais
características.

O cancionista regressou há pouco
da Madeira onde, durante três sema-
nas, obteve sensacional êxito no Casi-
no local. Dentro de dias terá à venda
mais um disco, com as canções «Foi
demais», e «Quero outro mundo», am-
bas de Manuel Viegas e António José:
«Vou á sorte», de Jerónimo Bragança
e António Andrade; «Amor tens que
voltar», de Carlos Resende e F. Mei-
reles.

Amanhã, cerca das 22 e 25, Valério
Silva será vedeta do «TV Clube», po-
pular programa da R. T. P., onde
apresentará alguns dos seus mais re-
centes êxitos.

bom apetite



restaurante
aramelro
PRÉMIO
DO S. N. I.
TRAV. ST. ANTÃO, 21 — LISBOA
(Restauradores) Tel. 36 71 85

TARANTELA
RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 53 52 03
ESPECIALIDADES DIARIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
e Lanches de Casamento

TONI DOS BIFES
RESTAURANTE
AMANHÃ
MOAMBA DE FRANGO
QUARTA-FEIRA
RANCHO A MODA DE VISEU
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 50-E
(Junta ao Monumental) Telef. 53608

Tamborim
Restaurante — Snack-Bar
Cervejaria
COZINHA PORTUGUESA
ESPECIALIDADES GOESAS
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana) — Telef. 46247

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
TELHEIRAS DE CIMA, 44
(Ao Campo Grande) — Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)

AEROPORTO
A Estalagem do Cavalo Branco,
na Avenida do Aeroporto, serve
almoços e jantares por 50 esc. com
as suas 14 célebres «Coquilles
Saint-Jacques».

Espadinha («Europaaaa!...») vai para o Teatro pela mão de Vasco Morgado

Espadinha (Victor) volta a ser notícia. Vai para o teatro.

Finalmente! Espadinha (Victor, «com e, não esqueça») é locutor e produtor radiofónico.

O leitor sabe, o leitor recorda («Europaaaa!», até aqui há uns tempos, durante cinco meses, todas as noites, no Rádio Clube Português). Um estilo muito especial, um jeito muito gritado de fazer rádio (havia quem dissesse que era uma versão (má) de Rádio Caroline e outras do género).

Espadinha (Victor) também esteve em Mocimboa, onde fez locução; também esteve na Inelterra, onde trabalhou na TV.

Espadinha (Victor), aqui há um mês, andou, por quatro dias, nas páginas do «Diário de Lisboa». Primeiro foi dar milho aos pombos no Rossio. Era uma forma de autopublicidade (perdone senhor Salvador Dali...), de chamar a atenção para o seu caso. Foi assim um «muleta negra» do microfone.

Quer um emprego no teatro (também é actor, trabalhou nos palcos em Lourenço Marques e sempre pensou que fazia falta, por cá, um cómico de garra, no tipo de um Cantinflas, de um Danny Kay, de um Chaplin...).

Depois a Polícia «convidou-o» a deixar os pombos (podiam apagar uma indigestão com tanto

milho, coitadinhos...) e ele regressou a casa. Depois vendeu o «Diário de Lisboa» e contou coisas... Quer um emprego no teatro, mas o sr. Vasco Morgado tem os teatros quase todos...

Pois é. Mas, agora, o sr. Vasco Morgado (que tem os teatros quase todos) foi ao Parque Mayer



Este é Vitor Espadinha. Lembra-se dele? Apareceu assim, no Rossio, quando foi dar milho aos pombos...

— o Espadinha (Victor) estava lá — convidá-lo para ingressar numa das suas companhias.

Espadinha (Victor) ficou muito contente e aceitou. Vai trabalhar com Eunice («ó uma honra») em «Deliciosamente Louca».

A companhia vai em digressão pela província e José de Castro não pode acompanhá-la. Assim, João Perry passa a interpretar o seu papel e Espadinha tomará a posição de Perry (o marido fraco que a mulher domina).

A digressão começa hoje em Setúbal. Amanhã estarão em Santarém, depois em Tomar e, na quinta-feira, em Abrantes.

Até aí, porém, José de Castro ainda actuará. As substituições verificar-se-ão na sexta-feira, na Figueira da Foz. Mas Espadinha (Victor) já seguiu hoje com a companhia, para se aclimatar.

E, a partir de sexta-feira, o palco é seu, incluindo a estada mais demorada no Porto...

— E sexta-feira não traz azar? Espadinha (Victor) não é supersticioso.

— Não. Nada receio. Estou feliz e cheio de esperança. Sou actor!

E não esconde o júbilo de voltar «às tábuas» («com Eunice, caramba!») e o reconhecimento a Vasco Morgado (que tem os teatros quase todos).

SENSAÇÃO NO AUTOMOBILISMO

FÂNGIO FOI CONVIDADO PARA ORGANIZAR UM CURSO DE CORREDORES EM ANGOLA

LUANDA, 29 — (L.) — O campeão do Mundo de automobilismo em «Fórmula 1», José Manuel Fângio, já retirado há alguns anos, foi convidado a deslocar-se a Angola, para dirigir um curso de aperfeiçoamento de «volantes» de competição.

A notícia foi divulgada pela imprensa luandense, que junto do presidente da direcção do Casper Motor, dr. Teles Tavares, procurou a sua confirmação. Contudo, aquele dirigente não confirmou absolutamente a sua veracidade. No entanto, admitiu que o Casper Motor houvesse convidado Fângio a deslocar-se a Angola, nada mais acrescentando sobre o assunto.

Trata-se de uma iniciativa com foros de sensacional, na medida em que, para além da parte referente aos extraordinários resultados técnicos, que a vinda do conhecido «volante» argentino pode trazer ao automobilismo desportivo da província, é indício seguro de que se começa a caminhar no melhor sentido: valorização real e consciente dos nossos «amadores» com possibilidades de, em futuro próximo, marcarem presença de realce nas competições dos países vizinhos.

O desaparecimento do «Dakar» e do «Minerve»

(Continuação da 1.ª página)

até agora, quaisquer vestígios dos submarinos.

Contudo, outros oficiais da Marinha desta base mostravam-se inclinados a não acreditar na teoria dos maremotos.

A última posição conhecida do «Minerve» às 7 horas (T.M.G.), de sábado, era a 12 metros abaixo da superfície do mar, aproximadamente a 40 quilómetros a sueste de Toulon.

Qualquer violento abalo sísmico na área poderia ter causado macarrês na costa sul da França ou sido sentido por navios de superfície — argumentaram esses oficiais.

DIMINUEM AS ESPERANÇAS DE SALVAR O «MINERVE»

TOULON, 29 — (F.P.) — Para localizar o submersível «Minerve» têm sido empregados os instrumentos electrónicos mais modernos, mas sem resultado.

Participam nas pesquisas helicópteros e outros aparelhos. Entretanto, as esperanças de salvar o «Minerve» diminuem de momento para momento.

SINAL QUE PODE TER SIDO EMITIDO PELO «DAKAR»

TEL AVIV, 29 — (F.P.) — Um fraco sinal não identificado que poderia ter sido emitido pelo «Dakar», o submarino israelita que desapareceu há quatro dias no Mediterrâneo, foi captado no sábado em Haifa — soube-se hoje nesta cidade.

Doze aviões e dez navios de quatro nacionalidades retomaram esta manhã as buscas a sueste de Chipre onde, pela primeira vez, desde quinta-feira, a visibilidade é boa e o mar está calmo.

Presidência do Conselho

Com o sr. presidente do Conselho trabalhou hoje o ministro da Economia.



Morreu o pintor Bernard Foujita

ZURICH, 29 — (F.P.) — O pintor Bernard Foujita faleceu, esta manhã, no hospital cantonal desta cidade suíça.

Internado há perto de seis meses no hospital Cantonal desta cidade, o pintor Foujita sucumbiu, esta manhã, a prolongada doença. Acompanharam os derradeiros momentos do artista, de origem japonesa mas naturalizado francês, sua mulher, os pintores japoneses Tabouchi e Epihara e o seu velho amigo e antigo conselheiro municipal parisiense, Georges Prades.

Foujita havia pedido ao padrinho, Bernard Lalou, para ficar sepultado na capela que decorou, em Reims, pedido que será respeitado.

Foujita, que nasceu em Tóquio no ano de 1886, fixou-se em França em 1913. Autor de numerosos quadros, onde a minúcia do desenho revela características orientais, foi o decorador do pavilhão japonês da Cidade Universitária de Paris, estando representado no Museu Nacional de Arte Moderna desta cidade.

BARNARD RECEBIDO PELO PAPA

CIDADE DO VATICANO, 29 — (R.) — O Papa Paulo VI recebeu hoje, em audiência, o professor Christian Barnard, que ontem chegou a Roma, para um debate «a Televisão com cirurgiões italianos».

O prof. Barnard dirigiu-se ao Vaticano, esta manhã, pouco depois de ter sido recebido pelo presidente Saragat.

Recentemente, o semanário do Vaticano publicou um editorial criticando a pressa com que os médicos se lançaram na competição para serem os primeiros a conseguir uma transplantação cardíaca bem sucedida.

O semanário pedia também aos médicos que se certificassem da morte do dador, antes de retirar o coração.

Para o seu cabelo

Os Institutos Científicos Capilares «SAINT-ANTOINE», DE PARIS, especializados no cuidado e conservação do cabelo, comunicam que em Lisboa se situam na Avenida da República, 2, 7.º andar (junto ao Saldaña), com o telefone 56 02 72, encontrando-se aberto ao público todos os dias úteis das 10.30 às 12.30 e das 15 às 19.30 horas.

Em 30 minutos de exame, sem nenhum compromisso, diremos se o nosso método pode ser eficaz no seu caso.

Para consulta sobre o método a seguir podem os interessados apresentar-se nas horas acima mencionadas ou marcar por telefone.

Os Institutos SAINT-ANTOINE, DE PARIS, estão montados de forma para que as senhoras e os senhores clientes não percam tempo.

Para os clientes de fora de Lisboa podem preparar-se aplicações a fim de serem aplicadas nas suas casas.

Cientificamente, os tratamentos dos Institutos SAINT-ANTOINE, DE PARIS, são os mais avançados para resolver o problema do cabelo no ramo da COSMETOLOGIA.

Na Península Ibérica:
LISBOA — Av.ª da República, 2-7.º — Tel. 56 02 72 — Portugal

MADRID — Av.ª José António, 7 — Tel. 2214480 — Espanha
BARCELONA — Ronda San Pedro, n.º 8 — Tel. 2210108 — Espanha.

PÁSCOA NA TERRA SANTA ISRAEL

A VISITA MAIS COMPLETA
ATÉ AGORA ORGANIZADA
AOS LUGARES SANTOS E A
JERUSALÉM

Viagem colectiva
de 7 a 17 de Abril (11 dias)

9.700\$00

TUDO INCLUIDO

Europeta

A PRINCIPAL AGÊNCIA
DE VIAGENS PORTUGUESA

231, Av. da Liberdade, 235

Telef. 53 61 21

LISBOA-2

DUAS LETRAS, UM BRASÃO
AO SERVIÇO DA NAÇÃO



MADEIRA

POR OCASIÃO DAS FÉRIAS
DO CARNAVAL

VIAGEM EM AVIÃO ESPECIAL
A JACTO BOEING 727, DE 23
A 29 DE FEVEREIRO

Preço excepcional: 4250\$00

Incluindo transporte de avião, ida e volta, conduções entre o Aeroporto e o Hotel e vice-versa. Alojamento em bom Hotel com quartos com banho ou duche e todas as refeições, serviços e taxas. Magníficas excursões na ilha acompanhadas de guias. Taxas dos Aeroportos

Informações e inscrições

WAGONS-LITS/COOK

LISBOA — Av. da Liberdade, 103

Telefs. 36 15 21 - 36 15 41

PORTO — COIMBRA — ESTORIL

— FUNCHAL — LUANDA —

LOURENÇO MARQUES

* Boutique *
* SALDOS *
* ÚLTIMA *
* SEMANA *
* Rua Serpa Pinto, 14, 1.ª *
* Telef. 320843 *
* Rua Nova de S. Mamede, 38 *
* Telef. 673077 *

(Continuação da 1.ª página)

O público está representado nas muitas cartas que chegam até nós. De uma, assinada pelo sr. José Ferreira Moenda, de Lisboa, transcrevemos o seguinte passo:

«Tal como foi sublinhado no vosso jornal, os leitores estão vivamente interessados na elevação artística da publicidade, qualquer que seja a forma que ela revista. Interessa que a publicidade assente num português sem mácula; que a base artística tenha qualidade, de forma a colaborar na educação do sentido estético do público; e, não menos importante, que o anúncio não apele para o que nas

peças possa haver de sentimentos menos nobres. O mundo está de tal forma perturbado que nenhuma situação (nem mesmo publicitária...) deve perder oportunidade de seguir o apelo de Pascal: «INDICAR O CAMINHO QUE LEVA AO MAIS ALTO...».

Por outro lado, muito nos apraz registar a opinião do sr. Fernando de Almeida, director da Agência «Êxito», que, para além das palavras altamente desvanecedoras, sugeriu a organização de «uma exposição de todos os trabalhos num local bastante acessível, para que técnicos, público e chefes de empresa possam apreciar a cravatura atingida». Desde já o «Diário

de Lisboa» adopta esta sugestão e envidará os melhores esforços para concretizá-la.

Manuel Paíão, figura destacada da agência L. P. Morrison, apoiou, igualmente, a nossa iniciativa: «Será um maravilhoso incentivo para os que se dedicam a esta profissão...».

Parece termos entrado, assim, numa zona de completa unanimidade quanto à importância da iniciativa do «Diário de Lisboa». Mas a participação do nosso jornal na divulgação e enriquecimento dos caminhos publicitários não fica por aqui. Outra iniciativa, de algum modo relacionada com esta, começa a esboçar-se e dela falaremos em tempo oportuno.

«GRANDE PRÊMIO DE PUBLICIDADE»

O guarda-redes e os seus fantasmas



A imagem, captando espaço limitado junto à baliza do Sporting, apresenta-nos situação singular: o guarda-redes Carvalho a defender sob a ameaça de quatro setubalenses («J. J.», Petita, Vítor Baptista e Guerreiro) e sem o amparo de qualquer companheiro. Um guarda-redes e os seus fantasmas...

MÁRIO ZAMBUJAL
comenta

FUTEBOL DE SETÚBAL —DEZOITO QUILATES

Ao cabo de três horas de vigoroso e emotivo duelo, as equipas do Sporting e do Vitória de Setúbal não decidiram, ainda, qual a que prosseguirá no cortejo da «Taça». Há oito dias, empate em Setúbal. Ontem, no Estádio José Alvalade, quando se poderia pensar que o grupo «leonino» se ia desembaraçar do tenaz

antagonista, nova igualdade protelou a sentença.

Quer isto dizer, na frieza dos números, que na batalha longa de três horas Setúbal não se apoucou no conforto com o «leader» do campeonato. Mas há uma verdade para além dos números. Uma verdade

que ainda mais doura o feito sadino. Porque o Vitória de Setúbal, superior ao Sporting há uma semana, voltou a ser a melhor equipa, agora na própria casa do forte adversário.

★

Dois golos de vantagem—tinham os «leões» no intervalo. E, no en-

ta não morrera, apenas se carregara de mais vivas cores o favoritismo que, inicialmente, se podia atribuir ao grupo lisboeta. Nem

(Continua na página central)

As perspectivas de sensação, ou mesmo de emocionantes dúvidas, no jogo de Coimbra, pulverizou-as a Académica, vencendo o Tirsense por 5-0. Estudantes ao ataque, foi a legenda do jogo. E é a legenda, breve, da imagem que publicamos

«CASO RIERA»

—TUDO
COMO DANTES...

A propósito da notícia que nos apresentava o já famoso «caso Riera» a caminho de uma nova possibilidade de acordo entre o treinador e o Benfica, estivemos, ontem, em contacto com o dr. Osório de Castro, advogado do técnico no seu litígio com o clube.

Declarou-nos aquele advogado que tais notícias são inexactas e que as notícias das concessões do seu constituinte em troca da anulação do castigo de três anos de suspensão, não correspondem à realidade. Mais não nos quis dizer o dr. Osório de Castro, alegando que tudo quanto se passa numa tentativa de conciliação é confidencial.



Costa Pereira:

LENTA, mas progressivamente, o futebol português tem evoluído em todos os seus sectores e hoje já não é aquela modalidade praticada totalmente em regime de amadorismo, mas antes em larga escala praticada por autênticos profissionais.

Deste modo, tudo o que diz respeito ao futebol tem merecido atenção e profundo estudo por parte dos responsáveis, especialmente no que

UM VELHO SONHO A CAMINHO DA REALIDADE



se refere às relações entre clubes e jogadores, pormenor hoje considerado de enorme importância na boa harmonia entre «patrões» e «empregados», além de constituir o reconhecimento oficial da existência da profissão de jogadores de futebol e, reflexamente, colocar os clubes em posição legal de negociarem com bases firmes nos direitos e deveres de cada uma

(Continua na 7.ª página)



Sacavenense e Odivelas no comando da I Divisão

Continua espectacularmente emocionante o Campeonato da I Divisão da Associação de Futebol de Lisboa. Este o comentário que se pode extrair dos resultados da 18.ª jornada, que tinha por jogos principais os encontros Sacavenense-União de Alagés e Vialonga-Odivelas, o primeiro por se defrontarem dois dos comandantes e o segundo pela visita do outro «leader» a um terreno onde se previam enormes dificuldades.

A grande surpresa, porém, esteve no desafio de Pina Manique, onde o Casa Pia não foi além do empate com o Vitória de Lisboa, comprometendo um pouco a recuperação que vinha efectuando.

Os resultados da jornada foram os seguintes, indicando-se entre parêntesis as marcações em reservas:

Sacavenense-U. Alagés ...	2-0 (4-1)
Casa Pia-Vitória ...	1-1 (1-0)
Bucelenses-D. Olivais ...	0-0 (1-3)
Vialonga-Odivelas ...	0-1 (0-0)
S. L. Olivais-Palmense ...	1-0 (2-1)
Estoril-E. Amadora ...	2-2 (0-3)
Loures-Vilafranquense ..	1-3... (1-0)

A classificação ficou como segue:

1.ª, Sacavenense (29-17) e Odivelas (36-27), 43 pontos; 3.ª, U. Alagés (41-25), 41; 4.ª, Casa Pia (25-17), E. Amadora (33-26) e Vilafranquense (33-24), 39; 7.ª, Vitória (20-17), 38; 8.ª, Bucelenses (26-31), 37; 9.ª, D. Olivais (24-23), 36; 10.ª, Estoril (28-37), 32; 11.ª, Palmense (32-35) e S. L. Olivais (19-42), 30; 13.ª, Vialonga (27-40), 29; 14.ª, Loures (25-35), 28.

O Tojal isolou-se na II Divisão

Para o Campeonato lisboeta da II Divisão disputou-se a 10.ª jornada, após a qual o Tojal se isolou no comando da classificação, merecendo o êxito conquistado na Charneca e da derrota do Santa Iria no Zambujal.

Curioso o facto de somente dois visitados terem conseguido triunfar, como a seguir se verifica:

L. Velha-Alverca	0-1
Arroios-Livramento	0-2
Zambujalense-S. Iria	2-1
Oeiras-F. Benfica	0-2
Lourel-I. Cruzeiro	2-0
Charneca-Tojal	0-4
Cascais-Ericeirense	1-3

Classificação: 1.ª, Tojal, 25 pontos; 2.ª, Ericeirense, Zambujalense e F. Benfica, 24; 5.ª, S. Iria e Alverca, 23; 7.ª, Livramento, 22; 8.ª, Cascais, Charneca e Sp. Lourel, 19; 11.ª, Arroios, 18; 12.ª, I. Cruzeiro, 14; 13.ª, L. Velha, 13; 14.ª, Oeiras, 10.

Mais um passo dos Juniores belenenses para a final da I Divisão

Vencendo na Amadora, os juniores do Belenenses deram mais um passo para se apurarem finalistas do Campeonato lisboeta da I Divisão, pela Série A, pois na Série B, o Sporting tem já assegurada a presença na final.

Dos resultados do dia, destaca-se mais um expressivo êxito do Benfica e o empate consentido pelo Casa Pia, no seu terreno, perante o Atlético.

Vencendo o Torriense, o Sporting afastou ainda mais o seu adversário da sua peugada, enaltecendo-se ainda os triunfos do Loures em Marvila e do Malveira em Vila Franca de Xira.

Entre os juniores da II Divisão, merecem destaque os êxitos do Belavista e Azambuja, como visitantes, a expressão da vitória do Vialonga, na Série A; Cascalense e Charneca ganharam como visitantes, na Série B; nenhum visitante conseguiu vencer, na Série C, onde se verificou a mais larga vitória do dia, que pertenceu ao Aguias; na Série D, o Boa Hora foi o único visitado vencedor, enquanto o Carcavelos empatou e o Estoril, Oeiras, Santa Catarina e Tires triunfaram como visitantes.

Outra boa vitória do Sporting na segunda fase dos Juvenis

Efectuou-se a segunda jornada da fase final do campeonato de juvenis. O Sporting conquistou outra excelente vitória, agora sobre o Carcavelos e no jogo principal da jornada, o Benfica derrotou o Belenenses, no terreno dos «azuis», enquanto o Palmense foi vencedor ao campo do Desportivo dos Olivais.

Difícil êxito do Sacavenense sobre o Estrela da Amadora, bom empate do Odivelas em Alhandra e clara vitória do Torriense sobre o Atlético.



A equipa de handebol de 7 do Sporting, que conquistou o título de campeão

HANDEBOL DE SETE

NA ÚLTIMA JORNADA VÁRIAS SITUAÇÕES A DEFINIR

Prestes a concluir-se o «regional» de handebol de sete — a última jornada amanhã, em Campo de Ourique —, conhecem-se os quatro primeiros, Sporting, Benfica, Belenenses e Campo de Ourique, mas só naquela derradeira jornada ficará ordenada a tabela classificativa, no que respeita aos restantes.

E como nesses lugares está incluído um representante lisboeta para o Nacional da II Divisão e o último classificado, o panorama dessa jornada é deveras aliciante e senão vejamos esses encontros pela ordem do programa.

ORIENTAL-BELENENSES — Os «azuis» nada têm a perder, estão qualificados para o campeonato da II Divisão, mas para os «orientalistas» o encontro é de importância capital. Têm de vencer, ou remotamente empatar para se manterem na I Divisão. Se perderem estão irremediavelmente condenados.

PASSOS MANUEL-ALMADA — Para ambas as equipas o triunfo é essencial. Para os ex-liceais, a vitória ou mesmo o empate significa a certeza da fuga ao último posto. Para os «almadenses» ganhar equivale à possibilidade do apuramento para o campeonato da II Divisão, já que a derrota pode ainda criar-lhes problemas.

SPORTING-CAMPO DE OURIQUE — Um jogo com desfecho sem consequências, mas com o interesse de ver até que ponto o Campo de Ourique resistirá ao campeão.

TÉCNICO-BENFICA — Os «universitários» têm necessidade absoluta do triunfo. O seu problema é igual ao dos «almadenses». Vencendo fogem ao último posto e têm ainda a sua merecida nacional ca-

II Divisão, quanto mais não seja em jogos suplementares a dirimir com o Almada. Aliás quando se iniciar o encontro, o Técnico já saberá quais as hipóteses que tem de defender.

Se atendermos, porém, ao favoritismo do Belenenses, Almada, Sporting e Benfica, ou melhor se ele se confirmar, teremos Sporting e Benfica, no Nacional da I Divisão; Belenenses, Campo de Ourique e Almada, no da II Divisão, e Oriental, no último lugar.

Mas como tudo pode acontecer, aguardemos o desfecho da competição, que foi, sem dúvida, um êxito, sempre com crescente interesse do público, a encher em todas as jornadas o recinto do Campo de Ourique.

Sorteados os jogos do Nacional

Procedeu-se já ao sorteio dos Nacionais, que se iniciarão em 17 de Fevereiro, para serem interrompidos em 10 de Março — preparação e disputa da Taça Latina — e recomeçarem em 6 de Abril.

A primeira jornada engloba os seguintes encontros:

I DIVISÃO:
Seniores — Académico-F. C. Porto, Vitória de Setúbal-Benfica e 1.ª de Aveiro-Sporting.

Juniões — Sr.ª da Hora-F. C. Porto, Vitória de Setúbal-2.ª de Lisboa e 1.ª de Aveiro-1.ª de Lisboa.

II DIVISÃO:
ZONA NORTE — 5.ª Porto-2.ª Braga, 4.ª Porto-1.ª Braga.

ZONA CENTRO — 1.ª Viseu-Académica, 2.ª Aveiro-3.ª Aveiro.

ZONA SUL — C. Ourique, Com. e Indústria, 5.ª Lisboa-Naval Setubalense.

LEÇA DA PALMEIRA

Ao «querer» dos leceiros faltou poder e saber

Tradicionalmente chão para o florescimento de arroubos galvanizantes, Leça da Palmeira viu a sua equipa eliminada sem apelo ainda que com uma pontinha de justificada insatisfação. É verdade que o Leça se esforçou por concretizar o «bonito» logrado em Braga. Mas o seu processo de jogo, cultivando um futebol abnegado, de entrega física total, á antiga portuguesa, careceu da indispensável disciplina e maturidade.

Os leceiros foram vítimas das suas assistantes inibições técnico-tácticas, o que atendendo á religiosa devoção com que se «estarraparam» legítima o natural desconsolo de que se terão sentidos possuídos.

Jogando incarecteristicamente, num pacto incompreensível com o futebol desordenado do seu opositor, á base de «meia bola e força», pelo ar e sempre pelo ar, para o «kharulho», o Braga também foi responsável pela falta de convicção com que se apresentou o seu êxito.

Os bracarenenses fizeram valer a sua maior experiência e, sobretudo, tiveram pelo seu lado o precioso estímulo conferido pelos dois golos obtidos em outros tantos minutos, de rajada, a restituírem á equipa a confiança nas suas maiores possibilidades e melhores credenciais, inquestionavelmente abalada pelo frenético arreganho adversário. Os visitantes tinham a obrigação de fazer melhor, porque têm recursos para isso e o «pelado» onde jogaram não é desculpa aceitável.

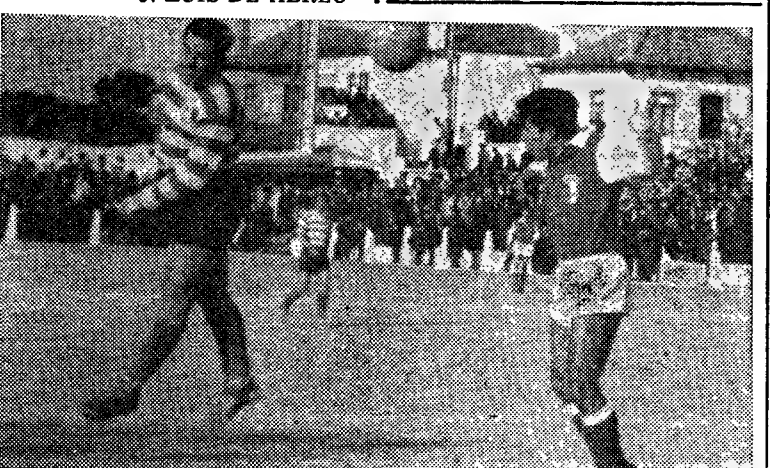
Aceitando o «padrão» leceiro, sujeitaram-se a sofrer um amargo de boca, hipótese que ganhou maior acuidade na segunda parte e com o declinar do tempo, quando os visitados se atiraram de dentes cerrados para uma ofensiva volumosa mas afflictivamente desordenada e inconsequente, sem argumentos capazes para destruir o sólido bloco de-

fensivo minhoto, sem dúvida o melhor sector da equipa, onde pontificou Agostinho.

Pobreza técnica, rispidez excessiva e carência de interesse futebolístico foi o que nos ofereceu uma partida que nem sequer proporcionou fugazes brilharetes individuais. Será apenas de realçar além de Agostinho, a eficiência de Bino e de Adão nos bracarenenses e a generosidade de Gentil, bem como a intenção de Santos, no Leça.

João Calado teve erros de pormenor, dos quais o mais grave terá sido a inobservância da lei dos quatro passos permitidos aos guarda-redes. No resto, a sua arbitragem foi acertada, merecendo aplausos a autoridade de que demonstrou no capítulo disciplinar evitando que o desafio resvalasse para um caos que chegou a anunciar-se, aqui e ali.

J. LUIS DE ABREU



O Leça perdeu a oportunidade de eliminar adversário de fama. Tal como o seu dianteiro, Ramos, não logrou êxito nesta tentativa

EM GOUVEIA

Gólos a mais para tão pouco futebol

Durante o encontro, choveu. Uma chuva fria, que parece ter tido influência no comportamento das duas equipas, as quais raramente forneceram a noção de que sabem desenvolver jogo em toada mais rápida. Os gouveenses, que acusaram a desvantagem de 4 golos trazidos do embate da primeira mão, nada fizeram, como lhes competia, para contrariar, a lentidão que só convinha ao adversário. Aos covilhanenses bastou, por conseguinte, um tom defensivo organizado com toda a calma e placidez de espírito.

Sucedeu que o encontro terminou com o empate de 3-3, mas a maioria dos golos resultou, acen-tuadamente, de deslizes das defesas, com largo quinhão de culpas para os respectivos guarda-redes.

De maneira geral, o Desportivo de Gouveia exerceu maior parcela de domínio territorial, porque, no capítulo técnico, ambas as equipas deixaram muito a desejar.

Os avançados estiveram em tarde de fraca inspiração. Valeu-lhes encontrar pela frente defesas dispostas a franca colaboração.

Enfim, seis golos é número exagerado para um jogo que pouco teve de futebol.

A. R.

COSTA PEREIRA

(Continuação da 1.ª página)

das partes interessadas nos respectivos contratos de prestação de serviços.

Identificado o jogador de futebol e definida a posição dos clubes, processam-se agora os primeiros passos para a criação de um organismo, igualmente de grande importância na defesa dos interesses dos jogadores de futebol. Referimo-nos ao Sindicato da classe, hoje em dia uma entidade de considerada indispensável em qualquer profissão.

Não há dúvida que se trata de uma iniciativa de largo alcance, que traz maiores benefícios para os futebolistas profissionais, visto que passam a estar devidamente defendidos, na totalidade, de atropelos que, por qualquer motivo, possam escapar á alçada das relações entre clubes e jogadores. Mas, cuidado futebolistas, se passam a ter mais fortes direitos, não esqueçam que sobem também as obrigações, por razões facilmente compreensíveis e que nos dispensamos de mencionar.

Por enquanto, a criação do Sindicato não passa de um velho «sonho», mais ou menos a caminho de tomar forma. Contudo, mais tarde ou mais cedo terá de ser uma realidade, até para que a profissão se integre quase em absoluto na organização corporativa portuguesa das classes de trabalhadores.

Aliás, aprofundando mais a questão, nada impede que se pense num alargamento da organização do futebol, admitindo até a criação de um organismo por sua vez defensor dos interesses dos clubes (o seu «Grémio»...), agrupando-os numa entidade de características semelhantes ás das «Ligas de Clubes» já existentes noutros países.

Como se vê, o problema é vasto e merece ser encarado com todo o carinho e atenção pelas entidades competentes. Por nossa parte, e como antigo praticante, pugnamos sempre pela valorização social dos jogadores de futebol, prometendo a nossa melhor colaboração a todas as iniciativas úteis que suriam.

COSTA PEREIRA

«CICLO-CROSS»

NO LUXEMBURGO

Uma vitória de Marco Thewes

LUXEMBURGO, 29 — O luxemburguês Marco Thewes venceu a 4.ª etapa da prova de «Ciclo-Cross» que está a disputar-se no Luxemburgo, percorrendo os 24 quilómetros do percurso em 1 h, 6 m e 5 s.

Depois classificaram-se: 2.º, Guenter Weiss (Alemanha Federal), 1.6.11; 3.º, Johnny Richartz (Luxemburgo), 1.07.05; 4.º, Manuel Naya (Espanha), 1.07.08. — (ANI).

MARIO REIS

Certezas e dúvidas do «Rallye» de Monte Carlo

A assistência — Factor primordial «Tudo à frente» ou «Tudo atrás» — um mito?

A CABOU há três dias, na manhã de sexta-feira passada, o XXXVII «Rallye» de Monte Carlo que terá sido, porventura, o mais fácil desde há muitos anos graças às extraordinárias condições climáticas em que toda a prova foi disputada, muito ao contrário do que inicialmente se podia prever. Na realidade, uma semana antes de se iniciar o grande «rallye», vários foram os concorrentes que, durante os treinos no Maciço Central dos Alpes ficaram loqueados na neve durante três dias, como foi o caso de Paddy Hopkirk.

Pois, durante a prova os concorrentes verificaram com espanto que todas as estradas estavam completamente secas. De Lisboa vimos partir Hopkirk e os dois «Lancia» com pneus de tracção para a neve, mas cedo todas as equipas mudaram para pneus «racing», tal era a total ausência de neve e gelo.

Nestas condições os carros mais rápidos tiveram larga vantagem sobre, por exemplo, os «Cooper S». Os «Porsche» e «Renault 11 T» e «Alpine 1300» viram desde logo as suas possibilidades de vitória muito mais aumentadas em relação às equipas «Lancia» e «B. M. C.».

Um mito?

CONFORME prevíamos, fomos encontrar na classificação final e geral nada menos do que nove carros com «tudo à frente» ou «tudo atrás» nos dez primeiros lugares! Como apon-

dições poderiam competir com os «bóides» das restantes fábricas. Mesmo assim, ficaram, alguns, melhor classificados que muitos carros de tracção à frente ou com «tudo atrás» sem o apoio total de fábrica.

Quer, portanto, parecer-nos, pois a tal somos levados a concluir, este ano mais do que nunca perante a ausência de neve, que a supremacia do «tudo à frente» ou «tudo atrás», é, em parte, um mito, pois não passará de coincidência de as fábricas, que realmente se interessam por este tipo de competição automóvel e que estão preparadas para ganhar, tanto sob o aspecto de preparação dos carros como de organização da assistência em prova, serem justamente aquelas que têm na sua equipa de «rallyes» carros desse tipo.

O que poderia acontecer este ano, ou outro qualquer, se a «Alfa Romeo», por exemplo, decidisse ir a Monte Carlo com toda-

no circuito da montanha «Mónaco-Mónaco».

Por muito bom que um condutor seja, por muito boas características que o seu carro tenha para esta prova, se ele não for convenientemente apoiado a todo o momento, e de modo exacto nas alturas necessárias, seja com informações precisas sobre o percurso que irá percorrer daí a minutos, seja com o fornecimento do tipo certo de pneus, seja ainda com os mecânicos competentes para efectuarem reparações no mínimo tempo, as suas possibilidades de êxito ficam totalmente cerceadas.

O grande vencedor

VIC Elford teve finalmente a sua consagração como grande condutor que é. Elford, que já conta no seu palmarés com inúmeras vitórias internacionais, entre elas o Grupo de Turismo na Taça dos Alpes e o Índice de Performances na Volta à França, tem agora a sua maior vitória de sempre depois de ter efectuado uma prova cheia de tacto e de garra.

Depois de um começo um pouco lento no «circuito da montanha» devido, segundo ele confessou, «a um certo nervosismo», Elford, que ao fim do segundo troço cronometrado estava a 31 segundos de Larrousse, lançou o seu grande ataque no troço de Couilliole, que ele conhecia particularmente bem. Al Elford conduziu como nunca, fazendo o ex-

meio da estrada não causou só esse acidente. Também Neyret, que pouco antes com a desistência de Nicolas, tinha passado a comandar a classificação dos turistas, derrapou e embateu numa rocha, ficando impossibilitado de continuar na prova.

O grupo de turismo foi ganho por Henri Greder num Opel Commodore. A fábrica alemã vê assim bem premiados todos os seus esforços de convencer a G. M. a ingressar na competição desportiva.

Por equipas — vitória B.M.C.

NÃO tendo quaisquer possibilidades de competir com os «Porsche» e «Alpine» numa prova que se tornou de velocidade pura, os pequenos, mas diabólicos «Cooper S» fizeram o melhor resultado que estava ao seu alcance, ficando em 3.º, 4.º e 5.º lugares, ganhando assim a taça do jornal «L'Equipe», para a equipa melhor classificada, o que terá valor publicitário muito equivalente e uma vitória absoluta.

FRANCISCO SANTOS

O espanhol José Maiz vencedor do corta-mato internacional de San Sebastian

SAN SEBASTIAN (Espanha), 29 — (A. N. I.) — O espanhol José Maiz foi o vencedor do 13.º Corta Mato Internacional de San Sebastian disputado ontem por 105 atletas de nove países.

O vencedor percorreu os dez quilómetros da prova em 33 minutos e 7,6 segundos.

Em segundo lugar classificou-se outro espanhol, Mariano Haro, com 33 m e 12,3 s.

A seguir classificaram-se:

3.º, Bedzelov (Rússia), 33 m e 25,4 s; 4.º, Gamoudi (Tunísia), 33 m e 3,4 s; 5.º, Saigado (Espanha), 33 m 52,5 s; 6.º, El Ghazi (Marrocos), 34 m e 00,7 s; 7.º, Mamo Wolde (Etiópia), 34 m e 12 s; 8.º, Ayachi (Tunísia), 34 m e 18 s; 9.º, Samuel (Tunísia), 34 m e 18,7 s; 10.º, Hopsha (Rússia), 34 m e 24,5 s.

Por equipas, a classificação foi a seguinte:

1.ª, Espanha (equipa «A»), 8 pontos; 2.ª, Tunísia, 21; 3.ª, Marrocos, 39; 4.ª, Inglaterra, 43; 5.ª, Espanha (equipa «B»), 68; 6.ª, Holanda, 71; 7.ª, Espanha (equipa «C»), 84; 8.ª, Alemanha Federal, 88; 9.ª, Escócia, 98.

Os espanhóis foram a grande surpresa da corrida, destruindo todas as previsões feitas.

O inglês Jim Hogan, outro dos grandes favoritos, classificou-se em 12.º lugar.



A equipa francesa Larrousse-Callenaert, no «Alpine» com que chegou a ocupar a primeira posição. Depois, viria o incidente da neve colocada na estrada (ao que parece, propositadamente) que levaria os volantes franceses à desistência

tamos na altura, estes carros têm mais possibilidades em pisos com neve, lama, gelo ou terra do que carros do tipo «convencional», com motor à frente e transmissão ao eixo traseiro. Mas, acontece que este ano até nem houve razão para tal «regra», que se tem vindo a verificar desde há cinco anos, pois as estradas não tiveram nem um quilómetro de neve. Será, portanto, como há dias me apontava uma voz experiente nesta matéria, um mito a grande superioridade que este tipo de carros tem em Monte Carlo? Não será, talvez, uma coincidência ajudada apenas pela ligeira vantagem que na realidade têm sobre os carros «convencionais»?

Talvez sejamos levados a crer que assim seja. Ora vejamos: quais são os carros com «tudo à frente» ou «tudo atrás» melhor classificados? São sempre os carros das equipas de fábrica.

Há mais alguma equipa de fábrica no «Monte» com carros «convencionais» e competitivos? Este ano apenas tivemos a equipa «Opel» com carros que de modo algum e em quaisquer con-

a sua equipa profissional fazer uma prova bem estruturada e organizada. Talvez mesmo com neve ficasse com os seus carros bem classificados. Aliás, os sucessivos êxitos da «B. M. C.» em Monte Carlo devem-se, principalmente, à impecável organização do seu departamento de competição, chefiado até há um ano por Stuart Turner, e à ausência desse cuidado posto em cada prova que todas as restantes equipas evidenciaram.

Assistência total — factor primordial

MAIS talvez ainda do que a característica do carro, o que em Monte Carlo pode aumentar ou diminuir as possibilidades de um concorrente é, sem dúvida, como este ano mais uma vez ficou provado com a ausência de um condutor particular nos catotze primeiros lugares (se considerarmos que o «Lancia» de Barbasio não fazia parte da equipa oficial de fábrica), o apoio, assistência que o seu carro tiver durante a prova, mais especificamente, no percurso comum e

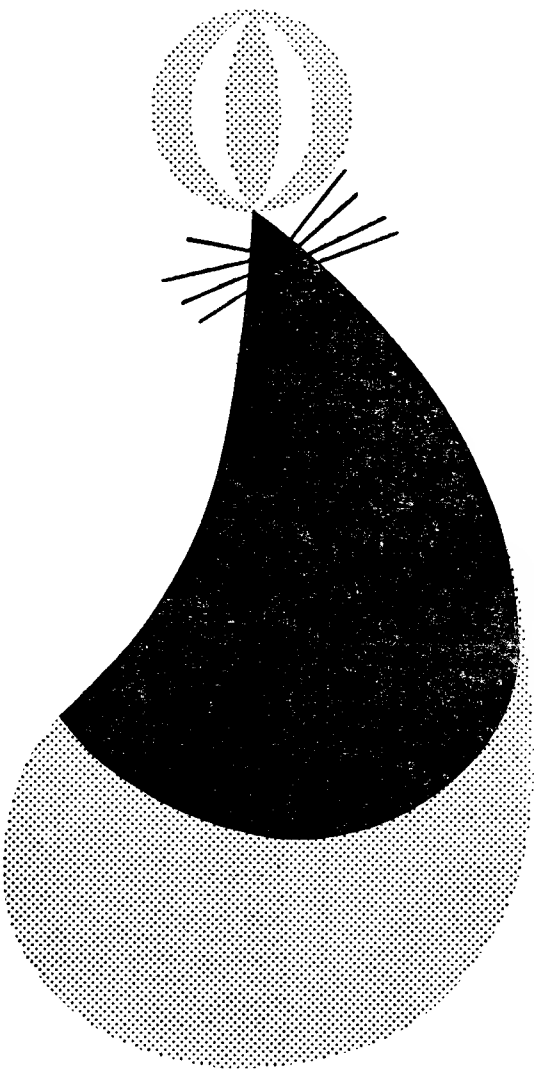
traordinário tempo de 17 m 27 s, nos 21 km de estrada de montanha, o que em relação a Toivonen («Porsche») e Larrousse («Alpine») foi melhor em 40 e 51 s, respectivamente! «Nesses vinte quilómetros envelheci dez anos», diria Elford mais tarde. O piloto inglês ganhou aí o seu Monte, pois, frize-se bem, quando Larrousse teve o seu acidente já estava atrasado em relação a Vic Elford vinte segundos.

O azar da Renault

MAS tal não quer dizer que o jovem Larrousse não tivesse ainda podido oferecer à Regie uma vitória absoluta, pois o seu carro estava a comportar-se admiravelmente e ele a conduzir muito rápido. Com um acidente provocado por meia dúzia de cretinos e inconscientes, a equipa Renault viu ir por água abaixo todas as suas aspirações de uma vitória em Monte Carlo, pois Nicolas, que conforme prognosticado se encontrava à frente do grupo de turismo, abandonou após o segundo troço com uma avaria nos travões.

Aliás, a colocação de neve no

EQUILIBRADA



diaklin



-O lápis de PARGANA comenta...

—O Sporting teve o «pássaro» na mão e... deixou-o fugir...

...para o Vitória foi «o pássaro das asas cortadas»...

—A propósito de pássaros, o «passarinho da Ribeira» continua a ser uma «canção»...

...e o Tirsense, parafraseando Carlos do Carmo, diz que «por morrer uma andorinha não acaba a Primavera»...

—«Gaivotas» (Varzim) em terra (Antas) é sinal de «vendaval» (5-1)...

—Consta que o «águia» Simões, quer «bater a asa» do «ninho» do Benfica...

RELANCE DA TAÇA

A segunda «mão» da segunda eliminatória deixou em suspense o problema Sporting-Vitória de Setúbal.

Nos restantes casos, verificaram-se confirmações do F. C. Porto, Sanjoanense, Guimarães e Belenenses. Barreirense, Leixões e Covilhã limitaram-se a empatar, «defendidos» por vitórias conseguidas em casa, há uma semana. O Braga alcançou em Leça da Palmeira o triunfo que não havia obtido no seu próprio campo. E a Académica recuperou, com juros, o atraso com que se encontrava em relação ao Tirsense.

Temos, portanto, dez equipas apuradas: F. C. Porto, Sanjoanense, Guimarães, Belenenses, Barreirense, Leixões, Braga, Académica, Covilhã e Benfica (isento nesta ronda).

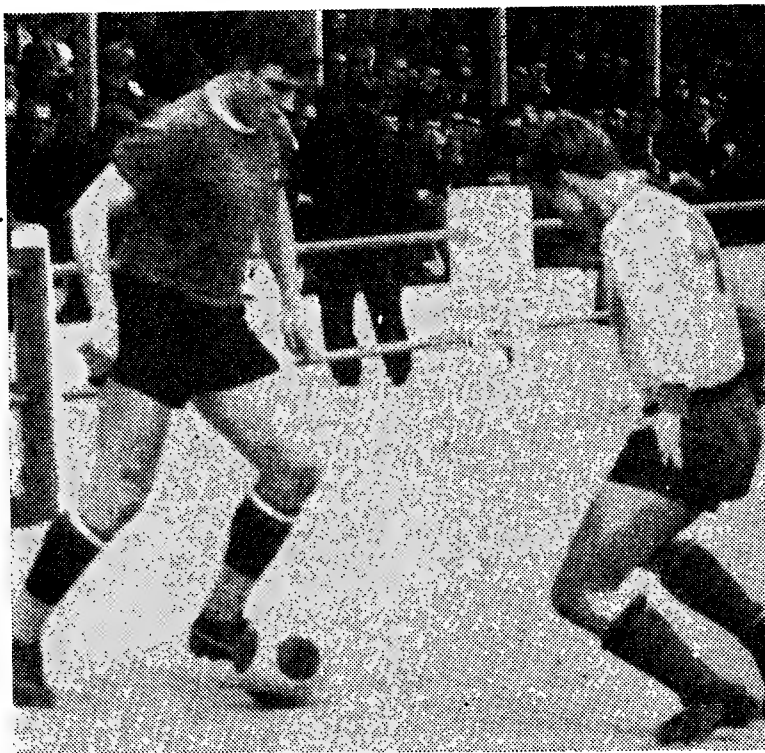
Os «leões» da Serra são a única presença da II Divisão na prova.

O desempate entre «leões» e sadinos está marcado para depois de amanhã (4.ª feira) no Restelo.

Braga e Belenenses foram os únicos a vencer em terreno alheio.

Tirsense e Leça, aspirantes a «tomba-gigantes», não puderam concretizar as suas aspirações.

V. de Setúbal e Académica, finalistas da última «Taça», continuam em prova.



Ernesto, com a bola dominada, vai tentar vencer a oposição de um defensor

SUFICIENTE A «NOTA» DO BELENENSES

Se pretendermos qualificar, com uma nota, ao uso escolar, a vitória e a exibição do Belenenses em Sintra, não hesitaremos em atribuir-lhe a nota de suficiente. É esse até o vocábulo apropriado ao modo como os «azuis» conduziram a sua acção.

Os lisboetas fizeram o bastante para ganhar, alcançaram o triunfo mínimo e, para tais objectivos, esforçaram-se o que era preciso e não passaram da bitola necessária. Houve, portanto, economia deliberada nos processos da equipa do Restelo, que não seremos nós a levar a mal...

Já o Sintrense tem de comportar-se de maneira diferente. Os homens da «pátria» das queijadas, ao mesmo tempo que demonstravam possibilidades insuspeitadas num conjunto que ocupa um dos últimos lugares da sua zona no campeonato nacional da II Divisão, recorrem a aplicação sem tréguas e a movimentação constante para contrabalançar o que lhes escassa de conteúdo técnico, comparativamente ao adversário.

A autoridade com que os visitantes começaram a partida remeteu os de Sintra a um papel de desempenhado, quase exclusivamente, no seu meio-campo. Assobreado com tanto e tão consecutivo trabalho, o reduto defensivo sin-

trense, acolitado pelos companheiros dos compartimentos mais adiantados, estes abdicando da ideia de contra-atacar, suportaram o assédio, sem qualquer novidade durante meia hora.

Os pés de Luciano e Simões faziam andar a bola numa dobradiça e os elementos contrários multiplicavam-se para acorrer onde o perigo era maior. Por paradoxo, contudo explicável, Ernesto constituiu, simultaneamente, uma das mais sérias ameaças e um aliado do grupo local. Metido na maioria dos lances ofensivos da equipa do Restelo, Ernesto principiava bem, ultrapassando os defensores contrários ou desmarcando-se, com o esférico dominado, para os flancos, nomeadamente o direito. Todavia, em vez de dar seguimento rápido às jogadas, entretinha-se com a bola nos pés, sacrificando a velocidade dos movimentos às suas tentativas individuais, ainda por cima invariavelmente mal sucedidas.

Entretanto, nas balizas do Sintrense, um guarda-redes, ido do Benfica e chamado Fidalgo, fazia prodígios, saindo a tempo, mergulhando com valentia e defendendo com segurança. Todos estes factos concorriam para o zero-zero registado à passagem dos trinta minutos.

O empate não traduz a superioridade torriense

Com a desvantagem de dois golos, o Torriense caprichou em procurar, a todo o gás, logo de início, superar-se ao seu forte adversário, a fim de obter um golo que lhe desse o alento indispensável para ir mais além.

Diga-se desde já que tal objectivo só não foi alcançado, mormente no primeiro tempo, devido à indecisão e falta de calma dos avançados e também à fortuna dos visitantes e arrojado da guarda-redes, Fonseca. Mais do que propriamente pela actuação dos defesas de Matosinhos que várias vezes se viram enleados pelos avançados contrários, Narciso I e Serafim, mais do que os companheiros.

Foi contra a corrente do jogo que os visitantes se colocaram na posição de vencedores, através de Osvaldo, em jeito de contra-ataque.

O Torriense reagiu e ficaram quase com a certeza de que, para maior azar, o árbitro fez «vista grossa» a uma grande penalidade a favor dos pupilos de Janos Zorgo.

Foi enganoso, portanto, o resultado da primeira parte.

No início do segundo tempo, os locais alcançaram o já mais do que merecido golo de empate e, logo a seguir, o incansável defensor Hermínio perdeu excelente oportunidade

de pôr o Torriense em posição de vencedor.

O Leixões apercebeu-se do perigo, cresceu, veio então ao de cima a sua melhor capacidade técnico-táctica, ganhou o domínio do meio-campo, mas nem por isso os locais deixaram de criar mais perigo. Aos 27 e 31 minutos, perderam até boas oportunidades de passarem para a frente no marcador.

O jogo descaiu de interesse na parte final.

Os nortenhos sentiam-se satisfeitos com o resultado e os torrienses, a quem primeiro faltara a sorte, careceram depois de força física e andamento de 1.ª Divisão para poderem chegar à vitória.

O Leixões, embora denunciasses pertencer a um escalão superior, talvez devido à sua tranquilidade de espírito, com a qualificação assegurada, não se exibiu agradavelmente. Os locais, dentro das suas possibilidades actuais e enquanto tiveram força, jogaram um excelente encontro. A falta de calma dos seus dianteiros em frente da baliza adversária foi-lhes porém, fatal.

A arbitragem foi francamente má. Os jogadores de Torres têm motivos para se queixarem das decisões do sr. Rosa Nunes e auxiliares.

VIDAL SEVERINO

VANTAG

— outro gra

(Continuação da 1.ª página)

o Vitória se encontrara dominado pelo adversário ou pelos golpes sofridos, nem o Sporting de ra garantias de autoridade e segurança, suficientes para que se massasse, decidiram que já não lhe fugiria triunfo.

Contra a «essencial verdade» dos golos, haviam pertencido aos setubalenses todos os capítulos do mais escurrido futebol. A forte defesa do Sporting passava por embaraços frequentes ante as triangulações de precioso colectivismo que riscavam o seu meio-campo. E Carvalho, aliado de uma serenidade admirável, teve de intervir, uma e outra vez, para fazer gorar repetidas ofensivas dos sadinos.

Não quer isto dizer que o grupo sportinguista aceitasse uma situação de subalternidade, resumindo-se à tarefa de parar os golpes adversários. Não. O Sporting atacava, pelo menos tanto como a turma opositora e, em determinados períodos, esse porfiar ofensivo teve, mesmo, aspectos de «avalancha» capaz de quebrar a resistência setubalense.

Nessa altura, o sagaz Luciano lembrou-se de se meter na frente e em tão boa hora o fez que, ines-

(Continua na 6.ª página)

A ACADÉMICA NÃO DEU MARGEM

Batidos por 3-1, em Santo Tirso, os estudantes, julgávamos nós, como aliás quase toda a gente, teriam tarefa difícil frente à aguerrida turma do Tirsense, não só porque deviam superar a desvantagem de dois golos, mas também e porque, acusando alguns dos seus jogadores uma baixa de forma patente, a equipa não tinha produzido esta época exibições que fizessem esquecer a Académica de 66/67.

Havia uma grande diferença entre a equipa homogénea e temível da temporada transacta e este conjunto que andava à procura de si próprio, a tentar encontrar o seu autêntico estilo, o estilo da Académica.

Pois ele apareceu ontem e, apesar das tradições do Tirsense na «Taça» e a vantagem conseguida no seu terreno, tudo isso não chegou, pois contra uma Académica a jogar da maneira como o fez não há tradições que resistam. E mais — com o esplendor da magnífica exibição dos estudantes a deslumbrar-nos os olhos — perguntamos: Qual seria a equipa portuguesa capaz de lhe resistir?

Também a equipa visitante não acreditava muito nas possibilidades do adversário, pois não tomou as precauções defensivas que se impunham, actuando num 4x2x4, manifestando assim o claro propósito de discutir o resultado. Isso foi-lhe fatal.

A Académica começou a partida lançada abertamente ao ataque, no seu sistema de progressão com passes e triangulações que cedo

perturbaram a defesa contrária, sobretudo por influência da boa exibição de Rocha e Gervásio, que, tal como convinha, espalharam o jogo a toda a largura do terreno.

A saída da defesa para o ataque fazia-se através dos extremos, á custa de tabelas e com o apoiador de ocasião, de modo a forçar espaços de manobra para os pontas de lança.

Aos 7 m. já Artur Jorge tinha feito o primeiro golo. Notava-se no entanto que, ao contrário da elasticidade revelada pelo sistema escolar, a turma visitante mostrava-se travada, não tendo, por isso, os seus homens presença efectiva no ataque.

O aparecimento do segundo golo, pelo avançado-centro de Coimbra, aos 31 m., era o corolário lógico da descontração e naturalidade próprias do estilo de jogar da Académica, que, naturalmente, nada tinham de comum com a exibição confusa, apavorada, cheia de dificuldades e de rudeza do adversário.

Os magníficos 20 m. do começo da segunda parte vieram demonstrar de novo a inspiração da turma local, com o seu futebol corrido e dinâmico.

A variedade de lances, produto da capacidade técnica dos seus jogadores, juntou-se o poder de finalização, pois, ao cabo de 65 m. de jogo, venciam já por 5-0 (golos de Ernesto, aos 9, Rocha, aos 14, e Gervásio, aos 20 m.).

Até ao final da partida o jogo desceu de velocidade, mas os es-



Há força mas falta colocação ao remate do brasileiro Manuel

SEM DO EMPATE

de jogo em perspectiva

Simplemente, o processo atacante do Sporting pouco mais apresentava de positivo que uma incessante procura de velocidade e um enérgico denodo. Virtudes, estas, de natureza atlética e, sem dúvida, preciosas. Mas insuficientes, por si só. Faltava a harmonia de um futebol disciplinado, de conjugação de esforços, tanto mais difícil de conseguir quanto maior for a velocidade e maior for a «obstinação» no «jo-

gar para a frente», sem pausas, sem dar tempo ao adversário, para defender, mas também sem conceder tempo à construção pensada dos próprios ataques.

O futebol, jogado assim, tem qualquer coisa de aleatório, a menos que uma equipa esteja de tal modo estruturada — e servida de jogadores de aprimorada técnica — que possa atingir o entendimento colectivo dentro desse ritmo vivo e perturbador. Mas, ontem, os «leões», quanto mais rapidamente e «a direito» tentavam desferir os seus golpes ofensivos, mais rotundamente caíam na frustração dos passes extraviados, oferecendo vantagens à defesa opo-

sitora. Evidentemente, não esquecemos que em dia mais feliz, ou de melhor rendimento deste ou daquele elemento (o êxito do colectivo está sempre dependente do acerto individual) esse futebol «chicoteante», impulsivo, ávido de golos, atinge plenamente os seus objectivos. E, então, elogia-se, rendem-se-lhe homenagens, todos os consideramos prático e realista. Todos nós. Mas, por isso mesmo, não cometemos o erro de generalizar, de dizer que o processo não serve a equipa do Sporting ou qualquer outra. Dizemos, sim, que ontem, contra o Vitória de Setúbal, o grupo de Fernando Caiado não conseguiu juntar no mesmo saco essas virtudes muito

(Continua na 6.ª página)

SPORTING-V. SETÚBAL

DESEMPATE NO RESTELO

4.ª-feira, às 21 e 45

Tendo empatado em Setúbal e, ontem, em Alvalade, Sporting e Vitória de Setúbal terão de disputar novo encontro que decidirá o apurado para a eliminatória seguinte.

Reunidos após o desafio de ontem, os dirigentes dos dois clubes chegaram a completo acordo no sentido de o jogo se realizar na próxima 4.ª feira, às 21 h. e 45 m., no Restelo.

Em face da mútua concordância tem-se como certo que a Federação Portuguesa de Futebol dará o seu beneplácito aos desejos do Sporting e do Vitória setubalense.



Primeiro golo do Vitória. Carriço e Petita saltam de alegria e vão unir-se num abraço, a que se juntará Vítor Baptista. Entre os sportinguistas, desolação. O contraste de sempre

F. C. PORTO: UMA TRANQUILA AFIRMAÇÃO DE CAPACIDADE

A partida da 2.ª mão contra os poveiros foi encarada pelos «azuis e brancos» com franca despreocupação, dada a vantagem trazida da Póvoa, na primeira versão do desquite entre ambas as turmas.

Assim, sem problemas de maior a resolver, a equipa das Antas entrou no relvado disposta a conseguir realizar, mais que um mero desafio de rotina, uma exibição capaz e evidenciadora das suas possibilidades e do seu poderio. Esse intuito foi magnificamente expresso, já que os varzinistas, actuando com um desportivismo digno de nota, aceitaram o jogo pelo jogo, emprestando à pugna um calor e um entusiasmo que jamais perdeu do primeiro ao último minuto.

Bem cedo a superioridade dos portuenses ficou patenteada, mas, apesar disso, o Varzim não esmoreceu nos seus esforços, replicando animosamente e com desenvoltura.

Como já deixámos perceber, o F. C. Porto efectuou uma exibição calma, segura e precisa, alardeadora do bom momento psicológico do «onze». Mandou no terreno como e quando quis; impôs ao antagonista o jogo que melhor lhe convinha e soube batê-lo em meia dúzia de golpes fulminantes, desferidos com argúcia e com firmeza.

Bernardo da Velha, Rolando e Manuel António salientaram-se num conjunto que agiu como um todo compacto, harmonioso e eficaz.

O Varzim jogou em jeito de não-conformismo com o resultado da primeira mão, mas com o avolumar da diferença (5-1, no final), acabou por perder a réstia de esperança que a animava. Contudo, não se deu por vencido com a antecipa-ção, batendo-se sempre com admirável galhardia.

Jorge, Campinense e Quim I deram nas vistas. Justino não teve possibilidades de fazer melhor. O mesmo aconteceu ao seu substituto, Castro, que entrou aos 35 m., do período final.

A arbitragem do setubalense Ismael Baltasar não teve problemas, nem incorreu em deslizes de tomo. O árbitro sadino fez-se notar, no final dos primeiros quarenta e cinco minutos, quando, incompreensi-

velmente, prolongou o encontro por mais quatro minutos, o que deu motivos a protestos, bem humorados, por parte do publico.

ERCÍLIO DE AZEVEDO

GUIMARÃES: SÓ ATÉ AO INTERVALO RESISTIRAM OS VISIENSES

O Académico de Viseu, que trazia um golo apenas de desvantagem, pareceu-nos não se impressionar com esse facto, nem com os primeiros cinco minutos do desafio, durante os quais o adversário atacou em massa.

Foram os homens da terra de Vilarito que, calmamente, dando mostras de bom entendimento entre os vários sectores, conseguiram marcar, aos 8 m., o primeiro golo, depois de refrearem o ímpeto dos minhotos. A igualdade surgiu cinco minutos depois, mas, até ao intervalo, mau grado as dificuldades que os visienses mostraram em se adaptar à relva, molhada e escorregadia, a equipa beirã tornou-se galhardamente, criando alguns lances de perigo, especialmente por intermédio do extremo Rodrigo, que, num deles, obrigou Rolando a arrojarse-lhe aos pés, temeridade que custou ao guarda-redes minhoto sair do campo fortemente lesionado.

Na segunda metade de jogo, tudo foi diferente. O Guimarães impôs a sua superioridade, instalando-se no meio campo do antagonista, aumentando a vantagem para 3-1. Assistiu-se a um martelar constante dos dianteiros minhotos à baliza de Pais, num autêntico

festival de golos perdido, no qual a vedeta foi o n.º 9 vimaranense, que, por duas vezes, fez o mais difícil — atirar para fora.

Digno de nota, o comportamento dos onze jogadores visienses não só no aspecto disciplinar, em que foram impecáveis, como também no espírito de luta que mantiveram até ao derradeiro apito do árbitro. Não conseguiram, é certo, manter o equilíbrio dos primeiros quarenta e cinco minutos — o adversário e o terreno foram grandes obstáculos —, mas saíram da prova de cabeça erguida.

Fazer referência especial a qualquer dos elementos visienses seria injusto, tendo mesmo em conta que Rodrigo foi o mais oportuno e aquele que, em maior numero de vezes, pôs em apuro a defesa contrária.

A arbitragem de Saldanha Ribeiro foi muito facilitada pela correcção dos jogadores e, por sua vez, o juiz de Leiria também não criou complicações, nem cometeu erros dignos de assinalar

COELHO ALVES

Campeonatos da A. F. Setúbal

Prosseguiram ontem os campeonatos distritais da A. F. Setúbal. Na 1.ª divisão, 10.ª jornada, verificaram-se os seguintes resultados:

Costa Caparica-Vasco da Gama	0-0
Moitense-Seixal	0-2
Quintajense-Sp. Grandolense	0-2
Amora-Trafaria	3-0
D. Grandolense-M. Caparica	3-0
Paio Pires-Alcochetense	2-0
Sarilhense-Arrentela	4-0

Merecem ralce: o empate obtido pelos sineenses do Vasco da Gama e as vitórias do Seixal e Sport Grandolense, únicas no campo adversário.

A classificação é, agora, a seguinte:

- 1.º Desp. Grandolense, 51 pontos;
- 2.º, Sarilhense, 49;
- 3.º, Seixal, 47;
- 4.º, Vasco da Gama e Sp. Grandolense, 43;
- 5.º, Amora, 42;
- 6.º, Costa de Caparica, 39;
- 7.º, Paio Pires, Moitense, Alcochetense, 37;
- 8.º, Trafaria, 31;
- 9.º, Monte Caparica, 29;
- 10.º, Arrentela, 28;
- 11.º, Quintajense, 20.

A «VERDADEIRA» M A TRADIÇÕES...

Estudantes criaram ainda inúmeras ocasiões de aumentar a contagem. A Académica realizou a sua melhor exibição desta época, mesmo actuando contra um adversário que abusou da dureza, e pôde dar-nos uma magnífica demonstração de como se deve jogar a bola, praticando um futebol do melhor recorte técnico, com o esférico quase sempre junto à relva e com passes e desmarcações constantes.

Isto revela, ao fim e ao cabo, a melhoria de condição de alguns dos seus jogadores, que surgiram mais ligeiros e com outra resistência. Estão neste caso, Rocha, Gervásio, Mário e Vítor Campos. Toda a equipa, no entanto, actuou com muito brilho, destacando-se as ex-

celentes exibições de Artur Jorge, Rocha, Rui Rodrigues e Gervásio. O Tirsense desiluiu. Tal como já afirmámos, o grupo não quis ou não pôde apresentar uma táctica que pudesse defender com mais eficiência a vantagem que trazia, perfilhou a mesma defesa que o adversário e esse foi o seu maior erro.

O árbitro, sr. Diogo Manso, não se soube impor perante os jogadores, consentindo muito jogo duro e muitas discussões. Expulso, aos 30 m. do segundo tempo, o tirsense Carlos Manuel, mas muito antes outros jogadores teriam merecido seguir o mesmo caminho.

MANUEL UMBELINO

ESPECTÁCULO POBRE EM S. JOÃO DA MADEIRA

O golo que os sanjoanenses tinham de vantagem, trazido de Penafiel, embora fosse como que uma razão de descanso para turma da casa, não seria, efectivamente, a causa em que assentou o jogo desconexo e também descolorido, tal a baixa cravella técnica em que se situou.

Sabido já que os primeiros quarenta e cinco minutos foram decorridos como que a passar o tempo, pois não se vislumbrou domínio de ambos os grupos, conclui-se que o «nulo», ao intervalo, era prémio e castigo, este nomeadamente para os donos da casa, que, a despeito da sua inépcia, desfrutaram de ocasiões mais soberanas que os penafielenses.

Técnicamente, a partida foi uma desilusão, não pela execução, já pobre de si, mas, sobretudo, pela chamada pouca sorte — esta a afectar o comportamento de quase todos os homens em campo. Tão apagada terá sido a actuação dos donos da casa que não se lhe encontrou motivo para os diferenciarmos do valor dos visitantes, que também não fizeram o que podem e sabem.

El como qualquer partida obriga, como ponto final a uma ilação, ela ocorre-nos de modo a citarmos o árbitro, que se conduziu com superior trabalho, alicerçado, sem dú-

vida, no excelente comportamento desportivo dos homens em campo, bem como nos leva à obrigação de distinguirmos Dionísio, na baliza do grupo de Penafiel; e de Queirós, na defesa local.

FERNANDO NUNO



Remate de Djalma, desta vez sem êxito

A SORTE FOI MADRASTA

O jogo Cova da Piedade-Barreirense terminou com o empate sem golos, resultado deveras lisonjeiro para a equipa forasteira.

O Cova da Piedade iniciou a partida ao ataque, como lhe competia, pois tinha a desvantagem dum golo da partida anterior. Assim, a turma da casa instalou-se, nos primeiros quarenta e cinco minutos, no meio-campo defendido pelo adversário, comandando as operações e por três vezes o golo esteve iminente quando os atacantes locais desperdiçaram outras tantas operações de tento.

Para dar uma ideia do intenso domínio dos locais, assinala-se que a defesa barreirense concedeu uma boa dúzia de «cantos», como último recurso para conseguir a sua baliza inviolável.

No último quarto de hora da primeira parte, os piedenses intensificaram ainda mais os seus ataques,

PARA O COVA DA PIEDADE

mas os avançados, umas vezes por falta de sorte, outras por pouco discernimento e pouca calma, não conseguiram marcar. No reatamento da partida, o jogo caracterizou-se pelo equilíbrio e a emoção baixou ligeiramente. Todavia, o «sus-pense» foi-se mantendo esperando-se sempre que os donos da casa inaugurassem o marcador. O final, porém, foi assinalado com o marcador em branco.

A partida valeu pela voluntariedade dos jogadores, que se empenharam na luta sem regatearem esforços. No capítulo técnico, foi inferior, ganhando em emoção o que perdeu em beleza.

O Cova da Piedade lutou por uma vitória que lhe fugiu por um triz e se viesse a conquistá-la, como a

própria qualificação, seria de inteira justiça.

O Barreirense, talvez surpreendido pela força do adversário, deixou, neste jogo, uma pálida ideia do valor que deverá ter.

Jogadores em evidência: No Cova da Piedade — Cravo, o melhor dos vinte e dois; Castro, Pimenta e Vieira. No Barreirense — Candelas, Festas, Bento e José João.

A arbitragem de Manuel Fortunato, de Évora, sobre o fraco.

ANTÓNIO FERNANDES



DESPORTO E TRABALHO — Começa a generalizar-se o gosto pelo desporto como saudável derivativo para os que trabalham, e muitas são já as firmas que têm as suas equipas, especialmente de futebol. Aqui apresentamos, hoje, a forte representação do «Bar Carioca», que há dias se estreou com uma brilhantíssima... derrota

O JOGO DE SINTRA

(Continuação da página central)

peradamente, atirou um remate rasteiro e desviado. Estava marcado o primeiro tento.

Acicatado pela desvantagem, a somar-se à que transitava da primeira «mão», o Sintrense sacudiu a pressão contrária e pisou a grande área azul, mas com poucas probabilidades de êxito.

A segunda parte confirmou, em edição correcta e aumentada, a versão da primeira. O Belenenses carregou no acelerador e ao seu aumento de rapidez não correspondeu idêntica atitude do Sintrense. Daí uma clara supremacia dos visitantes.

O golo obtido pelos forasteiros nesse período saiu da sua persistência em atacar, mais forte que a teimosia sintrense em defender. A jogada foi algo dramática — com um defesa de Sintra a safar a bola de cima do risco, uma recarga pronta a levar o esférico à trave e, por fim, o pontapé final de Sérgio.

O feito entusiasmou o marcador, que buscou, interessado, a repetição da proeza. E, se o não conseguiu, deveu-se a isto: um belo remate encontrou um poste na sua trajetória e um outro, excepcionalmente espontâneo, proporcionou a Fidalgo uma defesa verdadeiramente extraordinária. Men-

cionamos esta jogada por ela ter constituído um momento invulgarmente belo no movimentado desafio.

Não se pense que o ponto de honra, alcançado pela turma de Sintra, haja brotado, por puro acaso, de uma jogada fortuita. Pelo contrário — resultado de nítida subida de todo o «team».

Gomes Ferreira e Baptista impulsionaram as avançadas, então repetidas da equipa, e quando o tento apareceu, já outro estivera prestes a surgir. Terá havido falha de Serrano, que largou a bola, mas existiu mérito na oportunidade de Dias, o autor do remate certo. Faltava pouco para terminar o desafio mas, efectivamente, ele acabou nessa ocasião.

O resto do tempo passou-se sem história. Os jogadores sentiam que estava escrita a deste desafio.

Rodrigues e Sérgio foram as figuras do Belenenses. Noutro plano, Luciano e Simões. Freitas jogou bem na primeira metade mas não manteve o mesmo acerto.

Fidalgo defendeu muito. É elástico e corajoso. Gomes Ferreira situou-se a seguir. Baptista sobresaiu na parte final. Vitor também justifica menção e Pardal tem pontapé de despacho de longo alcance. Arbitragem certa de Joaquim Campos.

FRANCISCO CAMILO

(Continuação da página central)

desejáveis mas avessas entre si — do bem e depressa.

... E já que nos adiantamos à análise do que foi a actuação da equipa sportinguista, digamos que não lhe faltou o contraste da excessiva retenção de bola por parte de Barão, especialmente. Poderá parecer paradoxo, isto de se considerar que o fracasso da exibição sportinguista assentou no negar-se a si próprio tempo para se furar a um futebol quase ao sabor do acaso, e, depois, censurar este ou aquele elemento que não foi lesto a passar a bola. Mas nada tem de paradoxal. Essas insistências individualistas de Barão nada adiantavam, não lançaram a luz na sombra. E não podiam, nem em brilho nem em eficiência, equiparar-se às «pausas» dos sadinos, em harmonioso trocar e retrocar a bola, á espreita do melhor momento para lançar um dianteiro, em desmarcação, no caminho do golo. Porque, mesmo quando recorria aos passes para trás ou para os lados, o «con-ze» de Setúbal organizava-se num plano de colectivismo. Nas demoras de Barão, havia, pelo contrário, a negação desse mesmo espírito de bloco.

★

Todo o encontro constituiria um

belo espectáculo de afã competitivo, mas em todos esses noventa minutos de febril entrega à luta foi flagrante, também, a diferença de estilos entre as duas formações — o Sporting, no seu futebol de conteúdo atlético, desta feita não apoiado numa razoável expressão de conjunto; o Vitória, estupendo de codícia, imaginação e entendimento global.

Por isso, o 2-0 ao cabo da primeira parte soava a falso, não retratava com fidelidade o que o jogo fora até então. Premiava a ideia «leonina» — bola na área adversária é hipótese de golo — com algumas culpas para Vital (aliás mal «coberto» pela sua defesa nas saídas pouco afortunadas) mas constituía pesada injustiça para o futebol mais «puro» e até mais ameaçador na construção de lances de golo.

O golpe de teatro surgiu no início do segundo tempo. Num ápice — entre os 2 e os 5 minutos — o Vitória passou de 0-2 para a igualdade. Com sorte no primeiro golo, pois o forte disparo de Petita, na marcação de um «divre» levou a bola a tabelar na barreira sportinguista e foi esse desvio que traiu Carvalho. Logo depois, o segundo golo, também nascido de um «divre» de Petita, superiormente concluído por Tomé, fulgurante no cabeceamento.

Justíssimo. O Vitória merecia que tudo voltasse ao princípio. E se os seus dois tentos resultaram de «divres», não deve considerar-se essa circunstância como negação da eficiência do tal futebol colectivo que elogiámos à turma sadina, de inutilidade da boa manobra do ataque. Porque foi precisamente o acerto perturbador dessas «tabelas» e triangulações (sempre um jogador desmarcado para receber a bola) que provocou inusitada perturbação na defesa do Sporting, levando-a a incurrir em «faltas» com uma frequência que também lhe não é habitual.

E o jogo seria assim, até ao derradeiro apito de um árbitro muito firme e promotor. Ora se impunha esse futebol de superior beleza dos setubalenses, ora o Sporting ameaçava destruir a organização adversa em «vagas» de assalto pleno de energia, mas sem um mínimo de clareza para vencer a firme defesa vitoriana.

As dúvidas foram até ao fim. E prevaleceram, para além do fim.

★

... Mas o Vitória tem direito a não se sentir contente com o empate que alcançou no terreno de uma equipa em boa condição, como se tem mostrado a do Sporting. Merecia mais, o afinadíssimo conjunto de Fernando Vaz, onde a entreajudade entre os sectores (aliás, a «confundirem-se» pela permanente ideia de apoio entre eles) foi o grande trunfo, mas onde se registaram, ainda, excelentes actuações individuais. Conceição, Cardoso, Herculano e Carriço dominaram quase sempre com facilidade a dianteira lisboeta, mostrando, todos eles, uma capacidade técnica que se quadra com o

estilo da equipa. Vital teve um jogo ingrato. Pareceu mal batido nos golos, embora no primeiro tenha havido muito mérito de Lourenço a cabecear a bola que o guardaio setubalense tentava captar — e culpas que não são suas no doce isolamento de Figueiredo, frente à baliza. Depois, para além dos golos, raros foram os lances em que pôde mostrar a sua real categoria.

Excelente o «drio» intermediário, especialmente Pedras. Pareceram-nos em «forma» menos apurada há oito dias, mas não nos custa rectificar essa opinião. Foi um verdadeiro comandante da equipa, sereno, lucido, excelente no domínio da bola e na organização das ofensivas. E esteve bem acompanhado pelos jovens Tomé e Vitor Baptista, hábeis e alegres como pardais no seu forcejar por todo o campo. Na frente, o madeirense Petita subiu mais um degrau na escada para a popularidade. Bons pés, ora de veludo a afagar a bola — logo de ferro, na violência dos disparos. E um «jeitinho» muito especial para dar «efeitos» caprichosos à bola. E uma alma de lutador no corpo meio. Um jogador em evolução para o cenáculo dos mais valiosos dianteiros cenários. Mas — cuidado com os «vetetismos»! — com muitos pormenores a trabalhar, intensamente. Muito bem, Jacinto João, hábil e sem egoísmos. Menos bem, Guerreiro, embora neste ou naquele lance sugerisse que vai voltar à sua «forma» de algumas semanas atrás.

★

Do Sporting já dissemos o que nos sugeriu a sua actuação no plano global. Faltará acrescentar que a defesa não foi o compartimento autoritário de outras tardes. Isto, muito por culpa dos sadinos, que traziam a bola controlada «da de trás» e surgiam nas proximidades da área em movimentação embaraçosa. José Carlos, especialmente, viu-se em grandes dificuldades e incorreu em numerosas «faltas».

Muito abaixo do habitual, a linha intermediária, de Barão a Peres, quando este deu a sua costumada colaboração ao sector. Gonçalves foi, ainda, o mais positivo, no esforço e nas tentativas de perfuração — que não no serviço aos dianteiros. E estes, poucas vezes servidos nas melhores condições, também raramente mostraram expediente para unirem os seus esforços. Figueiredo foi o mais ameaçador para as redes de Vital, Lourenço semelhou ilha perdida no mar de confusão e Manuel Duarte foi, lance após lance, dominado por Caniço.

★

Uma referência final, para a arbitragem. Mário Alves, de Beja, possui qualidades invulgares e poderá atingir rapidamente o primeiro plano. Um ou outro erro, sim. Extraordinário seria que o não tivesse, ele ou outro. Mas firmeza, personalidade, e, quase sempre, boa visão dos lances. Um árbitro à altura do melhor que o jogo teve.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda 1.º Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituinte, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na tabacaria do Bar Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

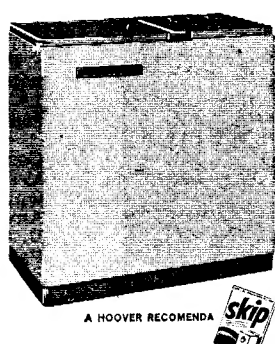
MAIS TEMPO LIVRE!
COM APARELHAGEM HOOVER



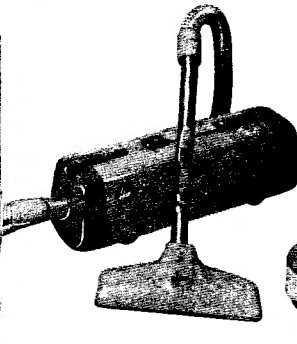
HOOVER



HOOVER KEYMATIC DE LUXO
DEZASSEIS PROGRAMAS TOTALMENTE AUTOMÁTICOS.
UTILIZA A JÁ FAMOSA CHAVE KEYMATIC.



MODELO HOOVERMATIC
LAVA, ENXAGUA E SECA 6 QUILOS DE ROUPA EM 8 MINUTOS.



ASPIRADORES CILINDRICOS HOOVER
MAIS COMPLETOS! MAIS PODEROSOS!!!
MAIS ECONÓMICOS!!!



ENCERADORAS HOOVER
MODELOS DE 2 e 3 ESCOVAS.
COM OU SEM SUÇÃO LEVES EM PESO E CUSTO!

DEMONSTRAÇÕES PERMANENTES NA SEDE E EM TODAS AS FILIAIS HOOVER

LEOPOLD SHIROI, LDA. LISBOA - PORTO - FARO - COIMBRA

Uma escola de voleibol a funcionar no Benfica

Há muito que se nota nos sectores do voleibol uma crise de praticantes, a reflectir o alheamento das camadas jovens por uma modalidade que inúmeros benefícios lhes proporcionaria.

Sem irmos mais longe, basta um relance pela zona da A. V. L., em cujos torneios e campeonatos se tem inscrito escasso número de equipas, tantas vezes o mínimo regulamentar para que as provas possam realizar-se.

Além do Lisboa Ginásio, do Benfica e do Nacional de Ginástica poucos mais clubes se têm feito representar nas provas oficiais de Juniores e de Juvenis. Na época em curso, além dos citados clubes inscreveram-se o C. D. U. L. e o Sintrense que, entretanto, mal iniciados os campeonatos respectivos, foram, devido à carência de jogadores, obrigados a desistir, permanecendo, até agora, só a equipa de Juniores do C. D. U. L. a assegurar, com as do Benfica, do Lisboa Ginásio e do Nacional de Ginástica, o prosseguimento do campeonato regional.

Cremos que a Federação se preocupa com o estudo de um plano eficiente de fomento da modalidade entre os jovens.

Continua a aguardar-se, para um futuro próximo, a concretização e o melhor êxito de tão premente iniciativa.

Mas, enquanto não surge o auspicioso arrebol, registemos, com o maior aplauso, o exemplo (mais um) que o Benfica acaba de proporcionar, como faceta do seu apreciável empenho de fomentar a modalidade que há muito registou o

S. L. B. como seu prestimoso pioneiro.

A escola de iniciação de voleibol do S. L. B.

Começou a funcionar, duas vezes por semana (quartas e sábados), no ginásio do Liceu Gil Vicente, uma escola de iniciação de voleibol que o Benfica faculta a todos os jovens dos 12 aos 15 anos, que queiram experimentar as suas possibilidades voleibolísticas.

Sob a orientação do antigo «internacional» e jogador benfiquista Fernando Monteiro, estão já a tentar as suas aptidões cerca de vinte jovens, e tudo leva a crer que, em breve, tal número aumentará.

E porque não?

É de aproveitar, jovens desportistas, a oportunidade que o Benfica vos oferece.

Deslocai-vos ao Liceu Gil Vicente, numa quarta-feira ou num sábado, inscrevei-vos lá mesmo (no ginásio) e depois segui o que os responsáveis pela iniciativa vos indicarem.

Deste cantinho aplaudimos, com o melhor augúrio, o exemplo do S. L. B., ansiando por nova oportunidade para assinalarmos o êxito do viveiro de futuros voleibolistas do Benfica.

E, para já, que outros clubes, com provas também já dadas no fomento da modalidade, sigam o exemplo do S. L. B. abrindo, de par em par, as portas dos seus ginásios a todos os jovens que desejem começar a «brincar» ao voleibol.

LUÍS CORREIA



Os atletas do Sporting vencedores categóricos do «Corta-Mato dos Dez»

O poderio dos «leões» bem expresso na 11.ª vitória consecutiva do «Corta-mato dos Dez»

O poderio dos «leões» parece manter-se inalterável, apesar dos ataques que lhe têm movido os «encarnados», aqui e além com êxito de assinalar. Ontem, no «Corta-mato dos Dez», disputado desta feita nos terrenos do Restelo, os «sportingistas» ditaram a lei do mais forte e de tal modo se portaram que cabe dizer que o seu trabalho em profundidade está intacto.

Do lote dos «leões», no qual não estava incluído Oliveira, há que destacar a acção extraordinária de um homem — Carlos Lopes — que veio a ser o vencedor individual com todo o mérito. Mas, também, não podemos deixar de apontar os nomes de José Lourenço, Aldegalega, Maximiano Pinheiro, Morujo Júlio, Fernando Cândido e Eduardo Simões. O primeiro, que tem à sua frente largo futuro, apresentou-se muito mais consciouso dos seus deveres, marcando até, por vezes, o ritmo da passada, que foi enérgica, mesmo duríssima.

O segundo e o terceiro, que têm dado largo contributo ao progresso das corridas de fundo, mantiveram o seu «diapasão», filiado mais na resistência do que na velocidade. Finalmente, dos três restantes há a dizer que sobem de forma e que

em breve estarão aptos a lutar com os mais categorizados.

Do lote do Benfica (sem a sua estrela — Anacleto Pinto), apenas três homens podiam dar luta. Referimo-nos a Carlos Tavares, José Manuel

colectivo, havia sómente que tirar partido das classificações individuais. E, para isso, os «encarnados» contavam com Carlos Tavares, que reaparecia em provas oficiais desta natureza, mas que não foi feliz, terminando em dificuldade.

Para além destes atletas, outros houve que fizeram o que de momento está ao seu alcance. No Sporting, apontem-se os nomes de José Nogueira, Amílcar Peres e Domingos Caquidinha; no Benfica, Rogério Feliciano e Carlos Alves; na C. U. F., Carlos Santos e António Trindade; no Belenense, Gaspar Guedes e Mário António e, no Atlético de Mosca, José Silvestre.

Em relação ao ano passado, o Benfica deu grande pulo. Enquanto em 1967 não formou equipa, agora, em 1968, já o conseguiu, mas ficou ainda muito afastado do seu rival (202 pontos contra 66).

Para se ter uma ideia da dureza do andamento basta indicar os tempos de volta a volta — 2 m 55,5 s; 5 m 46,2 s; 8 m 34,8 s; 11 m 23,6 s e 14 m 16,8 s. Daqui se pode deduzir que o vencedor — Carlos Lopes — fez uma média por quilómetro de 2 m 51 s o que é excepcional para corta-mato.

De resto, o tempo geral cronometrado é muito melhor do que o obtido no mesmo local nos campeonatos regionais da modalidade.

Dos três expoentes da modalidade dois estiveram ausentes e o terceiro falhou

Martins e Manuel Malarranha, já que os demais, na sua maioria juniores, não tinham força para enfrentar a «tempestade». Portanto, batidos, antecipadamente, no aspecto



Uma curiosa imagem do «Corta-Mato dos Dez». Os «leões» seguem já na posição em que terminaram — na frente

Novos métodos e orientação

na Associação de Atletismo de Lisboa

Não há dúvida que os novos dirigentes da associação de Atletismo de Lisboa encaram as responsabilidades da orientação da modalidade de uma maneira desassombrada. Ainda com poucos dias de «comando», estabeleceram já um plano de trabalhos ousado, do qual salienta-se, especialmente, uma prospecção na matéria, facto que até agora não tinha sido feito em tão larga escala.

Propõem-se, portanto, os dirigentes associativos «remexer» de alto a baixo a modalidade, pondo de parte teias burocráticas que têm vindo a impedir a expansão do atletismo, principalmente no sector juvenil, que não é mais do que a preciosa matéria-prima do futuro. Na sua última reunião, a direcção da A. A. L. atacou o problema a fundo, como podemos analisar através do seu comunicado, claro e preciso. Dos pontos principais do texto daquele documento salienta-se: os propósitos de estreitar e congregar os esforços de todos para um atletismo melhor em quantidade e qualidade; a sua acção disciplinadora e a sua intransigência em todos os casos que afectem a boa ética desportiva; e, sobretudo, as iniciativas que vão ser tomadas, não esquecendo, claro está, os condicionamentos inerentes.

Neste último campo de acção é firme propósito da Associação organizar provas de marcha — *corta-mato* (de captação para não filiados nos escalões mais jovens, a disputar em diversos bairros da capital); um torneio a realizar em Abril com a participação de atletas do «Oxford University Athletic Club»; o Grande Prémio de Lisboa, com a presença de atletas de representação internacional; provas para jovens não filiados em diversas localidades da área ligada à A. A. L. (exemplo: Barreiro, Montijo, Almada, Cova da Piedade, Loures, Oeiras, etc.) e, finalmente, colóquios para a divulgação da modalidade com a apresentação de filmes.

A terminar esta sucessão de ideias e depois de uma *mesa-redonda* com os representantes das associações do Porto e de Viseu e membros da F. P. A., verificou-se uma unidade de pensamentos que levou

a concluir, com plena concordância dos interessados, quão útil seria um Congresso Nacional do Atletismo, no qual se debateriam todos os assuntos para um planeamento geral da modalidade.

RÁGUEBI A. Amadora e Direito — dois «pequenos» em realce

A primeira jornada da segunda fase dos «mini-campeonatos» que a Federação decidiu, por bem, organizar, teve algumas curiosidades que importa realçar.

A primeira e mais importante, foi a bela ideia de o jogo C. D. U. P. — C. D. U. L. se ter efectuado em Braga. Os campeonatos nacionais, com o seu estilo de jogo alegre e espectacular, todo feito de «souples» e rapidez, poderão contribuir para o nascimento do interesse da juventude bracarense pela modalidade. Aliás, o ráguebi é um desporto que se adapta bem ao espírito das pequenas cidades. Recordemos que, em França, as principais equipas não pertencem às grandes cidades como Paris, Lyon, Marselha ou Bordéus, mas sim a Lourdes, Mont de Marsan, Brive, Narbonne, Dax e outras pequenas cidades da província onde a união entre os ráguebistas é mais fácil de conseguir.

Oxalá que a ideia venha a dar frutos, embora a falta de auxílio entrave a realização de quaisquer iniciativas, pois o Fundo de Fomento deu, como auxílio, a um clube, sem sócios e com quase cem atletas inscritos, duas bolas de ráguebi...

Os homens do ráguebi, porém, lutam e persistem. Exemplo disso é essa magnífica Académica da Amadora que, contra incríveis dificuldades, sem qualquer ajuda, lá vai comparecendo, todos os anos, e obteve, ontem, a sua primeira ou segunda vitória.

Vencendo Económicas, a Académica da Amadora provou que o

cerne é bom e dentro de anos poderá vir a ser, em relação a Lisboa, o que a Samboyana é para Barcelona.

A outra curiosidade foi dada por Direito. Este clube, há anos, dificilmente reunia os quinze jogadores para formar uma equipa. Pois, ontem, apresentou em campo quatro equipas e obteve três vitórias.

Pena foi que a falta de fundos obrigasse a equipa B de juvenis a não se deslocar a Coimbra. Tal não aconteceria se os cursados em Direito se lembrassem de auxiliar o clube da sua Faculdade.

///

O Benfica confirmou a sua boa forma actual, assim como o Técnico Cremos que estes dois «quinze» irão decidir o campeonato nacional. C. D. U. L., este mais que nenhum, C. D. U. P., Belenenses e Académico serão perigosos «outsiders».

///

O Torneio de Abertura de Juniores foi ganho pelo C. D. U. L. A, que obteve o mesmo número de pontos que o Benfica B. A igualdade entre os dois «quinze» era tal que esgotaram quase todas as soluções de desempate, excepto uma: a disciplinar. O Benfica teve três jogadores expulsos, em todo o torneio, e o C. D. U. L. apenas um. No mais, pontos, ensaios, e penalidades estavam empatados. São, sem dúvida, as duas melhores equipas na categoria.

FLY-HALT

O «Critério de Perícia de Lisboa»

Com a participação de 50 concorrentes, realizou-se, ontem, na Praça do Império, o «Critério de Perícia de Lisboa», prova automobilística integrada no «Critério de Iniciados de 1968», em que se disputaram duas taças para equipas não concorrentes aos Campeonatos Nacionais.

Esta feliz iniciativa, que pertenceu mais uma vez ao Clube Arte e Sport, teve em José Luís Rufino (E. F. Torres Vedras), em «Morris Cooper 5», com 708 pontos, um digno vencedor.

Em relação às melhores pontuações a classificação geral ficou assim ordenada:

2.º, António Carvalho Dias (Arte e Sport), em «Austin Cooper 5», 710 pontos; 3.º, Vítor Paiva Silvano (C. Molaflex), em «Morris Cooper S», 716; 4.º, Manuel Costa Silvério (F. Ciências), em «Morris Cooper», 725; 5.º, Alvaro Lamy Vicoso (E. F. Torres Vedras), em «Austin Cooper», 733; 6.º, Júlio Mota Jorge (Arte e Sport), em «Austin Cooper S», 750.

res Vedras; 2.º, Clube Arte e Sport; 3.º, F. Ciências.

Classe I — Júlio Pereira (Têxtil Bargas), em «N. S. U. - Prinz», 799 pontos. Classe II — Jorge Dias Duarte (Arte e Sport), em «Morris 850», 759 pontos; Classe III — Manuel Costa Silvério (F. Ciências), em «Morris Cooper», 725 pontos; Classe IV — Jorge Presas (F. Ciências), em «Hillman Imp», 750 pontos; Classe IV-A — José Luís Rufino (E. F. Torres Vedras), em «Morris Cooper S», 708 pontos; Classe V — Rogério Silva (E. F. Torres Vedras), em «OpeI 1700», 770 pontos; Classe VI — António Santos Ferreira (individual), em «Austin Sprite», 793 pontos; Classe VII — Manuel Cruz Mariano (G. D. Trabalho), em «Alfa-Romeu», 771 pontos.

Prova de Perícia — Vítor Paiva Silvano (Arte e Sport). Prova de Maneabilidade — José Luís Rufino (E. F. Torres Vedras).

Taça Câmara Municipal de Lisboa — José Luís Rufino.

«Coupe des Dames» — Celeste Rocha (Arte e Sport), em «Morris Cooper S».

Por equipas — 1.º, E. Física Tor-

CASSIUS Clay o ex-campeão mundial de todas as categorias, está arruinado. Não tem um centavo ou mais exactamente apenas lhe restam umas escasas centenas de dólares, depois de ter ganho mais de três milhões durante a sua fulgurante carreira pugilística, violentamente terminada pelo negativa do campeão em vestir o uniforme militar.

Clay, ou Mohamed Ali, como gosta que lhe chamem desde que se filiou na seita dos muçulmanos negros, acaba de romper com o seu último advogado, que se havia encarregado da defesa no processo que terminou com a condenação a cinco anos de prisão e o pagamento de uma multa de 10 000 dólares, embora o pugilista esteja em liberdade condicional. A razão desta rutura não há que procurá-la em questões técnicas mas apenas porque o advogado não quer defender um cliente sem dinheiro.

O destronado campeão recorreu à União Americana de Liberdades Civis, organismo fundado por um grupo de advogados com o objectivo de defender desinteressadamente a certos processados carceris de meios económicos.

Onde estão as avultadas somas que cobrava o fabuloso ex-campeão e sobretudo as que recebeu, das bolsas dos seus últimos combates em defesa do ceptro mundial? Talvez nas arcas dos muçulmanos negros a quem veio a convir estupidamente a subita vocação do pugilista.

Cassius Clay foi apadrinhado e patrocinado por um grupo de industriais de Louisville, no Kentucky, sua cidade natal. O grupo tinha subscrito um contrato pelo qual embolsava elevada percentagem dos lucros obtidos pelo jovem, no quadrilátero. Porém esses industriais preocuparam-se em aplicar o dinheiro do seu pupilo em vários negócios, tratando de assegurar o seu futuro.

Contudo, abandonado os conselhos dos seus conterrâneos e dando ouvidos a Elijah Muhamed, cabeça visível dos muçulmanos negros, vendeu todas as suas propriedades para dedicar-se a pregar as crenças da sua seita em todos os pontos

Ganhei a paz de espírito — insiste Clay — mas preciso de dinheiro. Esta é a causa porque desejo voltar a subir ao «ring».

Desde logo o pugilista voltaria

única razão porque quer voltar é o dinheiro.

Por outro lado e relativamente à negativa de Clay em incorporar-se nas fileiras, o assunto continua

mundial, aumentando a sua conta-corrente.

Prejuízo económico

A carta, que tem uma extensão de 17 páginas dactilografadas a dois espaços, recorda como Clay tentou em primeira instância persuadir o Conselho de Revisão de Louisville a reformar a legislação vigente acerca do serviço militar obrigatório, pois que, em caso contrário «lhe causaria um prejuízo económico irreparável». Depois expôs como único motivo da

por François LAMBERT

sua negativa que era o único sustentáculo de sua mãe e uma terceira escusa foi que tinha que pagar 15 000 dólares anuais de pensão alimentícia a sua ex-esposa e por último que era objectivo de consciência e sacerdote muçulmano e não podia portanto intervir numa guerra. Referia-se à do Vietnam onde possivelmente iria «dar com os ossos» como mais de meio milhão de jovens norte-americanos.

«Este foi o último motivo invocado por Mohamed Ali para alcançar a sua dispensa de incorporação nas fileiras. Todos os anteriores eram de natureza económica», conclui a carta e o Serviço de Objectores de Consciência insiste na sua petição de que se confirme o veredicto de Houston, Texas.

Cassius Clay surge-nos, nesta imagem, em alegre expressão de triunfo. Mais um adversário tombara, aos golpes dos seus punhos demolidores. Mas agora é o próprio Clay quem está á beira do «K. O.»...

Não parece, portanto, que existam muitas possibilidades de que Clay volte a subir a um ringue. Este combate que mantém o antigo campeão com as autoridades americanas é muito mais difícil do que os que manteve com Sonny Liston, Mildenerger ou Floyd Patterson. Washington é muito mais forte do que o rapaz de Louisville, para muitos o melhor pugilista de todos os tempos.

«A BOLA»

Entra hoje no seu 24.º ano de publicação o nosso prezado colega desportivo «A Bola», que de há muito conquistou destacada posição e merecido prestígio no sector da informação e comentário do desporto.

Nas pessoas dos seus directores, dr. Vicente de Melo, editor, José Gonçalves Bandeira, e chefe de redacção, Vítor Santos, saudamos todos os que trabalham em «A Bola», expressando-lhes as melhores felicitações.

O Desportivo Saprissa campeão da Costa Rica

SÃO JOSÉ DA COSTA RICA, 29 — (F. P.) — Terminou o campeonato de futebol da Costa Rica com a vitória final do Desportivo Saprissa. O anterior detentor do título, o «Alajuelense», classificou-se em 2.º lugar.

CASSIUS CLAY

À BEIRA DO «K. O.» DEFINITIVO

do país e ainda alguns no estrangeiro.

Regresso ao «ring»

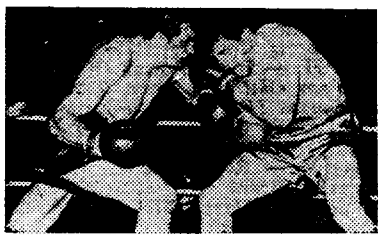
Clay tem agora um desejo enorme de voltar ao quadrilátero. Não há razões desportivas ou de estrita «aficção» no seu desejo, quer voltar simplesmente porque necessita com urgência de dinheiro para aliviar a sua situação. Para o jovem descendente de uma família de escravos, ver-se na pobreza, depois de ter conhecido a glória e o dinheiro resulta demasiadamente amargo e difícil de resistir.

a ganhar dinheiro em grandes quantidades. Com um curto período de treino, voltaria a varrer os oito «honours» que participaram no torneio de eliminação, organizado para preencher a vaga que deixou no trono dos «pesados».

Em qualquer caso, os bons adeptos do boxe ficarão desgostosos ao saber que um pugilista como Clay, que alcançou o ceptro mundial sem ter sequer jamais um pómulo inchado ou partido uma arcada supraciliar, sem haver sofrido a menor punição, não sinta a menor mágoa por ter renunciado ao desporto e declarou que a

muito sério para ele. Numa carta dirigida à comissão encarregada de rever o seu processo, o chefe do Serviço de Objecções de Consciência do Departamento do Estado de Washington pediu que Cassius seja definitivamente classificado entre «os refractários» e enclausurado imediatamente.

Esta importante autoridade judicial põe em relevo o facto de que Clay intentou furtar-se ao cumprimento do serviço militar obrigatório, não por razões de tipo religioso, como pretende, mas para poder continuar a defender sem riscos o seu título de campeão



ANO BISSEXTO / ANO OLÍMPICO (2)

por SÉRGIO RIBEIRO

TÊM-ME chegado às mãos documentos sobre México-68.

Noticiário Olímpico, Carta Olímpica, Resenha Gráfica. O Noticiário Olímpico é uma publicação semanal e visa, sobretudo, a informação. Informação variada, oportuna, mas nem por isso abdicando de uma certa intenção esclarecedora sobre o significado dos jogos. Destes jogos.

A «Carta Olímpica» é uma publicação com um cuidado gráfico muito maior. Mantendo os jogos como tema, apresenta gravuras e texto de nível cultural. Em cada um dos que me chegaram às mãos se reproduz, a cor, um motivo cultural. Um quadro de Siqueiros, uma tapeçaria, a cúpula de um convento dominicano.

«Resenha Gráfica» parece-nos ter uma característica menos definida. Um deles, apresenta-nos doze museus do México, com larga apresentação de fotografias e um curto texto a acompanhar. Um outro, faz-nos a reportagem, sobretudo fotográfica, do treino para as competições desportivas.

O que quero salientar é este aspecto variado que o «departamento de publicações» vai apresentando. Assim se concretizam os princípios que os organizadores quiseram enunciar e que me levam a pensar nestes jogos como qualquer coisa de importante. Para além do encontro de super-homens batedores de recordes. Encontro de culturas, confronto das manifestações particulares de um mesmo e universal património socio-cultural. Encontro de homens.

O México lançou-se nos jogos que está a organizar com uma clara intenção de os fazer ficar na história. Poder-se-á discutir o afirmado propósito de se mostrar à juventude do mundo as virtudes de um México «em pleno desenvolvimento económico e a gozar de estabilidade política», de um México, nação jovem e moderna, possuidora de uma avançada técnica e que vive um

tranquilo e promissor presente», de um México (que) reunirá um grande número de jovens do mundo inteiro para lhes mostrar como vive um país livre». Mas não podemos senão dar aplausos às afirmações de que «o propósito presidencial é oferecer a esses jovens um panorama optimista do mundo, ainda que não haja, actualmente, muitas razões para ser optimista, e fazê-lhes ver que o ideal do México é conseguir que se entendam os homens independentemente da sua raça, religião ou credo político». E, passando por sobre a possível contestação de ter sido sempre essa a meta, citamos, aderentes: «Cada vez mais os homens se aproximam dos limites da sua capacidade física. E desejo que cada vez mais se manifeste, em sua pureza, a meta mais elevada destes acontecimentos: a convivência e a paz».

No mesmo discurso de que ti-

rámos as passagens citadas, o presidente do «Comité Organizador dos Jogos», arq.º Ramírez Vázquez, informou que os acontecimentos culturais se prolongarão ao longo de todo o ano, enquanto que as competições atléticas decorrerão entre 12 e 27 de Outubro. O México transformou-se, assim, no pioneiro da «olimpiada cultural». Na altura do discurso, finais de Setembro, foi informado que deveriam deslocar-se, ao México, a Ópera de Berlim, a Orquestra Sinfónica de Leipzig, o Ballet de Bruzela, sete corpos de «ballet» e grupos musicais da União Soviética e da Checoslováquia, a Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Francesa, além de outras manifestações culturais e artísticas que irão alternar com realizações paralelas mexicanas.

